

Para Além do Binário – Desafios de tradução suscitados pela obra *I Wish You All the Best*, de Mason Deaver

Dissertação de Mestrado

Maria Angélica Raposo Carreiro

Mestrado em

Tradução e Assessoria Linguística



Para Além do Binário – Desafios de tradução suscitados pela obra *I Wish You All the Best*, de Mason Deaver

Dissertação de Mestrado

Maria Angélica Raposo Carreiro

Orientadora

Professora Doutora Leonor Sampaio da Silva

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Tradução e Assessoria Linguística



If in extreme situations of violations of human rights and moral principles, the academia refuses to criticize and take a side, it collaborates with the oppressing system.

Mona Baker

Translators have to prove to themselves as to others that they are in control of what they do; that they do not just translate well because they have a “flair” for translation, but rather because, like other professionals, they have made a conscious effort to understand various aspects of their work.

Mona Baker

I have learned that oppression and the intolerance of difference come in all shapes and sexes and colors and sexualities; and that among those of us who share the goals of liberation and a workable future for our children, there can be no hierarchies of oppression...I cannot afford the luxury of fighting one form of oppression only. I cannot afford to believe that freedom from intolerance is the right of only one particular group. And I cannot afford to choose between the fronts upon which I must battle these forces of discrimination, wherever they appear to destroy me. And when they appear to destroy me, it will not be long before they appear to destroy you.

Audre Lorde

Agradecimentos

À minha orientadora, a professora doutora *Leonor Sampaio*, que acabou por acompanhar todo o meu percurso universitário, e à qual agora agradeço por toda a paciência, empenho, disponibilidade, paixão e espontaneidade que partilhou não só nesta etapa, mas nestes últimos sete anos.

À minha diretora de mestrado, a professora doutora *Dominique Faria*, por todo o carinho e busca pelo saber tradutório, de uma forma tão interessante e completa.

À minha professora *Ana Brasil*, por me ter incentivado a trabalhar esta temática enquanto projeto de dissertação de mestrado. Foi muito mais difícil do que aquilo que alguma vez podia esperar, mas também muito mais gratificante. O desafio foi aceite e espero que tenha feito justiça a este tema que é tão importante para mim.

À minha mãe, a minha querida *Belinha*, por tudo o que sacrificou por mim, por todas as noites malpassadas e por todas as palavras constantes de apoio e de carinho. Por tudo o que rezou por mim. Por tudo o que me ensinou. Por ter sempre acreditado em mim, mesmo quando eu duvidava de mim mesma. És uma chata, mas do fundo do coração, *obrigada*.

Ao meu pai, o meu *José Carreiro*, já com os seus 86 anos, por tudo o que fez por mim, por toda a paciência e amor, por mesmo que não perceba tudo aquilo em que este trabalho consista, nunca me ter deixado de apoiar.

À minha querida prima de coração, a minha *Lurdinhas*, já com os seus 94, e que mesmo à distância de um dito oceano atlântico, sempre me motivou, sempre se preocupou e sempre me transmitiu amor e carinho. Por muitos mais anos *Lurdinhas*.

A quem me acompanhou nesta caminhada. A quem partilhou este percurso académico comigo e que guardarei para sempre comigo. À minha restante família.

Ao meu *Isaac* e à minha *Nicole*. À minha *Moniz* e à minha *Correia*. Ao meu *Rafael*. Pelo apoio incondicional, pelos momentos de distração e pelas brincadeiras.

Ao meu colega *Miguel*, pelos desabafos, os incentivos, as madrugadas e as discussões sobre as terminações em [-e] e o queer. Mesmo que apenas nesta reta final, acho que nunca saberás o quão importante foi a tua ajuda. Espero que continues a ser como és e que não desistas dos teus objetivos. *Logo há mais*.

To my dear and lovely friend *Ally*. Words can't explain how much your friendship, support, and love means to me. I love you. May our worlds meet one day. *Inshallah*.

A quem já partiu. A quem já não tem a hipótese de estar cá. *Saudades*.

Resumo

A presente dissertação de mestrado propôs-se evidenciar as dificuldades de tradução resultantes da linguagem tipicamente associada às identidades de género não-binárias, mediante a sua passagem da língua inglesa para a língua portuguesa, bem como encontrar alternativas que evitem uma marcação de género binária no texto de chegada. Para este efeito, selecionou-se como objeto de estudo a obra *I Wish You All the Best*, de Mason Deaver, no que respeita à linguagem direcionada à sua personagem principal e não-binária, Ben de Backer. De seguida, foram selecionadas palavras e/ou construções de índole neutra na língua inglesa, passíveis de apresentar uma problemática de índole binária na língua portuguesa. Encontrar as possíveis abordagens e estratégias de tradução mais indicadas para esta tarefa revelou-se um processo multifacetado, plural e criativo que, tal como o presente estudo acabou por comprovar, nunca seria possível num vácuo. Foi a partir de uma perspetiva interseccional, ideológica e inclusiva, bem como de todo um enquadramento teórico sobre questões relacionadas com o género e a linguagem – como percecionadas pelo feminismo e a teoria queer – além de uma análise às vertentes ativista, feminista e queer da tradução que se chegou às diferentes conclusões no presente estudo. Neste âmbito, as contribuições de figuras como Judith Butler, Mona Baker e Marc Démont impulsionaram uma contemplação fundamentada e aprofundada destas matérias, para além de potenciarem a desconstrução e subversão de diferentes categorias binárias subjacentes ao género, à linguagem e à tradução. Em particular, procurou-se aprofundar, ao nível teórico e prático, o modo como a linguagem e a tradução podem servir como ferramentas de opressão/libertação ao moldarem a perceção, as narrativas e a própria realidade. Observar a relação entre estas áreas permite um olhar mais inclusivo, consciente e elucidativo das várias forças de poder que se opõem a estes valores. Promover a manutenção da diferença, impulsionar a visibilidade linguística e social desta minoria de género e compreender as implicações éticas e políticas subjacentes a este tipo de projeto tradutório foram também preocupações centrais deste projeto.

Palavras-chave: género, linguagem, queer, ideologia, tradução.

Abstract

This master's dissertation aimed to highlight the translation challenges resulting from the language typically associated with non-binary gender identities, through the transfer from the English language to the Portuguese language, as well as finding alternatives that avoid a binary gender marking in the target text. For this purpose, the book *I Wish You All the Best* by Mason Deaver was selected as the case study regarding the language concerning its main and non-binary character, Ben de Backer. Subsequently, gender neutral words and/or constructions in the English language were selected, due to their potential to introduce binary gendered forms in the Portuguese language. Identifying the most suitable approaches and translation strategies to carry out this task turned out to be a multifaceted, plural and creative process, which as the present study ultimately established, would never be possible in a vacuum. An intersectional, ideological, and inclusive perspective was carried out, based on a theoretical framework regarding issues related to gender and language – as perceived by feminism and queer theory – in addition to an analysis of activist, feminist and queer facets of translation that allowed for different conclusions in the present study. In this regard, the contributions of figures such as Judith Butler, Mona Baker, and Marc Démont leveraged a well-founded and in-depth contemplation of these matters, in addition to promoting the deconstruction and subversion of different binary categories that underly gender, language and translation. Specifically, it proved crucial to develop an understanding of the ways both in theoretical and practical terms in which language and translation can serve as tools of oppression/liberation by shaping and altering perceptions, narratives, as well as reality itself. To observe the relationship between these different fields allows a more inclusive, conscious and insightful look at the various forces of power that oppose these values. Promoting the maintenance of difference, encouraging the linguistic and social visibility of this gender minority, and understanding the ethical and political implications underlying this type of translation project were also main concerns of this project.

Keywords: gender, language, queer, ideology, translation.

Índice

Introdução	1
1. Género e Linguagem -Novos Rumos e Desafios	13
1.1. Género	13
1.1.1. Género e/ou Sexo?	13
1.1.2. Uma Perspetiva Histórica e Cultural do Género	17
1.1.3. Desconstrução do género – Feminismo e Teoria Queer	21
1.2. Linguagem	23
1.2.1. Linguagem Enquanto Opressão/Libertação	23
1.2.2. O género gramatical e o masculino genérico	25
1.2.3. A Neolinguagem	29
2. Literatura Queer – Perspetiva histórica, cultural e nacional	34
2.1. Queer Instável e Subversivo.....	34
2.2. Considerações sobre a Literatura Queer.....	35
2.2.1. <i>I Wish You All the Best</i> enquanto Literatura Queer.....	43
2.2.2. Mason Deaver e a visibilidade queer	46
2.3. Clássicos Queer	47
2.4. A Realidade Portuguesa	48
3. A (In)Visibilidade da Tradução e das Minorias	52
3. 1. A Viragem Cultural dos Estudos de Tradução	52
3. 2. Tradução Ativista.....	54
3. 3. A Tradução Feminista.....	61
3.3.1. Estratégias de Tradução Não-Sexistas	65
3. 4. Tradução Queer	68
3.4.1. Modos de Tradução do Queer	70
4. Algumas Propostas de Tradução Comentadas	74

4.1. Questões Metodológicas.....	74
4.1.1. Parâmetros e Abordagens.....	75
4.1.2. Ben	78
4.1.3. Reações de Ben	83
4.2. Propostas de Tradução Comentadas	85
4.2.1. Proposta 1	85
4.2.2. Proposta 2.....	88
4.2.3. Proposta 3.....	91
5. Análise dos Casos de Tradução.....	94
5.1. Análise dos Casos.....	94
5.1.1. Narração de Ben	94
5.1.2. Discurso Direto – Personagens Conhecedoras.....	97
5.1.3. Discurso Direto – Personagens Conhecedoras na presença de Personagens Não-Conhecedoras.....	103
5.1.4. Discurso Direto – Personagens Não-Conhecedoras.....	110
5.2. A Utilidade dos Instrumentos Teóricos.....	116
Conclusão	124
Bibliografia	131
Bibliografia Primária	131
Bibliografia Secundária	131
Webgrafia.....	136

Introdução

Em pleno século XXI, a literatura queer ainda é alvo de censura por parte de diferentes grupos da sociedade. Como exemplo, refira-se que a obra central deste trabalho, *I Wish You All the Best* (2019), foi banida em bibliotecas dos estados norte-americanos do Texas, Flórida e Tennessee¹, por incluir personagens LGBTI+² (Layton, 2023). Não obstante, a literatura queer tem continuado a crescer mediante a evolução dos direitos LGBTI+ em diferentes partes do mundo. Neste sentido, ao considerar uma sociedade global em que a linguagem tem agido tanto como ferramenta de resistência, como ferramenta de opressão, não só a literatura queer, como também a tradução, podem assumir, assim, um papel decisivo e incontestável numa luta contínua por um mundo mais inclusivo, diverso e equitativo.

Desta forma, na presente dissertação de mestrado, procura-se elaborar uma tradução, da língua inglesa para a língua portuguesa, da obra *I Wish You All the Best*, de Mason Deaver, em duas vertentes: uma tradução queer e uma tradução neutra. Estas traduções terão por base os casos concretos em que a marcação de género mostra-se inevitável na língua de chegada, para além de uma consequente análise e reflexão dos mesmos. Esta abordagem dupla justifica-se pelo facto de se procurar demonstrar que o respeito pelas comunidades marginalizadas deve ser uma preocupação tão presente na nossa sociedade quanto o que a língua portuguesa merece. Até porque este trabalho só é possível devido aos vários desafios que a língua portuguesa (bem como a sua sociedade) apresenta ao uso da linguagem não-binária, neutra e/ou inclusiva, particularmente na sua variedade europeia, desde a existência do género gramatical e o uso do masculino genérico aos diferentes níveis de concordância

¹ Veja-se, a propósito, o que diz Mason Deaver, figura autoral da obra, sobre este alvo de censura: «we live in a world where people think kids having access to books that help them feel understood, that might grant them the ability to feel a little less alone in this world, are dangerous. i used to think i was lucky enough to have avoided having my books pulled from libraries, but this year alone, librarians in texas, florida, and tennessee have been forced to pull my books, and countless others by queer, Black, Indigenous, Latinx authors, books that simply dare to talk about lived experiences, books that want to teach kids understanding and empathy; books that were written because we didn't have them for ourselves, so we wrote them for the future instead. it hurts, to know that kids who need these books, who want to read them, won't have the chance because of a few cowardly adults who are too afraid to show even a little compassion for those around them, for the myriad of experiences real life people face every single day in this country. but we fight. authors, librarians, booksellers, publishers. we fight because we know it's the right thing to do». Informação disponível em: https://www.instagram.com/p/Cx_EKj0xZZT/?hl=en

² A sigla LGBTI+ é uma abreviação de Lésbia, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo. Outras variantes são: LGBTQIA+, LGBTQQIP2SAA e 2SLGBTQI+. Neste trabalho optou-se pelo acrónimo LGBTI+ por refletir a preferência da ILGA Portugal. Note-se ainda que o sinal de adição serve como um símbolo inclusivo que representa e engloba as demais identidades sexuais e identidades de género como *queer*, *questioning*, *pansexual*, *two-spirit*, *androgynous*, *asexual*, etc.

necessários para a funcionalidade da língua e à impenetrabilidade da mesma no que respeita a novas construções. Pretende-se, assim, colocar em evidência as diferentes possibilidades e alternativas viáveis para o uso de uma linguagem considerada não-binária, neutra e/ou inclusiva na língua portuguesa, de modo a conseguir ultrapassar as limitações impostas pela mesma. Posto isto, para além de todas as considerações que um ato translatório impõe, foi de igual modo pertinente todo um enquadramento teórico nas áreas dos estudos culturais, do feminismo e da teoria queer.

Publicada em 2019, *I Wish You All the Best*, explora diferentes temáticas relacionadas com a juventude e com a comunidade LGBTI+, mas destaca-se sobretudo pela visibilidade que proporciona a esta comunidade. A personagem principal, Ben de Backer, é uma pessoa não-binária e queer e é sua melhor amiga, Mariam, é, também, uma pessoa não-binária – sendo que ambas usam os pronomes they/them – para além de esta ser pansexual³ e pertencer à comunidade xiita⁴. Note-se que a designação “pessoa não-binária” pode assumir diferentes sentidos, em diferentes contextos, sendo que na sua conceção mais básica, serve como termo abrangente de múltiplas identidades de género que se situam fora do paradigma tradicional binário de mulher/homem e feminino/masculino. Já o amigo e interesse romântico de Ben, Nathan, é bissexual, embora esta informação só seja confirmada no epílogo da história. Através destas personagens, torna-se, assim, evidente a preocupação de Mason Deaver em apresentar um leque diverso de experiências e de realidades não-conformistas.

Narrada na primeira pessoa, a história segue Ben, que após revelar a sua identidade de género ao seu agregado familiar acaba por ter de sair à força da sua casa. Perante este desenvolvimento, Ben só tem uma solução: entrar em contacto com Hannah, a irmã com quem não fala e não vê há mais de 10 anos. Esta mudança repentina vai ser responsável por Ben ter de encarar uma nova realidade: casa nova, escola nova e pessoas novas. Com altos e baixos, Ben vai contar com a ajuda da psiquiatra Dra. Taylor para conseguir navegar este tumulto de emoções e reparar a relação com a sua irmã. Desta forma, a obra retrata um cenário próximo da comunidade LGBTI+ em que são abordados temas como a identidade de género, o abandono e a saúde mental.

³ Entenda-se por pansexual: «relativo a ou pessoa cujas possibilidades de relacionamento sentimental e orientação sexual não são, assumidamente, limitadas por qualquer questão de género ou de identidade sexual». Informação retirada de: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pansexual>.

⁴ Do xiismo, «ramo do Islão que considera Ali (genro de Maomé) e os seus descendentes como os únicos legítimos sucessores de Maomé». Informação retirada de: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/xiismo>.

A relevância desta obra para o corrente estudo prende-se, assim, em particular, com a personagem de Ben de Backer. Esta decisão justifica-se não só pelo facto de Ben ser protagonista e narrador da história, mas, também, pelo facto de a identidade de género de Ben estar subjacente a toda a obra enquanto elemento central e condutor da narrativa. Neste sentido, há que, em primeiro lugar, delinear qual a posição a ser tomada em relação ao tipo de linguagem a ser usada na tradução – ou seja, se se irá respeitar ou não a identidade de género de Ben e toda a linguagem a esta associada. Ora, ao optar-se por ser-se fiel a esta personagem e à sua história – sendo este um dos objetivos principais deste trabalho – há que tomar uma outra decisão: respeitar ou não respeitar as convenções estabelecidas na língua portuguesa.

Esta é uma decisão que, embora controversa, torna-se inevitável ao considerar o objetivo deste trabalho e as características intrínsecas às línguas em estudo. Isto, porque, enquanto na língua inglesa há uma maior abertura e facilidade para o uso de construções não-binárias, neutras e/ou inclusivas, na língua portuguesa verifica-se o oposto, por esta ser uma língua marcada pelo género e onde o masculino genérico é a norma (Auxland, 2020: 62-63). Por este motivo, será necessária uma maior criatividade a nível linguístico de modo a ultrapassar tais limitações. É de notar que esta tarefa será ainda mais complexa pois nem todas as personagens sabem que Ben é uma pessoa não-binária – o número de personagens que sabem esta informação aumenta ao longo da obra. A forma como estes detalhes vão interagir com a língua portuguesa são, assim, os pontos fulcrais dos desafios encontrados na tradução para português do texto de partida.

A partir destes diferentes elementos pode-se concluir que a comunidade LGBTI+ e uma faixa etária mais jovem são o público-alvo desta obra, tanto na cultura de partida como na cultura de chegada. Contudo, ao considerar a estrutura da obra, quer em termos da narrativa, quer na forma como aborda estas temáticas mais sensíveis, a mesma constitui-se como uma boa introdução à forma de pensar, viver e sentir desta comunidade. Não só por este motivo, mas também pelo facto de a linguagem não-binária, neutra e/ou inclusiva ser ainda pouco usada pela comunidade LGBTI+ de Portugal, a tradução pode, assim, assumir um carácter informativo na cultura de chegada.

É de notar também que *I Wish You All the Best* continua a ser uma das poucas histórias onde existem mais do que uma personagem não-binária e onde estas assumem o papel de personagem principal. É neste sentido que importa referir que a obra apresenta uma perspetiva singular devido ao facto de Mason Deaver, que a assina, ser também uma pessoa não-binária. Este é um detalhe que merece ser destacado e que fortifica a importância e a

representatividade da obra, pois, para além destas histórias serem regularmente eliminadas, censuradas e/ou reconstruídas, são normalmente escritas e representadas por pessoas cisgénero⁵ (Keegan, 2016: 52). Como resultado, as vozes das próprias pessoas não-binárias são negligenciadas em prol das narrativas partilhadas por pessoas cisgénero que, por sua vez, acabam por recorrer a estereótipos (Thomas, 2019: 2; Keegan, 2016: 52) que contribuem para um diálogo mais prejudicial e perigoso do que inclusivo e informativo.

É por este motivo que *I Wish You All the Best* acarreta uma responsabilidade acrescida, pois não se trata apenas de uma história importante na esfera ficcional, mas sobretudo de uma história necessária no mundo real. Nas palavras de Mason Deaver: «[t]his book is what I needed when I was fifteen, when I was eighteen, and it's still the story I need in my twenties. This is how a lot of stories are born: out of necessity» (Deaver, 2019: 299). Neste sentido, ao considerar que a literatura pode, simultaneamente, agir como um espelho⁶, ao refletir as nossas experiências individuais, e como uma janela, ao abrir os nossos horizontes para experiências que nos são alheias (Layton, 2023), a obra *I Wish You All the Best* é o exemplar perfeito desta dualidade. Por um lado, trata-se de uma obra escrita por uma pessoa não-binária, sobre uma personagem não-binária, no contexto de uma sociedade que exclui e silencia quem não é convencional, tornando-se, assim, um marco de visibilidade e representatividade para esta comunidade. Por outro lado, a história tem a possibilidade de aproximar e de dar a conhecer estas experiências e conhecimentos não-conformistas a tantas outras comunidades que desconhecem e/ou que se encontrem afastadas deste tipo de realidades – algo que pode determinar e influenciar a sua capacidade da (não) aceitação da diferença. Assim, esta obra tem a capacidade de contribuir para a evolução de uma sociedade mais inclusiva e representativa das pessoas que a constituem.

Acrescenta-se ainda o facto de esta ser uma narrativa não só necessária na sua cultura e língua de escrita inicial – respetivamente, a cultura norte-americana e o inglês – mas também de ser partilhada para além destas fronteiras. Deste modo, a tradução estabelece-se como uma ponte fundamental de transmissão de conhecimentos para novas realidades

⁵ Entenda-se por cisgénero: pessoa cuja identidade de género corresponde ao sexo que lhe foi atribuído à nascença – oposto de trans(género).

⁶ Veja-se, a propósito, “Mirrors, Windows, and Sliding Glass Doors”: «[b]ooks are sometimes windows, offering views of worlds that may be real or imagined, familiar or strange. These windows are also sliding glass doors, and readers have only to walk through in imagination to become part of whatever world has been created or recreated by the author. When lighting conditions are just right, however, a window can also be a mirror. Literature transforms human experience and reflects it back to us, and in that reflection we can see our own lives and experiences as part of the larger human experience. Reading, then, becomes a mean of self-affirmation, and readers often seek their mirrors in books» (Bishop, 2015:1).

linguísticas, culturais e sociais, em cujos âmbitos consegue assegurar a difusão destas temáticas para além das fronteiras do contexto anglófono. A verdade é que esta obra já se encontra disponível em espanhol, vietnamita, neerlandês, polaco, italiano e alemão e num futuro próximo em húngaro e em português⁷. Esta diversidade de traduções oficiais para diferentes línguas e contextos culturais demonstra, assim, um interesse em divulgar este tipo de realidade fora do contexto anglófono. Neste sentido, considerando que a tradução «contributes to diversity because it expands the range of texts and cultural experiences available to any given individual in a language» (Cronin, 2003: 73) o mesmo pode ser dito sobre a literatura queer, visto que ambas desafiam estruturas pré-existentes nos contextos em que são inseridas, ao proporcionarem novas experiências e perspetivas.

Importa ainda referir que o livro foi um best-seller instantâneo e que, para além de ter sido nomeado como um dos 100 Melhores Livros YA pela revista *Cosmopolitan!* e para o prémio Goodreads Choice Awards, venceu o Pink News Best Young Adult Book Award. Uma adaptação para cinema está também em desenvolvimento pela ACE Entertainment e conta com a direção de Tommy Dorfman⁸, bem como com a participação de rostos como Alexandra Daddario, Cole Sprouse e Brian Michael Smith⁹.

Neste sentido, o facto de esta história estar a ser inserida em novos meios culturais e audiovisuais é um feito notável, visto se tratar de uma situação sem precedentes ao abordar uma realidade ainda periférica à sociedade global. Com efeito, embora a representatividade da comunidade LGBTI+ continue a crescer, este crescimento regista-se principalmente no campo da orientação sexual e, em menor escala, da experiência trans no seu sentido binário (mulher trans; homem trans). A título de exemplo pode-se referir a novela gráfica *Heartstopper* adaptada pela Netflix que acabou por se tornar num dos maiores sucessos da plataforma. A história conta com um dos mais expressivos leques de representação queer retratando temas como a assexualidade e a experiência trans, mas não conta com a presença de personagens não-binárias – apesar de ser da autoria de uma pessoa não-binária, Alice Oseman.

⁷ Informação retirada das redes sociais de Mason Deaver. Note-se ainda que a versão portuguesa de *I Wish You All the Best* foi publicada pela editora Desrotina, em agosto de 2023, com o título *Quero Apenas o Melhor Para Ti*.

⁸ Mais conhecida do público por interpretar Ryan Shaver em *13 Reasons Why* (Por Treze Razões) da Netflix, a atriz anunciou em entrevista à revista Time: «I'm reintroducing myself as Tommy Dorfman. My pronouns are she/her. I'm still an actor, still a writer, still a creative, still a storyteller, and I'm also a woman. A trans woman».

⁹ Brian Michael Smith é conhecido por ter sido o primeiro homem trans assumido a ter um papel regular numa série com o papel do bombeiro Paul Strickland, também trans, na série 9-1-1: Lone Star.

Esta situação revela uma tendência que se tem manifestado nos meios de comunicação onde a presença e, conseqüentemente, a representação não-binária regista-se principalmente atrás dos holofotes. No campo literário, para além de Alice Oseman, também Casey McQuiston (autore do bestseller *Vermelho, Branco e Sangue Azul*) e Xiran Jay Zhao (autore do bestseller *Viúva de Ferro*), são pessoas não-binárias. Na representação, a própria série *Heartstopper* conta com Kizzy Egell, que encarna o papel de Darcy Olsson¹⁰, uma rapariga lésbica. Também são várias as séries onde as personagens principais são interpretadas por pessoas não-binárias, como Emma D'arcy em *House of the Dragon*, Bella Ramsey em *The Last of Us* e Jessie Mei Li em *Shadow and Bone*. Algumas exceções a esta tendência são as séries *Sex Education*, *Anatomia de Grey* e *Sandman*, onde para além da presença de personagens não-binárias, as mesmas são também representadas por pessoas não-binárias¹¹. No campo da animação o cenário é o mesmo com a personagem de Raine Whispers em *The Owl House*, Double Trouble em *She-Ra and the Princesses of Power* e Jae em *Supernatural Academy*. No campo literário, histórias como *Love & Other Disasters* de Anita Kelly, *Man O' War* de Cory McCarthy e *The Heartbreak Bakery* de A.R. Capetta, retratam personagens não-binárias em papéis principais. Na atmosfera pública encontram-se ainda nomes como Sam Smith, Demi Lovato e Janelle Monáe. A indústria de jogos é também relevante para esta conversa, sendo que para além da presença de personagens não-binárias, títulos como os *Sims 4*, *Starfield* e *Baldur's Gate 3* possibilitam a criação de personagens não-binárias.

Esta breve listagem de figuras reais e fictícias serve o propósito de demonstrar que a comunidade não-binária é uma força presente em várias áreas da sociedade e que não se trata apenas de um mero conceito ou de uma simples possibilidade na esfera teórica. Estes registos demonstram ainda que apesar desta comunidade ocupar uma posição marginal na sociedade, a mesma está cada vez mais presente por meio de figuras públicas que partilham esta informação com o público, bem como através da produção de conteúdos nos campos literários e audiovisuais. Não é coincidência que, à medida que a informação sobre esta comunidade se torna mais acessível, e que as mesmas sejam mais reconhecidas e afirmadas na sociedade – nomeadamente, através da linguagem – que a mesma cresça em números.

Em Portugal, a comunidade LGBTI+ tem visto vários avanços em diferentes polos da sua luta. No que respeita à orientação sexual destacam-se as medidas como a legalização

¹⁰ Note-se que Alice Oseman mostrou-se disponível para alterar o género da personagem Darcy se tal fosse o desejo de Kizzy Egell.

¹¹ Respetivamente, Duah Saleh como Cal Bowman, E. R. Fightmaster como Dr. Kai Bartley e Mason Alexander Park como Desire (Wratten, 2023).

do casamento entre pessoas do mesmo sexo em 2010, bem como da adoção de crianças por casais do mesmo sexo em 2016. Já em relação à identidade de género verificou-se a possibilidade de alterar o sexo e o nome próprio no registo civil em 2011 e a consequente aprovação do decreto-lei nº 38/2018, de 7 de agosto, com o qual se garantiu o direito à autodeterminação da identidade e expressão de género e à proteção das características sexuais de cada pessoa. Contudo, esta lei de autodeterminação de género não abrange as identidades não-binárias, mas apenas as mudanças do feminino para o masculino (FTM) e do masculino para o feminino (MTF). Deste modo, a tendência crescente que consolidou Portugal como um dos 10 melhores países europeus em termos das proteções garantidas à comunidade LGBTI+, tem vindo a estagnar. Este abrandar de progresso significativo na sociedade portuguesa refletiu-se na saída inédita do topo 10 do Mapa Arco-Íris da ILGA Europa em 2023. Esta saída ocorre, não pelo facto de Portugal ter regredido ou revertido a sua legislação (ao contrário do que se regista em países como a Itália, Hungria e EUA), mas por não ter avançado com novas propostas e soluções aos desafios enfrentados por esta comunidade. Uma expansão da supramencionada lei da autodeterminação de género para abranger as identidades não-binárias – algo que a comunidade LGBTI+ portuguesa tem defendido desde o ano do seu decreto inicial – seria uma boa aposta para tornar Portugal uma comunidade mais inclusiva.

É neste sentido que o presente estudo procura contribuir não só para um aprofundamento de questões teóricas e práticas de tradução, mas também para uma evolução linguística e quiçá cultural no âmbito da sociedade portuguesa no que diz respeito ao conceito de género e, consequentemente, às identidades de género não-binárias e da sua relação com a língua. Deste modo, e para melhor aprofundar o que significa ser uma pessoa não-binária, principalmente no contexto da sociedade portuguesa, leiam-se as palavras do ilustre José Carlos Malato, em que afirma:

Ser não-binário é uma questão de princípio activista, pelo menos para mim. Acredito que a dualidade masculino/feminino ou outro está presente nos seres humanos apesar da cultura fascista e da sociedade patriarcal a tentarem esmagar. Isso significa que a minha identidade de género e expressão de género não são limitadas ao masculino e feminino. Estão para além desse espartilho maniqueísta. Por exemplo, ao nível da linguagem, dizer que se está ‘cansada’ é mais forte, semanticamente, do que ‘cansado’. ‘Sou portuguesa! Portuguesa concerteza’ -

verso de Rosa Lobato de Faria - expressa melhor o que eu sou do que “sou português” ou “Sou um homem. Assim o provam as calças!”, como tão bem disse Ary dos Santos. Esse não-binarismo está até presente nas insondáveis palavras do Papa João Paulo I quando afirma que “Deus é pai e mãe”. O meu ‘não-binarismo-pessoal’ é uma forma de dar representação e visibilidade a todos/todas/todes que sentem/ são assim! É o meu dever enquanto megafone que detém algum poder de fala na sociedade portuguesa. É também uma demonstração de empatia com todes os que sentem como eu e um manifesto contra todas as formas de discriminação e violência que muit@s sofrem/sofremos todos os dias! Numa era marcada pelo terrorismo das redes sociais! Ninguém pode ser quem não é. E ser quem se é não prejudica ninguém. E a mais ninguém diz respeito! Disse!¹²

Se para José Carlos Malato «ser não-binário é uma questão de princípio ativista», a corrente dissertação assume-se como uma ferramenta de reflexão e de ação ativista. Com isso procura-se concretizar uma das vocações do ato translatório, dado que a tradução «is seen as an ethical, political, and ideological activity, not simply as a mechanical linguistic transposition or a literary art. (Tymoczko, 2010:3). Neste sentido, para além do interesse da vertente tradutória, a escolha deste tema resulta de uma tomada de posição ética e política de apoio à comunidade LGBTI+, em particular da comunidade trans e não-binária, visto que esta é uma temática que transcende quer o presente trabalho, quer o objeto em estudo, ao implicar sérias repercussões na nossa sociedade.

Esta posição surge na sequência dos crescentes ataques de que a comunidade LGBTI+ tem sido vítima em plena década de 2020. Se nunca antes a visibilidade desta comunidade foi tão predominante, também nunca antes se registou tanta resistência, incompreensão e violência para com a mesma. É incontestável que momentos decisivos como o Holocausto e a epidemia do VIH/SIDA tenham marcado a história desta comunidade como ápices de acrescida perseguição, estigmatização e discriminação. Contudo, enquanto no passado a falta de informação sobre este tipo de temáticas, bem como do difícil acesso às mesmas, poderia justificar a propagação destas narrativas violentas e desinformadas, o mesmo não se justifica nos dias de hoje na era da Internet, das redes sociais e das novas tecnologias.

¹² Publicação partilhada no Instagram de José Carlos Malato: <https://www.instagram.com/p/Ch8VvC3t1Xo/>

De acordo, com um relatório publicado pela ILGA Internacional, 2022 foi o ano mais violento da última década para as pessoas LGBTI+ na Europa e Ásia Central (ILGA Europe, 2023). Também países da América Latina como Brasil, Peru, Argentina, Buenos Aires, Uruguai, Chile, Paraguai, Bolívia, Guatemala e El Salvador têm apresentado iniciativas que incluem banir o uso da linguagem inclusiva e a censura da educação LGBTI+ (Carbajal, 2022).

No caso dos EUA, o número de projetos de lei que apresentam uma legislação anti-trans subiu drasticamente de um total de 174 em 2022, para um exorbitante número de 498 só nos primeiros quatro meses de 2023¹³. Embora nem todos sejam aprovados, estes projetos visam restringir a acessibilidade «aos cuidados básicos de saúde, à educação, ao reconhecimento legal e ao direito de existir publicamente»¹⁴. O estado da Florida é um dos estados mais visados, sendo responsável pelo decreto das leis mais restritivas e anti-LGBTI+ do país. Um dos casos mais chocantes é o projeto de lei popularmente conhecido como “Don’t Say Gay”, proposto e assinado por Ron de Santis em 2022. A lei, na sua corrente estipulação, proíbe a discussão sobre a identidade de género e da orientação sexual em todos os níveis escolares das escolas públicas (Yang, 2023). Em 2023, leis semelhantes foram adotadas nos estados do Indiana, Iowa, Arkansas e Carolina do Norte (LaFrance, 2023) – note-se que este último é o estado onde nasceu e cresceu Mason Deaver e onde a história de *I Wish You All the Best* toma lugar.

Esta pequena amostra serve, assim, para corroborar a escolha desta temática para o corrente trabalho, e demonstra o quão alarmante e fundamental é continuar a promover e divulgar histórias LGBTI+. Estas diferentes estatísticas e legislações refletem a dimensão da perseguição que esta comunidade atravessa em plena década de 2020 e apontam ainda para a existência de um movimento conservador global que procura controlar, silenciar e isolar a comunidade LGBTI+.

No seguimento destas conclusões é possível afirmar que a comunidade LGBTI+ ocupa uma posição periférica na sociedade. Deste modo, outro objetivo do presente estudo será criar uma maior abertura e aceitação da diferença, através da exposição de temáticas relacionadas com esta comunidade, de forma a garantir uma maior facilidade de acesso a informação verídica e autêntica sobre a mesma.

¹³ Informação retirada do site: <https://translegislation.com/> [Consultado em 19-04-2023]

¹⁴ Tradução redigida pela autora do presente trabalho; no original: «basic healthcare, education, legal recognition, and the right to publicly exist» (Trans Legislation Tracker, 2023).

Ainda nesta linha de pensamento e ao transpor esta análise para o campo da tradução torna-se indispensável evocar os pensamentos de Even-Zohar sobre a teoria dos polissistemas e aplicá-la a este estudo. De acordo com Even-Zohar, uma posição periférica da literatura traduzida resulta em que esta tenha «no influence on major processes and is modelled according to norms already conventionally established by an already dominant type in the target literature» (Even-Zohar, 2000: 195). Ora, a mesma lógica pode ser aplicada às pessoas LGBTI+, visto que também são obrigadas a submeter-se e a subjugar-se aos padrões e normas de uma entidade dominante, nomeadamente a sociedade patriarcal, heterossexual e cisgénero. Esta é uma das várias instâncias em que é possível verificar que a relação entre a tradução e o conceito de «queer» é mais pertinente do que aparenta ser à primeira vista. Aliás, segundo algumas perspetivas, a própria tradução é uma prática tão minoritária e afastada dos poderes instalados e dominantes da sociedade, quanto a identidade queer:

On a larger theoretical level, notions of translation as a performative practice, as an imitation with at best tenuous links to the idea of an original, as an indefinite deferral of meaning, but also as a site of othering, hegemony and subalternity, mark it out as always already queer and as an appropriate metaphor for the exploration of queerness itself. (Epstein e Gillett, 2017: 1)

Desta forma, o conceito de tradução enquanto uma «prática performativa» será uma ponte de ligação com a teoria queer, nomeadamente através do conceito de Performatividade de Judith Butler. As suas observações serão ainda fundamentais para repensar a categoria de género e de como a linguagem e a língua têm um papel determinante na forma como é percebida, representada e abordada. Também os estudos sobre o ato translatório no contexto ativista, feminista e queer serão relevantes. Em conjunto, estas contribuições serão fundamentais para uma análise e consequente desconstrução das dicotomias de mulher/homem e feminino/masculino, bem como de cópia/original e tradutora/autor e as respetivas correspondências com a autoridade da língua de partida vs. subserviência da língua de chegada e das relações sensíveis entre cultura de partida e cultura de chegada, sobretudo quando cada uma delas ocupa uma posição desigual ao nível do poder. Ainda mais esclarecedor será a forma como uma influência direta da força disruptiva do queer no processo tradutório revela que é a partir de um esforço coletivo e mútuo que o futuro dos estudos de tradução pode se tornar ainda mais enriquecedor e produtivo.

Será também importante referir que o conceito da Interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, estará subjacente na escrita deste trabalho. Este é um conceito que viria a estar na base do feminismo interseccional, mas que num primeiro momento surgiu na sequência da falta de atenção prestada aos diferentes tipos de discriminação passível de serem experienciados por diferentes tipos de mulheres – nomeadamente a discriminação que resulta da dualidade de ser-se simultaneamente mulher e negra (Crenshaw, 1989: 166). Neste sentido, o conceito identifica e analisa as tensões criadas pela interseção de diferentes particularidades como a raça, género, classe, orientação sexual, religião, etnia, (in)capacidade, entre outras. O mesmo princípio aplica-se no corrente trabalho, visto que importa reconhecer as diferentes considerações linguísticas, sociais, culturais, políticas e económicas e a forma como estas se relacionam entre si – sendo que estas diferentes dinâmicas serão pertinentes para expor as relações de poder que se mostram também decisivas no ato de tradução. Reconhecer a pluralidade e a diversidade da comunidade não-binária será também fulcral para uma tradução consciente, inclusiva e sensível para com as dificuldades que esta comunidade enfrenta, principalmente no que toca ao contexto linguístico.

A propósito desta interseccionalidade, é também fundamental falar da cidadania cultural, uma vez que a questão da identidade (cultural) é um ponto relevante para o corrente trabalho. Ao tratar-se de «[p]ublicly acknowledged rights and obligations associated with cultural identity» (Hartley, 2002: 46) a mesma constitui uma ferramenta primária para a compreensão e discussão dos direitos civis, políticos e sociais. Contudo, se no passado o conceito de cidadania era estável, ao significar uma identificação com padrões partilhados por um todo, agora este conceito está em constante modificação, passando a pressupor uma capacidade de aceitação da diferença. A necessidade de rever o conceito de cidadania baseia-se no pressuposto de que a igualdade de direitos entre os diferentes grupos da sociedade não garante que os mesmos beneficiem da mesma igualdade de acesso ao poder político (Hartley, 2002: 46) – os diferentes casos supramencionados corroboram esta mesma realidade.

Ocupado com as questões aqui apresentadas, o presente estudo está, assim, estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo abrange tópicos relacionados com o género e com a linguagem de modo a estabelecer a forma como diferentes conceitos são empregues ao longo desta redação. O segundo capítulo prende-se com a literatura queer, as suas características, história e evolução enquanto literatura emergente no campo literário. O terceiro capítulo é dedicado à área da tradução, e nele reflete-se sobre as diferentes teorias e estratégias relevantes para o corrente estudo, bem como um aprofundamento das questões

éticas e morais inerentes a este tipo de tradução. No quarto capítulo apresentam-se os métodos de análise que se consideraram mais indicados de forma a abranger as diferentes particularidades deste ato tradutório, bem como algumas propostas de tradução comentadas que permitem aprofundar a motivação por de trás dos métodos selecionados. Por fim, o quinto capítulo centra-se na análise concreta dos casos de tradução em que a marcação de género é inevitável na língua de chegada, mediante uma contemplação entre as decisões práticas e a bibliografia teórica.

1. Género e Linguagem -Novos Rumos e Desafios

1.1. Género

Numa sociedade estabelecida por dicotomias impostas e renovadas pelo patriarcado e pelo capitalismo, o conceito de género tem-se tornado um dos temas mais disputados da época contemporânea. Como consequência, não só a sua interpretação, como também a sua aplicação em diferentes áreas da sociedade, nomeadamente na esfera cultural, social, económica, política e linguística, tem vindo a ser debatida. Por um lado, há quem procure repensar esta categoria de modo a facilitar a sua abertura para novas formas de se pensar o género; por outro, há quem defenda precisamente o oposto, optando, assim, pela manutenção de valores tradicionais e convencionais sobre o conceito de género. Algumas das preocupações subjacentes a esta temática são a não-binariedade de género, o uso de uma linguagem inclusiva, bem como o seu reconhecimento legal, e ainda a implementação e adoção de medidas anti-discriminatórias no que respeita às diferentes identidades de género (Morgenroth e Ryan, 2020: 1113). O problema reside no facto de que na origem destas discussões existe uma pergunta cuja resposta, para além de crucial, deveria ser consensual para uma discussão válida destes temas, mas que não o é: o que é que se entende por género?

1.1.1. Género e/ou Sexo?

A verdade é que, ao falar-se de género, é inevitável falar-se no conceito da binariedade de género (Krylova, 2016: 307). Esta é uma conceção que pressupõe e opõe as categorias de mulher/homem e feminino/masculino como mutuamente exclusivas. Através desta divisão são, assim, conferidas diferentes significações e representações por meio da atribuição de diferentes comportamentos, atividades, papéis e expectativas à mulher e ao feminino vs. ao homem e ao masculino, dos quais resultam, ainda, os estereótipos de género (Styker, 2008: 12). É neste sentido que surgem noções como «[i]f He is strong, forthright, and independent, then She must be weak, mysterious, submissive, and dependent» (Wilchins, 2004: 40). Estes construtos são ainda preservados de forma (in)consciente através de uma constante prática e regulação¹⁵ levada a cabo por diferentes entidades, desde o seio familiar,

¹⁵ Como afirma, Alok Vaid-Menon (2020), «[t]he scrutiny on our bodies distracts us from what's really going on here: control. The emphasis on our appearance distracts us from the real focus: power» (Vaid-Menon, 2020: 12); «[b]eing normative is about what gets elevated by society to a position of power. Normativity looks like a specific sneaker brand being upheld as the best. Normativity, then, is about value judgment and shouldn't be used interchangeably with normal» (Vaid-Menon, 2020: 23).

às diferentes instituições presentes na sociedade¹⁶. Elementos básicos, como as cores ou as peças de roupa, as festas de revelação de género e até a divisão por género das casas de banho públicas¹⁷, são algumas das configurações e convenções pelas quais a preservação desta divisão binária do género se continua a perpetuar. A binariedade assume, por conseguinte, uma posição central em qualquer discussão sobre género. Na obra, *Queer Theory, Gender Theory* (2004), Riki Wilchins inspira-se nos pensamentos de Jacques Derrida ao remeter para a seguinte analogia:

Binaries treat the world like a pizza on which you're only allowed to make one cut. Anything that doesn't fit one half or the other gets lost, squeezed out. But with gender, it's exactly this space in between – familiar binaries like masculine/feminine, man/woman, top/bottom, butch/femme, and real/artificial – that we want to explore, reclaim, and uphold.

At first these binaries look like two halves of a whole. A binary may be like a pizza on which you can only make one cut. but it is definitely not down the middle. If you look closer, most binaries look suspiciously like covert extensions of the series "good/bad," in which one term is always the defining one while the other is derivative (Wilchins, 2004: 40).

Wilchins aponta para o facto de que, para além de resultarem de uma relação de oposição, estes construtos binários implicam também uma relação de derivação em que «[b]y being not-Man, She serves to give Him meaning. Yet apart from Him, She has almost no independent meaning herself. She is almost entirely derivative. As the queer gender, Woman ends up being not the "opposite" sex but the derivative one» (Wilchins, 2004: 41). Assim, esta binariedade acaba por produzir não só relações de desigualdade – em que um grupo acaba por, inevitavelmente, ter de se submeter ao outro – bem como situações em que a possibilidade de quaisquer tipos de identidades que possam a vir ser construídas dentro e/ou

¹⁶ Veja-se o trabalho de Michel Foucault em *Discipline and Punish: The Birth of the Prison* (1977), sobre o conceito de «poder» nas áreas da loucura, prisões e sexualidade, e a forma como o «corpo dócil» é subjugado, usado, transformado e aperfeiçoado através de mecanismos de supervisão e de vigilância.

¹⁷ Veja-se, a título de exemplo: «[b]abies are born and divided into one of two categories. These categories, boy or girl, affect how we treat the baby when they cry, what clothes we dress the baby in, what toys we allow the baby to play with, and so on. We teach that boys are strong and girls are weak, that boys are aggressive and girls are nice, that boys are rational and girls are emotional. Nothing is spared; we mark everything—the colors, the emotions, the relationships, even the food. And this is done so consistently and with so much authority that we don't even recognize that we are doing it» (Vaid-Menon, 2020: 18).

fora desse binário serem também suprimidas. Como resultado, estas identidades serão vistas e tratadas como «an ambiguous or ‘scandalous’ category of overlap that will be tabooed (e.g. trans-gender phenomena including transsexuality and transvestism)» (Hartley, 2002: 21).

É de notar que esta conceção binária do género resulta da convicção de que também o sexo (biológico) é binário e de que este é um elemento decisivo na consequente determinação do género (Morgenroth e Ryan, 2020: 1113). Como resultado, estes termos são usados de forma intercambiável, embora não sejam sinónimos (Stryker: 2008: 11). Neste sentido, importa analisar a relação sexo-género, pois, para se compreender aquilo que o género *é*, há que se estabelecer aquilo que o género *não é*, e embora estes conceitos se relacionem entre si, são várias as características que os separam. Além disto, reconhecer que o uso intercambiável destes conceitos contribui para uma interpretação deturpada e errónea dos mesmos abre caminho para uma compreensão mais clara e fidedigna da sua verdadeira significação.

Observe-se, assim, as definições apresentadas pela CIG (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género), pela REA (Rede Ex Aequo, Associação de Jovens LGBTI e Apoiantes) e pela APF (Associação para o Planeamento da Família) presentes nas suas páginas online. Estas entidades representam um leque diverso de instituições ativas em Portugal, pelo que as suas contribuições podem ser encaradas como um reflexo das mentalidades e convenções da sociedade portuguesa de diferentes setores, sobre os conceitos de género e sexo.

No que respeita ao conceito de género, os resultados são mistos. Em primeiro lugar, a APF é a única instituição que não apresenta uma definição concreta, optando por apresentar os conceitos de “identidade de género” e de “expressão de género” (APF, 2022). Já segundo a CIG, o termo «[r]efere-se aos papéis, aos comportamentos, às atividades e aos atributos socialmente construídos que uma determinada sociedade considera serem adequados para mulheres e homens» (CIG, 2023). Por fim, a REA descreve o género como

[...] uma construção social decorrente do contexto histórico e cultural. Engloba os conceitos de identidade e expressão de género, usualmente numa perspectiva binária em que existem dois conjuntos de características, comportamentos, entre

outros, que são exclusivos de cada conjunto e opostos na sua essência, comumente associados à biologia sexual das pessoas. (REA)¹⁸

O conceito de sexo, ao contrário deste último, é abordado por todas as instituições, mas através de perspetivas diferentes. No caso da APF, a mesma apresenta a designação de “sexo biológico”, como sendo,

[...] o sexo cromossomático ou o sexo genital, que pressupõe capacidades reprodutivas. Existem vários fatores que contribuem para o sexo biológico: cromossomas (XY, XX, ou outras combinações), genitais (estruturas reprodutivas externas), gónadas (presença de testículos ou ovários), hormonas (testosterona, estrogénios), etc. Uma pessoa intersexo tem órgãos genitais/reprodutores (internos e/ou externos) masculinos e femininos, em simultâneo, ou cromossomas que não são nem XX nem XY. (APF, 2022)

Já a CIG remete o conceito de sexo para as qualidades biológicas «que definem os seres humanos como femininos ou masculinos. Esses conjuntos de características biológicas não são mutuamente exclusivos, pois existem indivíduos que possuem ambos, mas essas características tendem a diferenciar os humanos como machos e fêmeas» (CIG, 2023). No caso da REA, há uma abordagem mais detalhada pelo facto de esta explorar o conceito em duas vertentes. Por um lado, a Rede Ex Aequo apresenta o conceito de “sexo atribuído à nascença”¹⁹ que distingue

o conceito da biologia sexual [...] e o sexo legal binário que os profissionais de saúde atribuem aos bebés à nascença, avaliando apenas com base nos seus órgãos genitais não considerando os restantes componentes da biologia sexual humana. Este por norma vem acompanhado de um género que também é consequentemente atribuído à nascença e que influencia a maneira que a criança é

¹⁸ Note-se que todas as citações referentes à REA foram retiradas e estão disponíveis na seguinte página: <https://rea.pt/apoio/questoes/glossario-lgbt>

¹⁹ Neste contexto, é comum encontrar as siglas AFAB (*assigned female at birth*) e AMAB (*assigned male at birth*), ou seja, “atribuído o sexo feminino à nascença” e “atribuído o sexo masculino à nascença”, respetivamente.

educada e inserida na sociedade. Este não define a futura identidade de género que é autodeterminada pela pessoa nem a sua expressão de género. (REA)¹⁸

Por outro lado, a REA indica o conceito de “sexo biológico” como tendo por base

[...] características geno ou fenotípicas de um indivíduo. Os indivíduos podem ser classificados, geralmente, como sendo do sexo masculino, feminino (ou intersexo). Existem diversos fatores que contribuem para a classificação do sexo biológico de uma pessoa: cromossomas (XY, XX, ou outras combinações), genitais (estruturas reprodutivas externas), gónadas (presença de testículos ou ovários), hormonas (testosterona, estrogénios), entre outros. (REA)¹⁸

Através destas diferentes contribuições, pode-se concluir que estas instituições interpretam o género como um conceito que abrange os papéis, estereótipos, identidades, comportamentos e expectativas sociais e culturais associadas à dicotomia daquilo que se entende como feminino e como masculino. Em contrapartida, o sexo é compreendido apenas em relação à composição biológica do corpo humano (sistema reprodutivo, cromossomas e hormonas), convenção que será também debatida no presente estudo. Nota-se, ainda, que, em comparação com as suas contrapartes, a Rede Ex Aequo é a instituição que aborda estes conceitos de uma forma mais complexa e extensiva, sendo que tal se pode justificar por esta ser uma instituição dedicada a questões da comunidade LGBTI+. Não obstante, embora já haja uma sensibilização para uma visão mais flexível e fluída destes conceitos, há uma clara noção da conotação binária que ambos acarretam.

1.1.2. Uma Perspetiva Histórica e Cultural do Género

A interpretação binária do género é em grande parte resultado de uma sociedade secular, circunscrita aos valores religiosos²⁰, nomeadamente da religião cristã. Como tantas outras religiões abraâmicas, o cristianismo adere tradicionalmente a estruturas exclusivamente

²⁰ Note-se que são vários os estudos que abordam o impacto da religião nas minorias, que revelam sérias repercussões na saúde mental (depressão, suicídio) desta comunidade: «[r]eligious upbringing is linked to disproportionate depression and suicide among sexual and gender minorities raised in Christian, Muslim, and other religious contexts with high rates of opposition to sexual and gender minorities driven at least in part by identity conflict arising from the dissonance experienced between religious and LGBTQ identity (Ganzevoort, van der Laan, and Olsman 2011; Gibbs and Goldbach 2015; Walton 2006)» (Schnabel, *et al.*, 2021: 17).

binárias de género com a delimitação de papéis de género e de hierarquias nas quais o «feminino» é inferior ao «masculino». Ora, foi precisamente esta ideologia que foi propagada aquando da era colonial. Através da imposição de diferentes normas e valores religiosos e europeus, as forças coloniais estabeleceram uma tentativa de perturbar, restringir e eliminar²¹ a cultura de diferentes comunidades indígenas, nomeadamente no que respeita às minorias sexuais e de género não-normativas: «settler-colonial structures have tried—and repeatedly failed—to control and discipline Indigenous bodies and, simultaneously, to enclose and restrict the rich array of Indigenous gender knowledges» (Tatonetti, 2021: 4). Esta realidade levou a que várias interpretações de género passassem a ser consideradas como «inválidas», «incorretas» e «inapropriadas», em prol do panorama europeu – embora não houvesse qualquer justificativa para este julgamento. Como consequência, os sistemas pré-existentes de identidade de género, papéis de género e de expressão de género indígenas²² sofreram várias alterações, com sérias repercussões ainda sentidas em pleno século XXI.

Não obstante, são várias as comunidades nativas que conseguiram a manutenção de estruturas não-binárias de género. Na ilha de Samoa, para além de serem reconhecidos os tradicionais géneros feminino e masculino, são reconhecidos os géneros «fa'afafine» e «fa'afatama» (NHM, 2020). Considerados como géneros fluídos, quem se identifica com estas categorias tem o papel fundamental de cuidar das gerações mais velhas, de educar a restante comunidade sobre a educação sexual, sendo ainda responsáveis por preservar a dança tradicional de Taupou. Já na América do Norte eram várias as comunidades indígenas que apresentavam um terceiro género. Com diferentes designações entre as diferentes comunidades nativas, o termo «two-spirit» veio a ser cunhado em 1990 por Elder Mura Laramie e é hoje usado como termo universal por estas comunidades (Ross, 2018). É de notar que nesta aceção «two-spirit» é um termo abrangente que engloba não só a identidade de género, mas também a orientação sexual – importa sublinhar que fora deste contexto, embora interligadas, estas noções remetem normalmente para o campo interno (a própria identificação de género pessoal) e para o campo externo (por quem se sente atração), respetivamente. Na sua interpretação mais básica, representa quer a energia feminina, quer a energia masculina, e é dada especial importância aos papéis espirituais e sociais a serem desempenhados por estas pessoas na sua comunidade. Na Ásia do Sul, em particular na comunidade Hindu, a presença

²¹ Como afirma Alok Vaid-Menon: «[t]he best way to eliminate a group is to demonize them, such that their disappearance is seen as an act of justice, not discrimination» (Vaid-Menon, 2020: 7).

²² Sobre esta temática veja-se as obras *Becoming Two-Spirit* (2006) de Brian Joseph Gilley e *Written by the Body* (2021) de Lisa Tatonetti, para uma maior compreensão interseccional das questões de género.

de um terceiro género remonta a mais de 2000 anos atrás e verifica-se através de textos sagrados como o *Ramayana* e *Mahabharata* (Rhude, 2014). Entre outras identidades, há que destacar a comunidade «hijra» que se encontra isolada do resto da sociedade. As «hijras» estabelecem uma hierarquia através da qual as pessoas que querem pertencer a esta comunidade são iniciadas e guiadas sobre os valores e rituais «hijra». Esta comunidade é composta quer por pessoas intersexo²³, quer por pessoas que nasceram com um órgão genital masculino, e que adotam uma estética tradicionalmente feminina. Contudo, as «hijras» identificam-se como um terceiro género neutro, havendo quem opte por uma cerimónia de castração, através da qual os órgãos genitais se constituem como uma oferenda à Deusa Bahuchara Mata (Rhude, 2014).

Estas diferentes culturas demonstram, assim, a forma como o género foi e continua a ser interpretado de forma distinta em várias partes do mundo, para além de revelarem a mutabilidade, diversidade e instabilidade da sua interpretação. Por este motivo, pode-se afirmar que o género «is not a fixed and innate characteristic of a person: it is culturally dependent and malleable» (Cordoba, 2020: 40). Por outras palavras, o género não é uma realidade biológica e incontestável, mas sim um conceito construído socialmente, criado, mantido e renovado pela humanidade.

Após estas breves considerações históricas e culturais, torna-se pertinente referir a forma como a época contemporânea permitiu uma abertura para a criação de novas tipologias de género, através do reconhecimento de diferentes contribuições no que respeita às identidades minoritárias de género. Neste sentido, importa estabelecer a relação entre o conceito de «trans»²⁴ e aquilo que se entende pela convenção das identidades não-binárias de género. Isto, porque ao considerar que o termo «trans» se refere a «people who move away from the gender they were assigned at birth, people who cross over (trans-) the boundaries constructed by their culture to define and contain that gender» (Stryker, 2008:1), o mesmo constitui-se como um termo abrangente das diferentes identidades não-binárias e não apenas das vertentes binárias e identitárias de mulher trans e homem trans. A verdade é que a

²³ Entenda-se por «intersexo» pessoas que nascem com: «um grupo de variações congénitas de anatomia sexual ou reprodutiva que não se encaixam perfeitamente nas definições tradicionais de “sexo masculino” ou “sexo feminino”». (Orientando, 2017) Informação retirada de: <https://orientando.org/o-que-e-intersexo/>.

²⁴ Note-se que o uso da do vocábulo *trans*, reflete uma posição que se distancia dos termos trans-género e trans-sexual, pelo facto de a aplicação deste último termo começar a ser interpretada como ofensiva pelas gerações mais novas da comunidade LGBTI+. No entanto, esta perspetiva pode também ser vista como controversa, por desconsiderar as dificuldades e os obstáculos que as gerações mais velhas desta comunidade enfrentaram, em épocas em que recursos e conhecimentos sobre este tipo de temática não estavam tão facilmente disponíveis e acessíveis.

identidade de género é um critério de índole pessoal e individual, sendo que são várias as interpretações resultantes de uma análise introspetiva sobre a mesma, pelo que identificar a pluralidade das diferentes identidades de género que estão para além do binário constitui-se como uma tarefa complexa. Desta forma, também a identidade «não-binária» é considerada uma categoria abrangente, sendo que de acordo com Richards e Barker (2015: 166), há quem:

- Não tenha género: género neutro, sem género (*non-gendered* e *genderless*), agénero, *neuter*, *neutrois*;
- Reúna aspetos tanto de mulheres como de homens: género misto, pangénero²⁵, andrógino;
- Tenha, em certa medida, mas não totalmente, um só género: demigénero (demi mulher/rapariga, demi homem/rapaz);
- Seja de um género adicional específico: terceiro género, outro género, pangénero^{25,25});
- Se mova entre (dois) géneros: bigénero, género fluído, pangénero²⁵;
- Se mova entre múltiplos géneros: trigénero, pangénero²⁵;
- Disturbe o binário de género entre mulheres e homens: *genderqueer* (género queer), *genderfuck*).²⁶

A não-binariedade, realidade que se assume como central na obra que se vai analisar no presente trabalho, é, assim, uma categoria que para além de desafiar e subverter as convenções binárias e tradicionais de género, legitima uma pluralidade de experiências passíveis de serem vividas pela humanidade. Ao reconhecer e permitir o direito da autodenominação²⁷, a mesma permite um maior respeito pela individualidade, ao mesmo tempo que promove uma comunidade diversa, visível e interseccional. Estas diferentes contribuições permitem uma maior igualdade e equidade de género, não só benéfica para as identidades de género não-binárias e/ou não-normativas, mas também para as identidades

²⁵ O facto de esta identidade de género surgir múltiplas vezes nesta lista não é um engano. A mesma reflete as delimitações das figuras autorais ao reconhecerem que pangénero pode englobar estas diferentes interpretações.

²⁶ Para uma maior compreensão acerca das diferentes possibilidades não-binárias, veja-se a página *Lista de identidades não-binárias*, do site Orientando, disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>

²⁷ No contexto do presente estudo, entenda-se por «autodenominação» a liberdade de expressão individual de cada pessoa se identificar com as formas de tratamento (nomes, pronomes) que se adequam à sua identidade de género.

normativas/cisgênero (mulheres e homens). Até porque, como afirma Alok Vaid-Menon (2020), ativista e pessoa de gênero-não conformista e transfeminina:

Harm from the gender binary looks different for all of us: It can look like the person at the grocery store who no longer feels comfortable wearing dresses, it can look like a woman being called aggressive for speaking her mind or ugly for not shaving her legs, it can look like a man being called weak for not wanting to fight or not being believed for experiencing harm, and it can look like me getting spat on simply for being in public. It can look like all of us not feeling worthy, real, and beautiful because we are constantly comparing ourselves to the norms we have been taught. (Vaid-Menon, 2020: 32)

Como se vê pelas palavras citadas, o alcance das consequências resultantes da convenção binária do gênero são de diversa ordem, abrangendo aspetos e preocupações relacionadas com a aparência, o comportamento e a linguagem. Ademais, a própria carga pejorativa da palavra *harm* é elucidativa da violência que poderá manifestar-se nestes casos, sendo que a desconstrução de mentalidades normativas pode contribuir, assim, para uma sociedade mais inclusiva, não só da diferença, mas também da própria liberdade individual.

1.1.3. Desconstrução do gênero – Feminismo e Teoria Queer

A desconstrução do conceito de gênero, bem como a do conceito de sexo (biológico) enquanto concepções dicotômicas, estabelece-se como um processo de importância acrescida para que haja uma maior compreensão, abertura e aceitação das categorias que estão para além destes binários. Neste sentido, torna-se pertinente observar a relação entre sexo-gênero-sexualidade, ou sexo-gênero-desejo, como estabelecida por Judith Butler através do conceito de «matriz heterossexual» (Butler, 1990) que designa como:

essa grelha de inteligibilidade cultural pela qual os corpos, os gêneros e os desejos são naturalizados. Parto da noção de «contrato heterossexual» de Monique Wittig e, em menor grau, da de «heterossexualidade obrigatória» de Adrienne Rich, para caracterizar um modelo discursivo/epistémico hegemónico de inteligibilidade de gênero que assume, para os corpos se tornarem coerentes e fazerem sentido, ter de haver um sexo estável exprimido através de um gênero estável (o masculino

exprime o homem, o feminino exprime a mulher) que se defina, de forma opositiva e hierárquica, mediante uma prática obrigatória de heterossexualidade. (Butler, 2017: 295)

Ao considerar que Judith Butler, para além de feminista, é também pioneira na área da teoria queer, importa remeter a discussão para estas áreas, bem como para o conceito de subjetividade²⁸, visto estarem inerentemente interligadas entre si, através de diferentes paralelos e contribuições no que respeita a desconstrução da convenção binária de género. Em primeiro lugar, ao considerar que o feminismo centra a sua luta tendo por base a categoria e o sujeito de «mulher» é expectável que haja uma definição, ou uma identificação clara para aquilo que significa e implica ser mulher, de modo a contrapor esta realidade com aquilo que significa «não ser mulher». Inclusive, Stuart Hall identifica o feminismo como um dos movimentos responsáveis pela interpretação contemporânea do sujeito (Hartley, 2002: 222), ao considerar que, para além de ter atribuído um género ao sujeito, o feminismo demonstrou que «[w]hat was widely assumed to be true or universal turned out not to be true for women» (Hartley, 2002: 222-223). Do mesmo modo, o que era considerado verdadeiro ou universal, acabou por não o ser para as minorias sexuais e de género não-normativas e não-binárias. Contudo, apesar do feminismo ter surgido como um movimento unitário que procurava a emancipação feminina, como consequência da desigualdade que se verificava entre mulheres e homens, o mesmo veio a ramificar-se em vários tipos de feminismos²⁹. Esta pluralidade, resulta não só da tentativa de desconstrução do género, mas também devido ao facto de a

²⁸ Usa-se subjetividade na seguinte aceção: «[s]elfhood. [...] It became a central focus of attention [...] for political and cultural reasons, to do with the rise of identity politics. At the same time, structuralism and its aftermath suggested that subjectivity was not a natural but historical and cultural phenomenon, produced out of the resources of language and culture, rather than simply being 'given' by nature. Thus, subjectivity was implicated in new theories of power» (Hartley, 2002: 222).

²⁹ Veja-se, a propósito: «[t]ransgender feminism, though it has its roots in the feminist radicalism of the late 1960s, is part of what is sometimes now known as the third wave of feminism (the first wave of feminism focused on dress reform, access to education, political equality, and, above all, suffrage in the nineteenth and early twentieth centuries; the second wave, also known as the women's movement of the 1960s and '70s, addressed a wide range of issues, including equal pay, sexual and reproductive freedom, recognition of women's unpaid work in the household, better media representations of women, and rape and domestic violence). Third wave feminism has been, in part, a generational response to some of the perceived shortcomings of the second wave, particularly the tendency of second wave feminists to overlook differences among women in their eagerness to see "woman" as a unifying political category. Third wave feminism has been more attuned to the intersections of race, class, and sexuality within gender and more receptive to critical and theoretical work in gender studies that calls into question the usefulness of "woman" as the foundation of all feminist politics» (Stryker: 2008: 3).

categoria de «mulher» ter passado a ser compreendida como uma categoria instável e efémera (Butler, 2017: 54).

Ao mesmo tempo, a teoria queer, surgiu no final do século XX na sequência dos estudos de género, estudos lésbicos e gays, estudos culturais e do próprio feminismo. Esta área, «which trades essentialism and semantic atomism for social constructionism and semantic holism, recognizes that meaning is conveyed not by definition of individual terms but by contextual relations between and among various terms» (Marinucci, 2010: 33). Por outras palavras, a teoria queer rompe com a perspectiva de que os constructos tradicionais e normativos, constituem significados fixos e isolados, de modo a transitar para uma perspectiva mutável, em que estes são variáveis, mediante o estabelecimento de relações contextuais, sociais e culturais.

Desta forma, ao considerar que a categoria de «mulher» (universal) não é suficientemente representativa das diferentes realidades e experiências passíveis de serem vividas por diferentes tipos de mulheres – a questão da interseccionalidade, mulheres negras, trans, gordas – Judith Butler analisa uma das questões centrais da construção da teoria queer. É através da sua obra *Problemas de Género: Feminismos e subversão da identidade* (1990), que Butler implementa o conceito de Performatividade, através do qual procura desafiar e reinterpretar a conceção tradicional/binária de género, ao argumentar que ninguém nasce com um género. Na visão da figura autoral, o género é determinado, representado e reproduzido através da linguagem, de forma (in)consciente.

1.2. Linguagem

1.2.1. Linguagem Enquanto Opressão/Libertação

Ao passar a considerar o género como uma ação e não como um estado permanente e fixo, Butler desafia a própria linguagem pois, «[s]e o próprio género se naturaliza mediante normas gramaticais, como defendeu Monique Wittig, a alteração de género ao mais fundamental nível epistémico ocorre, em parte, pela contestação da gramática em que o género é dado» (Butler, 2017: 32). A linguagem demonstra-se, assim, não só como uma ferramenta denominadora da realidade, mas também como uma ferramenta pela qual a própria realidade se constrói. Por outras palavras, a linguagem não só reflete, como também molda a nossa perceção do mundo. Butler vai ainda mais além ao considerar que «nem a gramática nem o estilo são politicamente neutros» (Butler, 2017: 32), pelo que «[a]prender as regras que

regem a fala inteligível é uma inculcação na linguagem normalizada, onde o preço de não nos conformarmos é a perda da própria inteligibilidade» (Butler, 2017: 32).

Deste modo, e ao usar os conceitos de «política» e «representação» (Butler, 2017: 54), Butler demonstra como a linguagem pode desempenhar um papel determinante em diversas áreas da sociedade, tanto a nível individual, como a nível coletivo. Em primeiro lugar, a representação política vai garantir a visibilidade e a legitimidade aos diferentes grupos minoritários, através de proteções na lei, como o direito ao voto – algo que só é alcançado através da linguagem escrita e falada. Em segundo lugar, a representação irá construir-se através da linguagem que será utilizada para a discussão destas minorias, visto que a representação é também «a função normativa de uma linguagem que se diz ou revelar ou distorcer o que se assume como verdadeiro» (Butler, 2017: 54). Ou seja, para que uma representação seja fiel às minorias que pretende representar, é necessário que a linguagem que retrata estas minorias seja também fiel e representativa das mesmas.

Butler vai ainda focar-se nas instituições do «falocentrismo»³⁰ e da «heterossexualidade obrigatória» (Butler, 2017: 46), sendo que estes são compreendidos como «regimes de poder/discurso com maneiras muitas vezes divergentes de responder à questão central do discurso sobre o género» (Butler, 2017: 46). É de notar que o conceito de «falocentrismo», cunhado por Jacques Derrida, merece especial atenção no contexto do corrente trabalho, visto que procura evidenciar a prioridade que é concedida ao masculino (ao falo) sobre aquilo que não é masculino – como o feminino e o não-binário – procurando ainda expor o pensamento ocidental como tendencialmente masculino (Rine, 2010). Com esta breve explicação torna-se pertinente observar as interrogações de Butler acerca destas temáticas e a sua relação imediata estabelecida com e através da linguagem:

como constrói a linguagem as categorias de sexo? Como resiste «o feminino» à representação na linguagem? É a linguagem entendida como

³⁰ Para uma compreensão aprofundada deste conceito veja-se a definição de androcentrismo: «[d]eriving from the Greek word for male, androcentrism literally means a doctrine of male-centredness. Androcentric practices are those whereby the experiences of men are assumed to be generalisable, and are seen to provide the objective criteria through which women's experiences can be organised and evaluated. Some writers, particularly those influenced by psychoanalytical theory, prefer the terms phallogocentrism or phallogocentric, in order to draw attention to the way the penis (or phallus) acts as the symbolic representation of male-centredness. A related concept is that of phallogocentrism. Deriving from the work of Derrida and Lacan, this term describes those ideas centred around language or words (logos) that are masculine in style. Postmodern feminist writers such as Cixous argue that phallogocentric language is that which rationalises, organises and compartmentalises experience and it is on this basis that terms ending in 'ism' (e.g. feminism) may be rejected (Brennan 1989; Tong 1998)» (Pilcher e Whelehan, 2004: 1).

falogocêntrica (interrogação de Luce Irigaray)? Será «o feminino» o único sexo representado na linguagem que funde o feminino e o sexual (argumento de Monique Wittig)? Onde e como convergem a heterossexualidade obrigatória e o falocentrismo? Onde se situam os pontos de fractura entre eles? Como produz a própria linguagem a construção fictícia de «sexo» que escora estes diversos regimes de poder? Na linguagem da heterossexualidade presumida, que tipos de continuidade se presume existir entre sexo e género e desejo? Serão estes termos discretos? Que tipos de práticas culturais produzem descontinuidade e dissonância, subversivas entre sexo, género e desejo, e levam a questionar as suas alegadas relações? (Butler, 2017: 46-47).

Vê-se, assim, que as contribuições de Butler vão para além de uma desconstrução do conceito de género e do próprio sujeito do feminismo (a mulher), ao demonstrar que a linguagem desempenha um papel fundamental quer para a manutenção como para a desconstrução dos mesmos e a forma como esta reforça e expõe as relações de poder destas categorias. Ao passo que a linguagem pode ser usada quer para reforçar, quer para desafiar as normas sociais implementadas pela sociedade, vê-se que «[a]s estruturas jurídicas da linguagem e da política constituem o campo contemporâneo do poder; logo, não há nenhuma posição exterior a este campo, mas apenas uma genealogia³¹ crítica das suas próprias práticas legitimadoras» (Butler, 2017: 59-60). Neste sentido, pode verificar-se que «one common thread that connects postmodern feminism, third-wave feminism, and queer theory is the concern than an attempt to define something is ultimately an attempt to exert control» (Marinucci, 2010: 97).

1.2.2. O género gramatical e o masculino genérico

Tal como outras línguas românicas, a língua portuguesa possui apenas dois géneros gramaticais, sendo que «o masculino é o termo não marcado; o feminino o termo marcado» (Cunha e Silva, 2016: 202). Ao considerar-se o masculino como a forma não-marcada da língua portuguesa, a verdade é que a mesma pode suscitar significações sexistas e não inclusivas da língua – mesmo que esta não seja uma característica natural da língua, mas sim

³¹ Veja-se, ainda que «a genealogia analisa o que está politicamente em jogo quando se designam como uma *origem* e *causa* essas categorias de identidade que são, na verdade, os *efeitos* de instituições, práticas, discursos com pontos de origem múltiplos e difusos» (Butler, 2017: 45-46).

resultado de interpretações históricas e culturais. O masculino genérico estabelece-se, assim, como um fenómeno linguístico presente em várias línguas, nomeadamente nas línguas derivadas do latim. Embora o latim possuísse três géneros (o feminino, o masculino e o neutro), a evolução da língua e da sociedade portuguesas não reteve nem procurou reconstruir esta marca linguística. Desta forma, na época contemporânea, são vários os debates que abordam a questão da língua enquanto instrumento sexista e através da qual se perpetuam estereótipos de género. Isto, porque o uso do masculino genérico³² acaba por centrar as experiências e as perspetivas masculinas ao constituir-se como um padrão normativo, pois

se o uso do masculino enquanto “género não marcado” fosse uma questão puramente “estrutural”, desprovida de significado, seria esperado que tanto o masculino genérico quanto o feminino genérico ocorressem com uma frequência pelo menos um pouco mais equilibrada entre as diversas línguas do mundo, mas a língua é falada por pessoas, que nascem em culturas nas quais as relações de género não são equilibradas. (Mäder e Moura, 2015: 39)

Para esta discussão importa, assim, estabelecer as diferenças no que respeita a categoria de género natural vs. género gramatical, sendo que cada língua possui diferentes critérios para a definição e distinção destas categorias: «existência ou a não existência de vida (animados/inanimados), o que se baseia na hierarquização dos seres (seres humanos, bichos animais, frutos, etc. ou seres superiores e seres inferiores), ou o que se refere ao carácter alienável ou inalienável dos seres e das coisas, etc» (Vilela, 1973: 141). Deste modo, o «género natural (o que se fundamenta no sexo biológico dos seres) e o género gramatical (o género estabelecido pelos morfemas)» (Vilela, 1973: 142) manifestam-se nas línguas em estudo de forma diferenciada.

De acordo, com Auxland (2020), a língua inglesa «qualifies as a natural-gender language as it only applies a grammatical gender in the personal case, and not the impersonal case – objects are exclusively referred to using it or that, for instance, whereas individuals are

³² Mäder e Moura defendem um modelo de «género prototípico» em que esta aceção passa a abranger considerações que o masculino genérico desconsidera, como «o uso linguístico (que envolve a interface semântica/pragmática, sem distingui-las necessariamente); a frequência de uso; o conhecimento enciclopédico (aqui se incluem os estereótipos culturais); e processos cognitivos mais gerais, notadamente os processos metonímicos, através dos quais tomamos a parte pelo todo. Neste caso, homem por humano» (Mäder e Moura, 2015: 45).

referred to exclusively using she, he, they, etcetera» (Auxland, 2020: 62). Já no caso da língua portuguesa, «a system of noun classification exists but [...] the rules for gender classification do not differentiate between personal (i.e. human) and impersonal (i.e. nonhuman) referents» (Auxland, 2020: 62). Importa ainda referir que, ao contrário da língua portuguesa, a língua inglesa apresenta pronomes de índole neutra através das formas da terceira pessoa do plural *they* e *them*. Aliás, em 2019, uma das editoras mais conceituadas no que respeita à publicação de dicionários, *Merriam-Webster*, reconheceu o uso destes pronomes na sua aplicação no singular. Esta decisão reconheceu, assim, o uso destes pronomes por parte da comunidade não-binária enquanto formas neutras singulares³³.

Acrescente-se que o uso da língua enquanto propulsora de estereótipos de género não se regista apenas na língua portuguesa, mas também na língua inglesa. Com efeito, ao passo que na língua portuguesa a marcação de género se regista através das terminações das palavras, como em «médico» e médica³⁴, na língua inglesa a mesma é feita através da aplicação de prefixos como «female» e «male»³⁵ (Tarif, 2015: 4). Por este motivo, embora a palavra «doctor» seja neutra, a palavra/profissão denota associações e um domínio masculino, pois a marcação de género regista-se nas construções de «female doctor» e «male doctor». É de notar que a situação inversa de um «feminismo genérico» também se regista, por exemplo, em «nomes de profissão estereotipicamente femininas, como enfermeira, secretária, empregada (doméstica)» (Mäder e Moura, 2015: 39), algo que demonstra que o masculino genérico não é totalmente universal. Deste modo, embora a marcação de género seja empregue através de diferentes mecanismos, as duas línguas têm a capacidade de desempenhar um papel para a manutenção e propagação de estereótipos de géneros.

As regras de concordância da língua portuguesa na sua componente de linguagem padrão resultam em que cenários como a indefinição do género do sujeito e/ou a composição mista de um grupo de pessoas sejam responsáveis por uma interpretação sexista da língua. Em

³³ Note-se que apesar de a língua inglesa apresentar esta possibilidade de índole neutra, são várias as propostas alternativas para pronomes neutros por parte de comunidades não-binárias, como: z(i)e/hir, xe/xem e ve/ver.

³⁴ Veja-se, a propósito: «[a]ssim, faria parte do modelo cognitivo idealizado a informação de que “médicos geralmente são homens”. Considerando que esta seja ainda uma profissão estereotipicamente masculina, os membros mais centrais (e cognitivamente mais salientes) dessa categoria seriam os médicos (homens), e os membros mais periféricos, as médicas (mulheres). Devido à característica de os membros mais centrais de uma categoria serem usados em lugar da categoria como um todo, neste caso em particular os membros masculinos da categoria seriam utilizados para representar a categoria inteira» (Mäder e Moura, 2015: 49).

³⁵ Veja-se a título de exemplo: «[t]he terms “female”, “lady” and “woman”, each term having its own connotations (Yaguello 119), are used to feminize occupational terms in English: doctor > *female/lady/woman* doctor. [...] Furthermore, the lack of symmetry manifests itself in the tendency to use a feminine marking on an occupational term when the latter refers to a woman, while the masculine term remains unmarked: “doctor” vs “female/lady/woman doctor” (Schulz 164)» (Tarif, 2015: 38).

particular, este último caso suscita diferentes observações, ao questionar-se o porquê de, num grupo de cem mulheres, a presença singular de um único homem seja motivo suficiente para que «elas» passem a ser referidas como «eles»³⁶. Estas regras gramaticais revelam-se ainda de uma forma prematura, antes da própria conceção física da humanidade. Qual é o género **do**³⁷ bebé? A verdade é que a predefinição masculina está sempre circunscrita nestes discursos precoces, sendo que a prioridade do masculino sobre o feminino é o motivo pelo qual várias figuras acusam o masculino genérico de ser uma ferramenta contributiva para a dominação, ofuscação e até eliminação do feminino, em primeira instância na linguagem e, consequentemente, nas restantes áreas da sociedade. Aliás, não só do feminino, mas também das realidades e identidades que estão para além do binário. Desta forma, embora a língua portuguesa da variedade europeia se revele maioritariamente inviável para a criação e a prática de uma gramática neutra, Auxland (2020: 66-68) apresenta um conjunto de diretrizes para a possível construção e definição de um género neutro na língua portuguesa³⁸:

- ser distinta do género gramatical feminino ou masculino, pelo menos em casos onde ocorre uma distinção gramatical de género: a terminação em [-e] é visualmente e audivelmente distinta das suas contrapartes;
- estar em conformidade com a gramática da língua portuguesa (sempre que possível): nas transformações de [-ga/o] em [gue] e [ca/o] em [que] a adição do [u] preserva as regras gramaticais – amigável, técnica;
- ser inteligível para falantes da língua portuguesa que desconhecem o seu uso e aplicação: inconsensual – reconhece-se que em discurso falado a terminação em [-e] pode ser mal-interpretada como [-o]³⁹;

³⁶ Veja-se, a propósito, o caso do francês: «[t]hus, to translate “they” in “300 women and 1 man went to the *St. Jerome’s Day Conference*. THEY had a whale of a day!”, the third-person masculine pronoun “ils” would have to be used. Apart from the last specificities mentioned about French, the major difference in the two languages lies in the existence of an agreement pattern in French» (Tarif, 2015: 40).

³⁷ Por outro lado, «[t]he doctor who receives the child and pronounces-“It’s a girl” -begins that long string of interpellations by which the girl is transitively girled: gender is ritualistically repeated, whereby the repetition occasions both the risk of failure and the congealed effect of sedimentation» (Butler, 1997: 49).

³⁸ Note-se que estas soluções serão abordadas na subsecção da neolinguagem e serão melhor exemplificadas aquando da apresentação e consequente análise dos casos de tradução do presente estudo.

³⁹ Veja-se, a propósito: [i]f the neutral gender is misconstrued as the masculine, then does this proposition suffer from the same downsides as the use of the masculine as a false generic? And two, to what degree can any proposed neutral gender be reasonably expected to be immediately intelligible to language users unfamiliar with its use? However, there also exists a line of argument to the contrary; the language used by R seems to have been understood as referring in some capacity to their gender identity, which has led to the use of their name in place of a gendered third-person pronoun such as *ele* or *ela*; as such, it could be argued that their use of this neutral -e

- refletir o vocabulário e a prática linguística já existentes da língua: reflete a mesma funcionalidade das palavras de gênero neutro já existentes na língua portuguesa, como «estudante, ajudante»;
- funcionar não apenas no plural, mas também no singular, enquanto pronome pessoal específico – deve ter em conta a existência de indivíduos fora do binário: a terminação [-e] identifica a individualidade no singular, ao mesmo tempo que elimina a binariedade de gênero do masculino plural e os preconceitos a este associado;
- funcionar tanto na forma escrita, como forma falada: a terminação em [-e], em oposição às construções com [-x], ou [-@].

Se o gênero (social e/ou gramatical) é tradicionalmente compreendido através de uma perspetiva binária, o mesmo se deve e/ou reflete através da linguagem. Esta divisão entre «elas» e «eles» leva a que as pessoas que não se inserem nestes parâmetros não sejam passíveis de serem faladas, registadas e representadas na língua. Contudo, embora sejam várias as limitações que a gramática da língua portuguesa impõe a uma possível sociedade mais inclusiva, há quem defenda a sua manutenção e permanência, por já estar profundamente enraizada na sociedade e por incutir um sentimento de familiaridade. É por este motivo que se tem registado um crescimento de propostas para a adoção de uma linguagem considerada não-binária, neutra e/ou inclusiva na sociedade portuguesa, da qual se destaca a possível introdução de um terceiro gênero que seja gramaticalmente neutro.

1.2.3. A Neolinguagem

De acordo com Pereira (2022), os pronomes, substantivos, termos de tratamento e o *deadnaming*⁴⁰ são as formas de *misgendering*⁴¹, ou, de maldenominação, através das quais a

has served its functional purpose in both avoiding misgendering through use of the masculine or feminine, as well as communicating, if not their gender identity, then at least a preference for gender-neutral language which seems to have been generally recognised as a result» (Auxland, 2020: 72).

⁴⁰ Entenda-se, por *deadnaming*: «utilizar o “nome morto” (o nome antigo, inicial, de registro e não mais utilizado por uma pessoa trans)» (Pereira, 2022: 252).

⁴¹ Veja-se a propósito: «[o] ato de *misgendering* é definido por McLemore (2014) como uma má classificação da identidade de um indivíduo pertencente ao espectro transgênero, como, por exemplo, o uso de um pronome incorreto ou atribuir um gênero a um nome que, na verdade seria neutro. Seus estudos revelam ainda desconforto psicológico e sentimentos de estigmatização, inferioridade, desvalorização, estresse e invalidação, impactando na autoestima de tal pessoa quanto à sua aparência e interferindo em sua total participação na sociedade, sobretudo quando essa má denominação ocorre de forma intencional» (Pereira, 2022: 252).

língua pode ser usada como ferramenta de agressão⁴² – quer de forma consciente ou inconsciente – da comunidade trans e não-binária (Pereira, 2022: 252). É de notar que estas formas violentas de aplicação da língua remetem para a ideia de «linguistic survival», ou «sobrevivência linguística» de Judith Butler:

“Linguistic survival” implies that a certain kind of surviving takes place in language. Indeed, the discourse on hate speech continually makes such references. To claim that language injures or, to cite the phrase used by Richard Delgado and Mari Matsuda, that “words wound” is to combine linguistic and physical vocabularies. The use of a term such as “wound” suggests that language can act in ways that parallel the infliction of physical pain and injury. (Butler, 1997: 4)

Os pronomes são, contudo, elementos de destaque, por se estabelecerem como um dos «primeiros atos de autoidentificação que uma pessoa transgênero realiza, juntamente com os nomes adequados» (Pereira, 2022: 244). Desta forma, ao procurar combater esta realidade binária, patriarcal e cisheteronormativa da sociedade através da linguagem, são várias as entidades que nas últimas décadas procuraram encontrar diferentes estratégias para combater estes obstáculos. Ao uso de uma linguagem não-binária, neutra e/ou inclusiva pode estar, assim, subjacente o que se entende por neolinguagem⁴³. O portal online Orientando define-a como «algo que engloba todos os gêneros gramaticais não aceitos na norma padrão da língua portuguesa, [...] tanto o que usa @ como um artigo e como final de palavra (“@ menino@”) quanto o que usa elu como um pronome e a letra E como final de palavra (“elu é não-binária”))» (Orientando, 2019). Além disto, é importante sublinhar que estes tipos de propostas não se prendem com a procura de uma «terceira categoria», mas sim de uma «contemplanção das diferentes possibilidades de expressão» (Brevilheri et. al, 2022: 4).

⁴² Isto, porque, «[c]onsiderando as implicações e efeitos do ato de *misgendering*, pode-se apenas concluir que, quanto feito intencionalmente, seu intuito é insultar, desrespeitar e antagonizar. O argumento tradicional de que os pronomes devem se referir ao “sexo biológico” de uma pessoa é incorreto, primeiramente, pois a língua é dinâmica e seu uso em uma época pode mudar para se adaptar a mudanças culturais e novos entendimentos desenvolvidos» (Pereira, 2022: 254).

⁴³ Note-se que a neolinguagem «nada tem de neutra pois, assim como todos os aspectos da vida social, é política, localizada e galgada na soma das lutas e afetos, do que Sawaia (2009) descreve enquanto união dos esforços, corpos e mentes, para constituição do “sujeito político coletivo”.» (Brevilheri et. al, 2022: 4).

Desta forma, o *Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR)* (2019) de Ophelia Cassiano e a sua adaptação por Pedro Valente para a variedade europeia da língua portuguesa, *O “x” e o “@” não são a solução: Sistema Elu e Linguagem Neutra em Género* (2020), apresentam diferentes propostas para a adoção de um sistema neutro. Nestes guias apresentam-se regras subjacentes ao sistema elu/delu⁴⁴. Este sistema tem vindo a ser consolidado como o mais indicado para a implementação de uma linguagem não-binária na língua portuguesa. Contudo, outras formas, como éle/déle, ile/dile, ilu/dilu, el/del e elx/delx são também reconhecidas. Não obstante, os guias de Cassiano e Valente, para além de apresentarem várias sugestões que dão uso a construções já presentes na língua (reformulação de frases, supressão de artigos e pronomes, o uso da voz passiva e do gerúndio), apresentam ainda um abundante número de regras gramaticais⁴⁵ para o uso deste sistema, de que se destacam aqui apenas três exemplos:

- Quando a palavra termina em -ca/-co, substitui-se por -que (médique)
- Quando a palavra termina em -ga/-go, substitui-se por -gue (amigue)
- Quando a palavra termina em -ra/-r substitui-se por -re no singular e por -ries no plural (pintore, pintories).

Com efeito, é importante referir que o uso de «x» e «@» como marcadores de género neutro já são formas maioritariamente rejeitadas pela comunidade LGBTI+, sendo que para além da sua incompatibilidade com a leitura e a oralidade, as mesmas não são soluções verdadeiramente inclusivas. Ao considerar uma perspetiva interseccional, estas marcas comportam outra ameaça: a de dificultar a compreensão e de tornar estas construções inacessíveis a pessoas portadoras de deficiências visuais – visto que os programas de texto-para-voz não reconhecem estas construções – e neurológicas (como o caso da dislexia). Também importa referir que o próprio sistema elu encontra alguma resistência na variedade europeia da língua portuguesa, porque a diferença fonética entre ele/dele e elu/delu não é tão perceptível como na variedade brasileira, não só no que respeita aos diferentes sotaques nacionais, mas também à velocidade e à fluência da fala. Não obstante estas dificuldades, em 2023 registaram-se grande avanços para o uso do sistema elu/delu em Portugal, através da

⁴⁴ Note-se que: «[o] sistema já foi citado em várias publicações, como o Diário de Notícias, a revista Gerador e o jornal Público, é utilizado, entre outras, pela associação portuguesa rede ex aequo, foi aprovado para uso académico na Universidade de Buenos Aires, e é usado diariamente por várias pessoas.» (Valente, 2020).

⁴⁵ Para uma lista mais detalhada e completada visite-se: <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>.

publicação do livro *No Meu Bairro*⁴⁶ de Lúcia Vicente, da tradução da novela gráfica e autobiográfica *Gender Queer (Género Queer)* de Maia Kobabe, pela editora Edições Asa e a tradução oficial do livro em análise no presente estudo *I Wish You All the Best (Quero Apenas o Melhor Para Ti)*, pela editora Desrotina⁴⁷.

No estudo intitulado, *Neolinguagem e “linguagem neutra”: potencialidades inclusivas e/ou reações conservadoras* (2022), as figuras autorais analisam as contribuições⁴⁸ de ativistas da comunidade não-binária para o uso destes diferentes «conjuntos de linguagens»⁴⁹, e a forma como estas se relacionam e refletem no âmbito de uso político e escolar. Este estudo conclui que a neolinguagem se revela «como tecnologia (de resistência) de gênero(s), não como questionador metafísico de uma ordem social pelo puro questionamento, mas como ferramenta de inclusão e consideração da pluralidade» (Brevilheri et. al, 2022: 13). Para além disto, este estudo demonstra que, na língua portuguesa, os avanços da neolinguagem registam-se principalmente através de contributos da comunidade brasileira, sendo que tal pode se justificar pelo facto de esta variante não ser tão conservadora quanto a variedade europeia, ao possibilitar uma maior criatividade linguística e permeabilidade a novas tendências e construções.

Importa ainda referir as diferentes preocupações subjacentes às áreas específicas do uso da neolinguagem, sendo que a linguagem neutra apresenta uma abordagem neutralizante da língua, ao passo que a linguagem inclusiva apresenta uma abordagem de especificação das

⁴⁶ Veja-se, a propósito: «[e]sta obra tem a missão de mudar os estereótipos que existem na sociedade e assume, com orgulho, a diversidade, tornando-a visível para que se possa finalmente normalizar. Através de uma viagem pelas interrogações e vidas de doze crianças, fala-se de diversidade de género, familiar, racial ou de credo religioso, dando ferramentas a quem educa para abordar estes temas, cada vez mais presentes na vida das nossas crianças. Os livros são a ferramenta ideal para a normalização de uma linguagem que represente de igual forma todas as pessoas. Assim, pela primeira vez em Portugal, vamos assumir uma proposta do sistema gramatical neutro ELU» (Vicente, 2023). Ademais, é de notar que este livro tem suscitado um misto de reações na sociedade portuguesa, sendo o caso mais insólito o ato de censura do qual foi alvo, durante o seu lançamento.

⁴⁷ *Género Queer* foi traduzido por Elga Fontes e *Quero Apenas o Melhor Para Ti* por Célia Correia Loureiro.

⁴⁸ Por exemplo, a criação do «Sistema APF» (Artigo/Pronome/Flexão) «[c]omo forma de denotar o(s) conjunto(s) utilizado(s) por uma pessoa em específico, a própria comunidade não-binária brasileira criou o “Sistema APF” [...]. Trata-se de uma indicativa que funciona tanto de maneira gráfica/visual (*artigo*/*pronome*/*flexão*, como em a/ela/a) quanto falada (“eu utilizo artigo a, pronome ela e flexão -a”), de forma que sua inserção nas apresentações e “biografias” nas redes sociais tem se popularizado» (Brevilheri et. al, 2022: 5); veja-se também o «testador de conjuntos» disponível em: <https://orientando.org/conjuntos/avancado/>.

⁴⁹ Entenda-se por conjuntos de linguagem, «recursos auto reivindicados por alguém (independentemente de sua identidade ou modalidade de gênero) para falar de si mesma ou para que outras pessoas se refiram a ela. Trata-se do que tem se convencido chamar de “pronomes”. Porém, não se resume a isso, referindo-se também a extensão de artigos e flexões – que aparecem, por exemplo, em adjetivos – ou, como aparece em alguns textos, “final de palavra” ou “terminação”.» (Brevilheri et. al, 2022: 5).

diferentes identidades⁵⁰. Por outras palavras, a linguagem neutra assume uma só conotação de teor universal para se referir a diferentes categorias de pessoas, enquanto a linguagem inclusiva procura tornar visível cada constituinte individual. A título de exemplo, olhe-se para os seguintes enunciados:

- (A) Os direitos reprodutivos e sexuais femininos e/ou das mulheres estão a ser postos em causa.
- (B) Os direitos reprodutivos e sexuais estão a ser postos em causa.
- (C) Os direitos reprodutivos e sexuais das mulheres cisgénero, dos homens trans, das pessoas intersexuais, não-binárias e de género fluído estão a ser postos em causa.

No caso (A), embora haja uma ênfase no feminino, a mesma consiste numa construção binária de teor biológico. Neste sentido, ao considerar que a linguagem exclusiva «expressa uma tendência preconceituosa a favor de um sexo e, portanto, discrimina outras identidades de género»⁵¹, este exemplo reflete o uso de uma linguagem exclusiva, em que não é o masculino que exclui, mas sim o feminino. Já no caso (B), apresenta-se uma solução de índole neutra, através da omissão de marcadores de género, sendo que o enunciado passa a ter uma aplicação universal. Finalmente, o caso (C) é uma amostra de uma linguagem inclusiva, ao dar destaque e visibilidade a diferentes comunidades passíveis de serem afetadas por esta temática.

É este o enquadramento sobre género e linguagem que contextualiza o presente trabalho, em que a vertente tradutória do estudo aqui desenvolvido poderá desempenhar um papel decisivo e impulsionador para que novas realidades sejam faladas e escritas na língua portuguesa, bem como representadas no campo político.

⁵⁰ Veja-se, a propósito: «[t]he definition of neutral is a position of disengagement, not engaging or not aligned with or supporting any side or position. Whereas the definition of inclusive is to include a great deal, or encompassing everything concern, comprehensive» (UCMERCED, 2023).

⁵¹ No original: «[e]xclusionary language is language that expresses bias in favors of one sex and thus discriminates against other gender identities. Language that discriminates against a gender identity by not adequately reflecting their role, status and presence in society is exclusionary» (UCMERCED, 2023).

2. Literatura Queer – Perspetiva histórica, cultural e nacional

A literatura queer é uma área emergente no campo literário que tem vindo a solidificar-se como uma ferramenta subversiva de combate e de resistência às diferentes forças e valores patriarcais presentes na sociedade. De uma forma geral, esta é uma área interseccional que vai abordar temáticas relacionadas com as diferentes orientações sexuais e identidades de género não-normativas, procurando desconstruir papéis, estereótipos e expectativas associadas às mesmas. Torna-se, assim, inevitável que a literatura queer se alinhe com as preocupações, perspetivas e lutas da comunidade LGBTI+ ao desafiar o pensamento normativo da sociedade. Não obstante, a definição concreta desta área tem-se registado como uma tarefa desafiante ao longo dos últimos anos, à conta da própria instabilidade que é causada pela (in)determinação daquilo que se entende por «queer».

2.1. Queer Instável e Subversivo

A palavra «queer» está presente na língua portuguesa ao constituir-se como um empréstimo da língua inglesa. O dicionário online Infopédia define o termo como o «que ou aquele cuja identidade sexual ou de género não corresponde ao padrão social normativo»⁵² enquanto o dicionário online Priberam define-o como «[r]elativo a uma identidade de género ou a orientação sexual que não é considerada tradicional, normativa ou maioritária (ex.: activismo queer; identidades queer)»⁵³. Os dois dicionários identificam «queer» como um adjetivo de dois géneros e dois números, sendo que a Infopédia também o classifica como nome. Contudo, estas estipulações não refletem o carácter dinâmico, mutável e subversivo que está necessariamente intrínseco à qualidade de «queer». No dicionário de Cambridge, para além de o termo ser reconhecido como um adjetivo e um nome, ganha também uma classificação enquanto verbo: «mudar algo para que não se relacione apenas com um género, feminino ou masculino, ou para que se deixe de enquadrar nas ideias tradicionais sobre o género ou sexualidade»⁵⁴. Esta aceção de queer enquanto verbo reflete, assim, o pensamento de Judith Butler nas suas observações sobre a linguagem e o conceito de género enquanto performance.

⁵² Informação retirada de: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/queer>.

⁵³ Informação retirada de: <https://dicionario.priberam.org/queer>.

⁵⁴ No original: «to change something so that it does not relate only to one gender, either male or female, or so that it no longer fits traditional ideas about gender or sexuality». Informação retirada de: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/queer>.

Na língua portuguesa tem-se verificado, então, uma incapacidade de compreender e pensar o «queer» na sua totalidade conceptual. Este acaba por ser um problema também de carácter tradutório. Note-se que, mesmo em inglês, e apesar de a língua inglesa ter uma maior abertura para se pensar a realidade que o vocábulo representa, a dificuldade permanece também no mundo anglófono, pois «[t]he issue with queerness is in its slippage of meaning; how what it may mean in one context, cultural, temporal or otherwise can change when transposed» (Donahue, 2016). Deste modo, a dificuldade de encontrar uma significação de «queer» prende-se precisamente por esta não permitir, mas sim subverter, um significado fixo e universal.

2.2. Considerações sobre a Literatura Queer

Se a própria conceção de «queer» não é fixa, como é que se pode definir uma literatura enquanto queer? Quais são os elementos e características textuais que definem esta literatura? E quais são as figuras responsáveis por esta atribuição? Estas são algumas das preocupações exploradas por Allison Donahue em *On Reading and Translating Queer Literature* (2016):

Queerness in art is a multilayered term. It can mean the author is queer—I think this is the most common understanding. It can also mean that the text itself is queer. This queer text can potentially be written by anyone. And this queerness doesn't necessarily coincide with the author's identity. Or does it? I'm still not certain. I know plenty of queer identified authors who don't write "queer" and other writers who wouldn't use the term to describe themselves but write work that formally, structurally could only be termed queer. Because it is work that doesn't fit a category, that unsettles, that refuses the framework offered. (Donahue, 2016)

De acordo com Donahue, a magnitude inerente ao conceito de queer no âmbito da literatura queer, bem como da arte em geral, é característica de uma pluralidade de significações, precisamente por este ser um conceito que recusa a sua própria definição. Aliás, esta é uma área que não procura ser estável; pelo contrário, a mesma procura destabilizar, subverter e questionar as normas e estruturas dominantes, rígidas e binárias da sociedade. Deste modo, pode-se afirmar que entender uma obra enquanto pertencente ao âmbito da

literatura queer é tão simples quanto ao facto de a mesma ser interpretada pela comunidade leitora enquanto queer, independentemente de este ser o objetivo e/ou o conteúdo da obra, bem como de a identidade queer coincidir ou não com a identidade da figura autoral.

De acordo com o Harry Ransom Center (HRC)⁵⁵ a literatura queer ganhou popularidade no final do século XX e desde então são vários os métodos que têm surgido para avaliar a *queerness* de uma obra literária, sendo que a mutabilidade dos conceitos de «género» e de «sexualidade» são dois dos fatores que contribuem para uma evolução constante e permanente desta área (HRC, 2022). Uma das questões que mais contribui para a instabilidade da literatura queer é que «considering that obscenity laws and social conservatism required authors to craft queer themes in their books with some degree of discretion, many literary studies practitioners maintain openmindedness and creativity when looking for queer subject matter» (HRC, 2022). Por outras palavras, quando uma obra literária não é explícita na sua aplicação do queer, não significa que a figura autoral não tivesse tentado veicular esta matéria na sua obra, ou até que este não fosse o próprio objetivo principal da mesma. Deste ponto de vista, a comunidade leitora será responsável por classificar a obra como sendo queer, o que coloca o termo numa situação reforçada de instabilidade conceptual.

A realidade é que, enquanto coletivo historicamente perseguido e atacado pela sociedade geral, a comunidade LGBTI+ enfrentou e continua a enfrentar diferentes obstáculos que resultam na sua repressão e opressão. No âmbito literário, este ambiente hostil leva a que quem procure discutir e abordar temáticas «queer» nos seus textos, possa recorrer a uma abordagem anónima e/ou implícita⁵⁶. Deste modo, esconder o «queer» reflete-se através da criatividade, da ambiguidade e do uso de simbologia e de codificações, de modo que o «queer» só seja perceptível para quem também seja queer (HRC, 2022). Esta estratégia, não só salvaguarda uma possível figura autoral, queer, mas cria também um sentimento de solidariedade e de comunidade que só será estabelecido entre a figura autoral e a comunidade leitora **queer**.

⁵⁵ O HRC é um centro de investigação da Universidade do Texas em Austin, que é internacionalmente reconhecido na área das humanidades. Informação retirada de: <https://www.hrc.utexas.edu/about/>.

⁵⁶ A título de exemplo, veja-se: «Oscar Wilde's *The Importance of Being Earnest*, while not overtly queer at surface level, relies heavily on the question of "double identities." Amy Lowell's poetry regularly used flower imagery to symbolize queer sex and intimacy between women. Mary Shelley's monster in *Frankenstein* (adapted for film by openly gay director James Whale) is given life through collaboration between men, sidestepping heterosexual reproduction» (HRC, 2022).

Deste modo, parece agravar-se o isolamento da comunidade queer, também no que respeita ao mundo literário. Os obstáculos impostos à publicação de obras de índole queer são vários, entre os quais se destaca a proibição de as personagens e/ou temáticas LGBTI+ receberem um final feliz⁵⁷ (HRC, 2022). Por outras palavras, estes elementos estão limitados a uma narrativa repetitiva, que para além de estar repleta de estereótipos, está também condenada a um final insatisfatório, incompleto e/ou até fatal. Aliás, devido à constante recorrência e popularidade desta prática em pleno século XXI, a mesma foi denominada como *Bury Your Gays*, ou, Enterrem Seus Gays. Esta alegoria reflete, assim, a tendência de o desenvolvimento das narrativas referentes às personagens LGBTI+ ter um fim precipitado e/ou incompleto por estas estarem destinadas à morte. O site *TV Tropes*⁵⁸ identifica várias variantes deste cenário sendo estas visíveis quando a personagem queer se encontra pelo menos numa das seguintes circunstâncias: é a primeira a morrer; tenta cometer/comete suicídio; é atacada e/ou assassinada num ataque homofóbico/transfóbico; é morta logo após sair do armário; apresenta uma narrativa que envolve o vírus da sida, como possível forma de castigo para a homossexualidade⁵⁹.

Importa realçar que, embora esta medida tenha sido usada num momento inicial como uma estratégia para possibilitar a mera presença de personagens LGBTI+ em diferentes plataformas, a verdade é que atualmente a mesma é implementada principalmente como uma forma de *tokenismo*⁶⁰. Significa isto que as narrativas individuais relativas às personagens LGBTI+ não são aprofundadas nem desenvolvidas pelas figuras responsáveis pela criação e/ou difusão dos produtos simbólicos em que se inserem – como as figuras autorais, editoras e agentes. É a chamada *Token Minority*⁶¹ (Minoria Token), que de acordo com o site *TV Tropes* consiste nas personagens que são criadas com o intuito de incluir mais grupos minoritários – não só a comunidade LGBTI+, mas as demais minorias como as que respeitam a raça, a etnia e a religião – na trama da história. Desta forma, o site identifica que este tipo de personagem

⁵⁷ No original: «cultural norms (such as the Motion Picture Production Code of 1934-1968) didn't explicitly ban queer characters and content, but did dictate that queer characters must be punished and not rewarded with a happy ending» (HRC, 2022) .

⁵⁸ O site *TV Tropes* é representativo de uma colaboração comunitária que promove a identificação, explicitação, partilha e discussão de conteúdo relacionado com as várias temáticas e ferramentas narrativas encontradas na literatura, televisão, cinema, videojogos e demais plataformas, que exploram as «tropes», ou seja, as narrativas destes produtos simbólicos.

⁵⁹ Informação retirada de: <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BuryYourGays>.

⁶⁰ Entenda-se por *tokenismo*: «adoção de medidas meramente simbólicas ou superficiais como forma de aparentar uma situação de igualdade, diversidade e inclusão social num determinado contexto (laboral, educacional, etc.)» Informação retirada de: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tokenismo>.

⁶¹ Informação retirada de: <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TokenMinority>.

pode, realmente, permitir uma maior visibilidade e capacidade de identificação por parte das comunidades minoritárias. Contudo, a mesma também pode ser adotada apenas como um mecanismo que permita às figuras produtoras: a atribuição desprovida de remorsos do *Scary Minority Suspect*⁶² (Suspeito de Minoria Assustador) – quando a única minoria presente na narrativa é responsável por ações de índole duvidosa e/ou criminosas; a criação de piadas potencialmente insensíveis no respeitante às diferentes minorias; evitar o tipo de críticas referentes a uma falta de representatividade e/ou diversidade.

Não obstante o acima exposto, o HRC reconhece a morte enquanto temática característica da literatura queer, não só pelos fatores supramencionados, mas também no que respeita à legacia e às obras postumamente publicadas (HRC, 2022). Ao considerar a ilegalidade histórica do casamento entre pessoas do mesmo sexo/género, após a morte da figura autoral, a sua cara-metade terá de lidar com as dificuldades decorrentes das heranças, do controlo criativo e da própria proteção da privacidade do casal – aspetos que se constituem como fatores representativos da literatura queer. É por este motivo que a epidemia do vírus HIV, que roubou a vida a tantas pessoas desta comunidade, estabelece-se como um dos momentos mais marcantes da literatura queer na época contemporânea (HRC, 2022).

O centro de investigação HRC aborda ainda as diferentes facetas da literatura queer, ou seja, a vertente interseccional, ao identificar a sobreposição das áreas «Queer-of-color» (queer e pertencente a uma minoria étnica), «Queer Crip» (pessoa queer e portadora de deficiência) e «Eco-Queer» (queer e ativista ambiental) (HRC, 2022). Estas áreas abordam, respetivamente, a forma como o género e a sexualidade se representam em diferentes contextos raciais (pessoas Negras, indígenas e racializadas), em diferentes contextos das (in)capacidades motoras e mentais (pessoas portadoras de deficiência) e em diferentes contextos ambientais e ecológicos⁶³.

Após esta breve contextualização, importa referir que, apesar de providenciar diferentes características e subcategorias da literatura queer, o HRC não apresenta uma definição concreta de literatura queer. Pelo contrário, o centro de investigação convida o corpo académico a escolher livremente rumos de criação e interpretação: «to form their own hypotheses of how they would determine queer themes in a text and provide a “queer reading”» (HRC, 2022).

⁶² Informação retirada de: <https://vtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ScaryMinoritySuspect>.

⁶³ Para uma melhor compreensão da área «Eco-Queer», veja-se o estudo de Joshua Sbicca intitulado: *Eco-queer movement(s): Challenging heteronormative space through (re)imagining nature and food* (2012).

Apesar disso, podemos identificar algumas prioridades. No estudo, *Examining Queer Elements and Ideologies in LGBT-Themed Literature* (2015), procura-se analisar uma coleção de livros com temáticas LGBTI+ de forma a identificar as diferentes qualidades e recursos que a literatura queer disponibiliza à comunidade leitora (queer), sendo o objetivo distinguir entre literatura queer e uma literatura mais vasta que apenas apresente temáticas LGBTI+ (Blackburn *et al.*, 2015: 11). Neste estudo, a apresentação de uma definição de literatura queer consiste na deslocação do foco do campo das certezas para o campo das perguntas sobre o género, para que haja «less of an underscoring of classifications based on sexual identities and gender expressions, like LGBTQQ, and more of a suspension of such classifications and an interrogation of norms associated with them» (Blackburn *et al.*, 2015: 13).

Este campo de estudos já identificou uma evolução histórica na literatura queer, que é usada como base para as suas análises. Assim, adota-se o uso de três categorias descritivas, cada uma delas correspondendo a um período específico⁶⁴. As categorias são a Visibilidade Homossexual (VH) nos anos 70 e 80, a Assimilação Gay (AG) nos anos 90 e a Consciência/Comunidade Queer (CQ) no século XXI⁶⁵ – sendo esta última a mais relevante para a definição de uma literatura queer (Blackburn *et al.*, 2015: 13).

É de notar que a estas categorias está também associada uma componente inerentemente ideológica. Desta forma, na VH uma personagem sai ou é forçada a sair do armário sendo esta a «substância dramática» da obra (Blackburn *et al.*, 2015: 14). Independentemente do objetivo da figura autoral, estes tipos de histórias acabam por reforçar a ideia de que pertencer à comunidade LGBTI+ é uma experiência desagradável, perigosa e miserável. Já a AG implica a simples presença de personagens LGBTI+, da mesma forma que se regista a presença de personagens canhotas e/ou ruivas (Blackburn *et al.*, 2015: 14), contribuindo, assim, para a sua normalização. Por fim, a CQ implica o fator comunitário da experiência vivida da comunidade LGBTI+. Estes tipos de histórias proporcionam à

⁶⁴ Veja-se, a propósito: «Cart and Jenkins (2006) are, to our knowledge, the only scholars to date who have developed a heuristic of young adult (YA) literature with gay/lesbian/queer content. In their foundational work with respect to gay, lesbian, and queer YA literature, Cart and Jenkins relied on Bishop's (1982) work in which she categorized African American children's literature into social conscience books, melting pot books, and culturally conscious books. Using this as a model, Cart and Jenkins strove to “create a model specific to GLBTQ content in YA fiction using category descriptors that reflect post-Stonewall GLBTE history and experience to describe the evolution of YA literature with GLBTQ content from 1969 through 2004” (p. xix)» (Blackburn *et al.*, 2015: 13).

⁶⁵ No original: «homosexual visibility (HV), gay assimilation (GA), and queer consciousness/community (QC)» (Blackburn *et al.*, 2015: 13).

comunidade leitora (queer) a representação e a visibilidade de uma experiência comunitária, onde a partilha e a vivência do queer são privilegiadas e celebradas.

As figuras autorais vão ainda distinguir entre uma perspetiva essencialista, desenvolvimentista e pós-estrutural, no que respeita às construções das identidades sexuais e de género (Blackburn *et al.*, 2015: 14-15). As duas primeiras partem do princípio de que o desenvolvimento de uma categoria identitária implica uma evolução linear para a determinação de uma identidade. Contudo, a perspetiva desenvolvimentista centra-se nos diferentes processos de construção e obtenção de identidades, ao passo que a essencialista não questiona tais atributos. A perspetiva pós-estrutural vai mais além e questiona a própria existência de identidades fixas, homogéneas e imutáveis. De acordo com esta perspetiva, «as identidades sexuais e de género são compreendidas como múltiplas, variáveis, e até, por vezes, conflitantes»⁶⁶.

Deste modo, pode-se ver que se transfere para o estudo da literatura queer os métodos de análise literária, embora com um enfoque no campo específico da identidade queer. Com efeito, as análises identificam diferentes elementos literários que colaboram na configuração de personagens queer, na medida em que ajudam «to convey the experiences of characters being and becoming queer» (Blackburn *et al.*, 2015: 16). Os aspetos mais relevantes são o estilo (em que assume destaque a ironia), os recursos estilísticos (configurações metonímicas, por exemplo), o género da obra (em que pontifica o romance), o tom (cómico ou trágico), a focalização (se os narradores são ingénuos ou não-confiáveis), ou o uso de *flashbacks* e *foreshadowing* no tratamento do tempo (Blackburn *et al.*, 2015: 16-18).

Para além destes elementos, as «disruptions of norms» (Blackburn *et al.*, 2015: 29), ou a rutura/perturbação de normas, é também uma área de interesse acrescido no respeitante às temáticas de índole queer. Por conseguinte, este estudo permitiu a identificação de três categorias ilustrativas desta vertente, sendo estas: sexualidade e género; famílias e casas; tempo.

No caso da *sexualidade e género*, as figuras autorais entendem que, respetivamente, ser heterossexual e ser cisgénero são as normas que a literatura queer pretende romper. Para este efeito, as figuras autorais identificam as seguintes condições: evitar a identificação de género de modo a questionar a identificação sexual; a representação do desejo e comportamento entre pessoas do mesmo sexo, bem como a presença de personagens que

⁶⁶ No original: «Instead, sexual and gender identities are understood as multiple, variable, and even, at times, conflicting» (Blackburn *et al.*, 2015: 15).

explicitamente reivindicuem identidades sexuais não-normativas; a presença de personagens que assumem traços do género oposto, que preformem o género oposto e/ou que rejeitem o seu sexo atribuído à nascença, em favor do seu género verdadeiro (Blackburn *et al.*, 2015: 34).

Quanto à categoria das *famílias e casas*, as normas que se procuram romper são a noção fictícia de que uma família é sempre composta por uma mãe, por um pai, e pelas suas crianças biológicas, e de que todas estas entidades vivem juntas, sem que haja a presença de outras pessoas, numa casa que, normalmente, estão a tentar tornar sua (Blackburn *et al.*, 2015: 34). Na prática, estas questões refletem-se através de uma rejeição das noções tradicionais de família, de uma celebração de configurações familiares alternativas, e ainda de uma reconciliação entre as pessoas da mesma família.

Por fim, no respeitante ao *tempo*, as figuras autorais entendem que romper com esta categoria, embora não seja uma abordagem exclusiva da literatura queer, pode reforçar e potencializar a essência queer já existente da história:

We were particularly interested in scenes in which the chronotope (Bakhtin, 1981) or the timespace (McCallum, 1999) of the text is artistically distorted. Through these distortions, “normal” conceptions of time-space are suspended offering nonnormative renderings of time and space, which make these texts queer, as distinct from LGBT-inclusive texts. Blackburn *et al.*, 2015: 37-38)

Por outras palavras, uma distorção artística das noções tradicionais de tempo e de espaço através da forma como estes se relacionam e são representados na literatura queer, contribuem não só para a própria manutenção do queer, mas também para se estabelecer uma distinção entre esta e uma literatura que seja apenas inclusiva de temáticas LGBTI+. É através dos recursos literários como os flashbacks, o *foreshadowing* e o próprio estilo da narração⁶⁷,

⁶⁷ A propósito, veja-se: «[a]s Cadden notes, “the romance or hero novel . . . is much more likely to offer the reader a multistranded narrative, or any sort of rearrangement of narrative time,” in contrast to the comedic mode (p. 305). Moreover, he asserts that “comedy and romance are at the heart of a conservative world view of returning to a previous order—things ‘go back to normal,’” whereas, “irony and tragedy are more upsetting” in that they are “modes of change—either random and absurd in the ironic or as the rebirth of a new order as in tragedy” (p. 306). The coupling of distortions of “normal” conceptions of time with the tragic or ironic mode reflects a confluence of queer and literary elements that mark the ideologies of these novels as queer» Blackburn *et al.*, 2015: 38).

que esta manipulação deliberada do tempo e do espaço pode caracterizar as forças ideológicas destas obras como inerentemente queer. Blackburn *et al.*, 2015: 38)

Um aspeto fundamental é o enfoque na temática queer, o que representa não só um posicionamento ideológico associado à literatura queer mas também a consciência de que as implicações ideológicas de figuras autorais e sociais são uma inevitabilidade no campo literário. As figuras autorais afirmam que «[u]nderstanding and naming the multiple and conflicting ideologies that are manifest in queer literature is one way to counter these forces» (Blackburn *et al.*, 2015: 43). Desta forma, ao identificar a literatura queer como uma ferramenta que procura expor e subverter ideologias como o heterossexismo, a cisnormatividade, a misoginia e a homofobia, a simples presença de personagens e/ou temáticas LGBTI+⁶⁸ não representa uma característica satisfatória para a definição e compreensão de uma obra enquanto queer:

Therefore, what does queer literature look like? It offers multiple, variable, and conflicting conceptions of sexual and gender identities, including poststructural ones. It disrupts normative notions of sexuality, gender, families, and homes; and it disrupts other norms, too, in the case of these books, norms associated with time. Moreover, it uses a wide array of literary devices to accentuate the already queer nature of the text. (Blackburn *et al.*, 2015: 43)

Após esta contextualização, torna-se claro que a área da literatura queer é ainda instável ao englobar diferentes significações. No presente trabalho, presumem-se, assim, diferentes fatores para uma análise e compreensão de uma obra enquanto queer no campo literário. Estes elementos abrangem a questão ideológica, a temática e as personagens da obra, a identidade da própria figura autoral, o objetivo e o estilo da figura autoral, as características do narrador e a forma como a obra é interpretada pela própria comunidade leitora não só no momento da sua publicação, mas também como esta pode ser recebida e analisada por futuras gerações. Para um melhor entendimento dos parâmetros supramencionados passa-se agora a uma breve análise da forma como estes se refletem em *I Wish You All the Best*.

⁶⁸ The distinction is an ideological one; that is, queer literature offers multiple and conflicting ideologies around sexuality and gender through poststructural conceptions of identities and disruptions of norms that may be enhanced through the use of particular literary devices. It is not, however, just about being LGBT-inclusive.

2.2.1. *I Wish You All the Best* enquanto Literatura Queer

No respeitante às categorias descritivas de Visibilidade Homossexual (VH), Assimilação Gay (AG) e Consciência/Comunidade Queer (CQ) como apresentadas pelas figuras autorais, pode-se considerar que a obra em estudo abrange principalmente esta última categoria. Tal justifica-se devido à presença de diferentes personagens que se encontram em diferentes fases de afirmarem e/ou reconhecerem as suas identidades de géneros e/ou sexuais como não-normativas, sendo estas as personagens de Ben, Mariam e Nathan.

Em primeiro lugar, a personagem principal Ben encontra-se dentro do armário durante a maior parte da história – há exceção de algumas personagens com as quais partilha esta informação. Não obstante, Ben tem plena convicção da sua identidade de género enquanto não-binária, ao passo que a sua orientação sexual é uma área ainda incerta – é mesmo reflete sobre as etiquetas de bissexual e de queer. No caso de Mariam, esta é uma personagem que já saiu do armário e que, enquanto pessoa não-binária, xiita⁴ e pansexual³, promove os seus conhecimentos através do seu canal de Youtube e através de palestras em que discute este tipo de temáticas. Por fim, a personagem de Nathan encontra-se numa viagem de descoberta no respeitante à sua orientação sexual – embora esta seja uma informação implícita para a comunidade leitora. Este elemento pode-se verificar através de alguns momentos subtis de *foreshadowing*, como é o caso da página 151, no qual Nathan afirma que seria mais fácil realizar um trabalho escolar em que houvesse a presença de um subtexto gay – algo que Nathan confirma já ter feito no passado – para além de contar uma piada que remete para o ato sexual anal. Estes três elementos apontam, respetivamente, para o facto de Nathan ter a consciência da possível presença de elementos queer na literatura, bem como de gostar de trabalhá-los, de que estes temas não são algo novo na sua consciência e de que o mesmo demonstra uma abertura, familiaridade e confortabilidade com estas temáticas. O facto de Nathan partilhar estas informações quando está a sós com Ben pode suscitar diferentes interpretações: a ideia de que caso Nathan seja queer possa estar a tentar perceber se Ben é homofóbico e/ou se se sente confortável com estes temas; a ideia de que caso Ben seja parte desta comunidade – algo que Nathan não sabe – esta partilha é uma forma implícita de demonstrar que Nathan não teria um problema em aceitar essa realidade; a ideia de que caso Nathan goste de Ben de uma forma romântica – algo que se descobre ser verdade – o mesmo pode estar a tentar perceber se tem alguma hipótese de iniciar uma relação com Ben. Desta forma, este momento permite uma leitura de Nathan enquanto possivelmente queer, algo que se acaba por confirmar no fim da história. Não obstante, é apenas no Epílogo da obra que a

identificação de Nathan enquanto bissexual acontece, embora este já tenha partilhado o seu interesse romântico e iniciado uma relação com Ben no último capítulo da obra.

A partir das relações que estas personagens estabelecem entre si, bem como da magnitude de experiências vividas da comunidade LGBTI+ que as mesmas refletem, ao romper/perturbar as normas dominantes da sociedade, entende-se que estes são os principais elementos que constroem a Consciência/Comunidade Queer (CQ) desta obra. Do mesmo modo, são estas características que refletem uma perspectiva pós-estrutural no que respeita às construções das identidades sexuais e de género nesta obra.

Entende-se assim que é principalmente a área da rutura/perturbação de normas que potencializa a natureza queer de *I Wish You All the Best*, mediante a forma como as categorias de *sexualidade e género*, de *famílias e casas* e de *tempo* são representadas – embora o tempo seja o menos aprofundado. No primeiro caso, tal é corroborado pelas constatações já apresentadas no âmbito da Consciência/Comunidade Queer (CQ). A partir das mesmas verifica-se que as personagens de Ben e Mariam – principalmente Mariam, por esta reivindicar a sua identidade de género não só de forma explícita, como também publicamente – apresentam identidades de género não-normativas, ao rejeitarem o seu sexo atribuído à nascença. Ademais, o facto de Ben apresentar sentimentos românticos por Nathan ao longo da obra e de mais tarde ês mesmas iniciarem uma relação, bem como o facto de Mariam ter uma namorada (embora esta relação não seja um foco da história) são refletivos da representação do amor queer.

Quando às *famílias e casas*, a obra começa por apresentar a típica visão tradicional de uma família, com uma mãe, um pai e, *supostamente*, um filho biológico. Contudo, é ainda no final do primeiro capítulo que esta visão é completamente destruída. Através do uso de *flashbacks* (a analepse é um elemento literário e representativo da rutura/perturbação das normas) no segundo capítulo, a comunidade leitora tem acesso ao primeiro momento em que Ben partilha a sua identidade de género com a sua mãe e o seu pai, e o impacto imediato e negativo – a expulsão de Ben – que esta ação despoleta. Com efeito, a estrutura familiar inicial passa a ser composta apenas por uma mãe e por um pai, resultando no abandono de Ben. Embora existam algumas tentativas de reconciliação a mesma nunca acaba por se concretizar – algo que reflete uma realidade muito comum no âmbito da comunidade LGBTI+. Este elemento reconciliatório vai assim recair sobre a personagem de Ben e da sua irmã Hannah, e é graças a este acontecimento inicial da história que as personagens se vão encontrar, após dez anos sem qualquer tipo de contacto. Desta forma, a nova e principal

estrutura familiar da história será composta por Ben, Hannah e Thomas, ou seja, um par de irmanes e o marido de Hannah. Embora continue a existir uma ligação biológica entre Ben e Hannah, a mesma não é ilustrativa da noção em que uma mãe e um pai são figuras sempre presentes e ativas na estrutura familiar.

No respeitante aos elementos literários da obra, para além de alguns dos momentos de *flashbacks* e *foreshadowing* já supramencionados, são as características da figura narradora e da focalização que se constituem como elementos de primazia, não só atendendo à literatura queer, mas também para o próprio processo tradutório que o presente estudo se propôs a realizar. Indica-se assim que uma análise mais aprofundada deste elemento se encontra no capítulo quatro, *Algumas Propostas de Tradução Comentadas*, em específico na secção sobre *Ben* (na página nº 78).

Importa ainda referir que a temática da morte indicada pelo HRC enquanto elemento envolvente à literatura queer está também presente, embora não no seu sentido literal. Tal justifica-se, pois, a morte em *I Wish You All the Best* é representativa de uma morte metafórica da vertente binária (masculina) de Ben a partir do momento em que este rompe/perturba com o seu sexo atribuído à nascença, de modo a identificar-se enquanto uma pessoa não-binária. Aliás, este é um aspeto que repete em todos os momentos em que estu escolhe partilhar esta informação com as restantes personagens. É de notar que esta situação só apresenta sérias repercussões quando a mesma é partilhada com a sua mãe e com o seu pai no início da obra, que resulta na sequente expulsão e abandono de Ben. É por este motivo que também esta situação é representativa do início da morte (metafórica) da relação que Ben partilha com a sua mãe e o seu pai, uma vez que após este primeiro momento, a sua relação nunca mais voltou a ser mesma, acabando por se tornar numa relação inexistente.

Através destas diferentes considerações entende-se que a obra *I Wish You All the Best* é representativa da literatura queer, por romper/perturbar, bem como de subverter diferentes normas que se encontram na sociedade, nomeadamente a heterossexualidade, cisnormatividade e a noção tradicional da estrutura familiar. Contudo, para se compreender ainda mais concretamente a vertente ideológica desta obra, importa também averiguar os objetivos e a mentalidade de Mason Deaver enquanto sua figura autoral.

2.2.2. Mason Deaver e a visibilidade queer

Numa entrevista⁶⁹ à *Pink News* escrita por Emma Powys Maurice, Deaver relembra o facto de lhe terem dito que a temática de *I Wish You All the Best* não seria lucrativa por não existir um mercado e comunidade leitora para este tipo de histórias. Aliás, Deaver afirma que «[a]s much as it hurts to say, my own book was the first time I got to see myself. Which is never what a reader should have to do, you shouldn't have to make the content that you want to see yourself in, but publishing is publishing»⁶⁹. Deaver crítica, assim, o processo de publicação de uma obra como sendo um processo hostil para as pessoas trans. A figura autoral vai mais além, e identifica não só as editoras, mas também a própria comunidade leitora enquanto possíveis agentes propulsores da adversidade que a comunidade trans encara no campo literário.

Quando Deaver afirma que «I've had people tell me that *I Wish You All the Best* isn't realistic in its portrayal of transness, which is ironic because it's very close to my own transness, so do that math!»⁶⁹, a ideia de romper/perturbar as normas torna-se ainda mais aparente. Tal justifica-se por não só romper/perturbar com as normas dominantes da sociedade, mas também com aquelas que são tipicamente estereotipadas e esperadas desta comunidade, o que se revela como uma tarefa de importância acrescida e a qual Deaver subscreve. Esta afirmação realça assim a pluralidade das experiências trans e não-binárias, bem como de sublinhar a necessidade de se expandir o leque destas histórias no campo literário. A verdade é que uma só história sobre esta temática não tem a capacidade de representar todas as experiências vividas pela comunidade trans e mais em particular das pessoas não-binárias – algo que seria virtualmente impossível. O que Mason Deaver pretendia com a publicação de *I Wish You All the Best* era partilhar e contribuir para uma maior variedade de histórias queer, dando visibilidade e representatividade a quem se identifica com a sua própria perspectiva vivida e pessoal de ser-se trans e não-binária.

Mason Deaver vai ainda alertar para o facto de a lacuna de histórias trans que abordam questões raciais, por exemplo, ser ainda mais profunda: «I think the biggest hole that needs to be filled is BIPOC [Black, Indigenous and other people of colour] authors getting to write nice, light, fluffy stories about romance and friendships and Summer and family. Stories where the stakes are low, the feelings are high»⁶⁹. É de notar que a personagem de Nathan e Mariam em *I Wish You All the Best* refletem esta preocupação interseccional de Deaver.

⁶⁹ Acesso à entrevista completa: <https://www.thepinknews.com/2020/12/15/pinknews-young-adult-book-year-mason-deaver-i-wish-you-all-the-best-non-binary-trans-teen-romance/>

É ainda importante referir que estas preocupações se refletem ainda no restante corpo autoral de Deaver, através das obras *The Ghosts We Keep* (2021), *The Feeling of Falling in Love* (2022) e a futura publicação da obra *Okay, Cupid* em janeiro de 2024. Através da sua página oficial⁷⁰, Deaver vai ainda partilhar diferentes recursos sobre e para a comunidade LGBTI+. Para além disto, uma cópia do conto *I'll Be Home For Christmas* sobre as personagens Ben e Nathan está disponível de forma gratuita, mas se a comunidade leitora decidir pagar pelo mesmo, a receita será doada ao Centro de Igualdade Transgénero. Com esta multitude de condutas, Deaver afirma-se como ativista queer, ao partilhar diferentes conhecimentos LGBTI+ e ao convidar a própria comunidade leitora a praticar e contribuir para uma sociedade mais inclusiva.

2.3. Clássicos Queer

Ao considerar a marca instável da literatura queer, é prudente adotar uma lente histórica e cultural tendo em conta as diferentes perspetivas que se registam em pleno século XXI. Não obstante, a instabilidade desta área não impediu o reconhecimento e a consolidação de diferentes obras de renome que são entendidas enquanto subversoras de temáticas normativas e rigidamente identitárias. A verdade é que «being queer wasn't always coded as different, and many myths don't require retelling: even before the printed word, ancient mythology and religious narratives were rife with romantic and sexual engagements between people of the same gender» (Carlick, 2023). Histórias de índole queer estão presentes na cultura e mitologia gregas, nomeadamente através de representações de Aquiles e Pátroclo por parte de Ésquilo e Platão. A própria *Ilíada*, de Homero, embora não apresente esta relação de uma forma explicitamente amorosa, possibilita a abertura para tais interpretações. Aliás, a obra *The Song of Achilles* (2011), de Madeleine Miller, apresenta uma recontagem deste clássico através de uma perspetiva explicitamente queer, tendo esta se tornado um dos casos de maior sucesso da época contemporânea. A fluidez do género também marcava presença na literatura grega, sendo a mudança de sexo um dos castigos recorrentes praticados pelos Deuses (Carlick, 2023). Apesar de esta ser uma conotação negativa, a verdade é que estas representações «reflected Greek society's view of gender, which was patriarchal but fluid» (Carlick, 2023).

⁷⁰ Informação retirada de: <https://www.masondeaverwrites.com/sgfd>.

Ao longo dos séculos, as obras de índole queer foram crescendo em número apresentando uma pluralidade diversa e interseccional de histórias que se posicionaram como subversivas à sociedade patriarcal. Livros e figuras autorais como *Carmilla* (1872), de Joseph Sheridan Le Fanu, *The Picture of Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde, *Orlando* (1928), de Virginia Woolf, *Giovanni's Room* (1956), de James Baldwin, *Zami: A New Spelling of My Name* (1982), de Audre Lorde, a obra póstuma *Maurice* (1971), de E.M. Forster, *The Color Purple* (1982), de Alice Walker e *Stone Butch Blues* (1993), de Leslie Feinberg e *Notes of a Crocodile* (1994) de Qiu Miaojin constituem um leque diverso e de renome da literatura queer. Estes casos de sucesso e de permanência histórica merecem especial atenção ao considerar que «[w]hile many queer stories were lost to history, many more were wiped out by heteronormative scholarship of the last few centuries» (Carlick, 2023).

2.4. A Realidade Portuguesa

A longa história de Portugal conta com vários altos e baixos, sendo que a ditadura militar (1926-1933) e a ditadura do Estado Novo (1933-1974) marcaram o século XX nas áreas sociais, culturais, económicas e políticas. Também na literatura e no setor editorial, os impactos destes regimes condicionaram a presença e a evolução da literatura de índole queer. Em Portugal, «foreign books discussing delicate issues, including sexuality or homosexuality were normally available only to the educated few, who were generally considered more “strong-willed and less-easily influenced”» (Gombár, 2018: 144). A rejeição de realidades e identidades não-normativas associadas a este tipo de regimes prende-se não só à primazia de um decoro público, mas também ao facto de a manutenção⁷¹ de uma sociedade interseccional e diversa apresentar maiores obstáculos e desafios a uma eventual submissão (Gombár, 2018: 145). No estudo *Literary Censorship and Homosexuality in Kádár-Regime Hungary and Estado Novo Portugal* (2018), Zsófia Gombár afirma que:

In Portugal, apart from Almeida's and Braga's monographs (2010, 2011), it is almost impossible to find any research conducted on homosexual history in the twentieth century or before, which suggests an indifference and even aversion to

⁷¹ Veja-se, a título de exemplo: «[t]he reason behind this prudishness and the fear of sexual directness and deviation might also lie in the belief that a uniform society that suppresses dissident and nonconformist individuals is *de facto* easier to maintain under political and social control (cf. Gellately and Stoltzfus 2001; Hoffmann and Timm 2009; West and Green 2002)» (Gombár, 2018: 145).

the issue on the part of the Portuguese academic community, notwithstanding the contradictory fact that, unlike Hungary, Portugal is considered to be one of the most progressive countries in terms LGBTQ rights expansion in contemporary Europe and other parts of the world (Gombár, 2018: 145).

A instabilidade para a construção desta área é, assim, ainda mais vincada no Portugal⁷² contemporâneo. Para além de não haver ainda uma grande preocupação «em escrever a história queer» (Lusa e P3, 2022), como afirmam Paulo Brás e Ricardo Braun em entrevista à agência Lusa⁷³, a dificuldade de encontrar e reconhecer obras nacionais de índole queer resulta numa tentativa de se repensar e questionar o cânone literário português através de uma perspetiva queer e não-normativa (Klobucka, 2007: 3-4). É por este motivo que, em contexto nacional, uma grande parte das interpretações de índole queer se baseia na orientação sexual (in)definida da própria figura autoral. Fernando Pessoa será um destes casos: «as illustrated perhaps most prominently by the many defensive comments seeking to prop up Fernando Pessoa’s heterosexual credentials that can be found dispersed throughout the critical literature on the poet. (in Klobucka, 2007: 2).

Não obstante, as obras como *Pode Um Desejo Imenso* (2002), de Frederico Lourenço, *Fratura* (2003), de Eduardo Pitta e *Free Spirits* (2001), de Maria Tasmânia, registam-se como obras de referência sobre as temáticas LGBTI+ em contexto nacional. Também a publicação do *Dicionário de Literatura Gay* em 2022 é uma das primeiras tentativas de um registo e compilação histórica e cronológica de diferentes elementos queer presentes na literatura de âmbito nacional, de modo a dar visibilidade e representatividade a estas temáticas. É de notar ainda que, em Portugal, a representação do queer na literatura manifesta-se principalmente no campo da importação de literatura estrangeira e da legendagem de séries e filmes. Deste modo, quando Ana Cristina Santos afirma que «[e]m contextos em que as sexualidades que escapam à normatividade heterossexual são remetidas para a invisibilidade e marginalidade (como nos meios ‘mainstream’ portugueses) torna-se

⁷² Veja-se, a propósito: «[s]ome of the responsibility for this must go to Eduardo Pitta’s groundbreaking 2003 essay *Fratura: A condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea*, whose goals are described as follows in its cover blurb: “Existe literatura gay em Portugal? Literatura gay e literatura homossexual são uma e a mesma coisa? Quais os parâmetros pelos quais podemos avaliar se determinado escritor português é um autor gay? Na literatura portuguesa contemporânea, que obras são susceptíveis de leitura gay? E de leitura homossexual? Podemos lê-las em clave camp, ou queer?”» (Klobucka, 2007: 3).

⁷³ Brás e Braun são fundadores da Livraria Aberta, uma livraria queer que procura ser um espaço inclusivo e promotor deste tipo de temáticas. Informação retirada de: <https://www.publico.pt/2022/06/27/p3/noticia/livraria-aberta-celebra-ano-resgatar-historia-queer-portugal-2011490>

necessário reinvestir e consolidar categorias que lutem contra essa invisibilidade» (in Klobucka, 2007: 3), a tradução desempenha também um papel decisivo para a abertura e uma maior consciencialização sobre estas temáticas.

É neste sentido que importa remeter para a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (2000) ainda nesta parte inicial, de modo a situar a obra em estudo. De acordo com Even-Zohar, os polissistemas enquanto categorias heterogéneas e plurais apresentam uma hierarquia mediante a procura e/ou impacto dos seus sistemas numa determinada época histórica e espaço geográfico. É por este motivo que os mesmos podem ser entendidos enquanto inerentemente subversivos e queer, por não apresentarem uma posição fixa e imutável, ao poderem ser situados ou no seu centro (inovação) ou na sua periferia (conservadorismo) (Even-Zohar, 2000: 193).

No respeitante ao polissistema literário, esta teoria tem por base a forma como a cultura de chegada e as ideologias nela dominantes, podem condicionar as diferentes vertentes do processo tradutório. No caso da tradução, a mesma possibilita a introdução de novas realidades, tendo a possibilidade de influenciar e alterar a cultura de chegada – não só a sua comunidade, mas todas as áreas da sociedade. Para este efeito, é o polissistema da cultura de chegada responsável pela seleção e condicionamento do processo tradutório, mediante as normas e convenções literárias que possa apresentar. Uma tradução periférica é assim entendida como conservadora, pois submete-se aos valores e normas da cultura de chegada. Já uma tradução de posicionamento central, ao contribuir para a renovação das formas literárias da cultura de chegada, entende-se como inovadora (Even-Zohar, 2000: 195).

Atendendo ao facto de que Portugal tem uma forte tradição tradutória, a mesma assume uma posição central. Contudo, no respeitante à literatura queer, a partir das considerações acima apresentadas, verifica-se que a mesma se situa na periferia do sistema literário português. Deste modo, enquanto produto tradutório pode-se afirmar que *I Wish You All the Best* poderá romper com o que se espera de um produto de literatura queer na sociedade portuguesa, por apresentar características quer de índole central, quer de índole periférica – algo que o presente trabalho acabou por verificar. Contudo, devido aos vários elementos que rompem/perturam as normas, ou seja, aquilo que se entende como central não só do sistema literário português, mas também da própria sociedade portuguesa, entende-se que a tradução resultante desta obra assume a sua posição periférica enquanto promotora da inclusividade e representatividade.

Neste sentido, tendo em mente as diferentes considerações referidas e analisadas ao longo deste capítulo, o presente trabalho defende que a obra *I Wish You All the Best* se insere no campo da literatura queer, enquanto produto periférico, não só por esta ter uma temática queer explícita e subversiva, mas também por a própria figura autoral da obra, Mason Deaver, ser uma pessoa não-binária que tem como objetivo a visibilidade e disseminação desta comunidade. Ademais, *I Wish You All the Best* é um romance, como a maioria das obras literárias inseridas nesta classificação, que dá palco a uma minoria marginalizada, no contexto de uma sociedade dominada pela ideologia masculina e cisheteronormativa, subvertendo, assim, aquilo que se julga normal e inquestionável no que respeita às diferentes identidades de género (e orientações sexuais) que estejam fora deste padrão.

3. A (In)Visibilidade da Tradução e das Minorias

Numa fase preliminar deste ato de tradução foi necessário considerar o papel que a figura tradutora poderia vir a desempenhar aquando da tradução desta obra, tendo em conta as posições a serem tomadas de modo a mediar e a atualizar as normas de género presentes na cultura e língua de chegada (Castro e Ergun, 2018: 17). Por conseguinte, atendendo à tomada de posição que o presente estudo se propôs desempenhar, considerou-se de maior importância uma contextualização no âmbito dos estudos de tradução e nas suas vertentes de tradução ativista, tradução feminista e, por fim, mas não menos importante, da tradução queer. Para este efeito, selecionaram-se diferentes figuras autorais que abordam a temática tradutória de uma forma mais extensiva, mediante cada uma destas áreas. Não obstante ser incontestável que as mesmas partilhem valores semelhantes – das quais se destaca o objetivo de desafiar padrões normativos e binários, bem como promover a diferença, a igualdade e a equidade – elas centram diferentes preocupações de índole tradutória. Deste modo, através destas várias contribuições, tornar-se-á mais evidente as diferentes bases teóricas e tradutórias que estão subjacentes ao presente estudo.

3. 1. A Viragem Cultural dos Estudos de Tradução

Em primeiro lugar, importa averiguar o conceito de «viragem cultural», como adotado por Susan Bassnett e André Lefevere (1990), que marcou a passagem do processo tradutório de uma tónica centrada na linguagem para um processo cultural e político. Ao considerar a tradução como uma reescrita de um texto original, Bassnett e Lefevere afirmam que esta acaba sempre por refletir «a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way» (Lefevere, 2017: VII). Desta forma, o conceito de reescrita e o conceito de manipulação podem servir não só para promover como também para travar a inovação, a evolução e a atualização de uma dada literatura e/ou sociedade. É de notar que este processo de reescrita vai estar presente não só na tradução, como também na historiografia, na antologização, na crítica, na edição e em adaptações para o pequeno e grande ecrã (Lefevere, 2017: 7). Não obstante, a tradução destaca-se, não só por estar subjacente a todas a estas áreas, mas também por se considerar o facto de que

translation is the most obviously recognizable type of rewriting, and since it is potentially the most influential because it is able to project the image of an author

and/or a (series of) work(s) in another culture, lifting that author and/or those works beyond the boundaries of their culture of origin [...] (Lefevere, 2017: 7).

De acordo com Lefevere existem ainda dois fatores responsáveis pelo controlo e manutenção do sistema literário em que opera a tradução sendo estes compostos por profissionais⁷⁴ – dentro do sistema literário – e pela patronagem⁷⁵ – fora do sistema literário (Lefevere, 2017: 11-12). Para o corrente trabalho interessa a componente ideológica que Lefevere identifica como prevalecte no âmbito da patronagem – sendo as outras componentes a económica⁷⁶ e a do estatuto⁷⁷ (Lefevere, 2017: 13). A figura tradutora pode ser influenciada pela sua própria ideologia; contudo, esta nem sempre é empregue de forma consciente, enquanto a ideologia imposta ao tradutor pela patronagem vai limitar não só as temáticas a serem escolhidas, mas também a forma como estas serão trabalhadas e apresentadas na cultura e língua de chegada. É neste sentido que importa analisar o objetivo por detrás de uma tradução, o motivo pelo qual a tradução está a ser realizada e ainda quem intervém no ato de tradução (como a figura tradutora, mas também as editoras). Após esta análise, torna-se claro que «on every level of the translation process, it can be shown that, if linguistic considerations enter into conflict with considerations of an ideological and/or poetological nature, the latter tend to win out». (Lefevere, 2017: 30). Desta forma, a relação que se estabelece entre tradução e cultura acaba por criar diferentes tipos de imagens que variam conforme a ideologia (e a poética) dominante numa determinada cultura e época histórica.

Ao considerar que a ideologia engloba os conhecimentos e ideias que são típicos de uma classe social (ou grupo) dominante e/ou que estão de acordo com os seus interesses

⁷⁴ Entenda-se por profissionais: «[t]he first factor tries to control the literary system from the inside within the parameters set by the second factor. In concrete terms, the first factor is represented by the “professional,” [...] Inside the literary system the professionals are the critics, reviewers, teachers, translators. They will occasionally repress certain works of literature that are all too blatantly opposed to the dominant concept of what literature should (be allowed to) be – its poetics – and of what society should (be allowed to) be – ideology. But they will much more frequently rewrite works of literature until they are deemed acceptable to the poetics and the ideology of a certain time and place [...]» (Lefevere, 2017: 11-12)

⁷⁵ Entenda-se por patronagem: «[t]he second control factor, which operates mostly outside the literary system as such, will be called “patronage” here, and it will be understood to mean something like the powers (persons, institutions) that can further or hinder the reading, writing, and rewriting of literature. It is important to understand “power” here in the Foucauldian sense, not just, or even primarily, as a repressive force» (Lefevere, 2017: 12).

⁷⁶ A propósito, veja-se: «[t]here is also an economic component: the patron sees to it that writers and rewriters are able to make a living, by giving them a pension or appointing them to some office» (Lefevere, 2017: 13).

⁷⁷ No que respeita o estatuto «[a]cceptance of patronage implies integration into a certain support group and its lifestyle [...]» (Lefevere, 2017: 13).

(Hartley, 2002: 103), podemos considerar que a ideologia masculina e a ideologia cisheteronormativa são as concepções principais que o presente ato tradutório enfrenta neste processo de tradução e as quais pretende combater e desconstruir. A intenção de as combater e desconstruir justifica-se à luz da coerência que se procura aqui estabelecer entre considerações teóricas e prática comunicativa, nomeadamente no respeitante ao caso específico de tradução queer: «however naturalised and successful dominant ideologies might seem, they are always in contention with resistance to them from ‘below’, either in the form of coherent alternatives (feminism, Marxism) or as practical accommodations/rejections (Hartley, 2002: 106). Contudo, esta questão ideológica torna-se ainda mais complexa, pois não se limita apenas à vertente política estritamente entendida, mas também à forma como as ações individuais são influenciadas pela forma, convenção e a crença estipuladas pelas ideologias dominantes (Levefere, 2017: 13). Desta forma, a figura tradutora terá duas escolhas: submeter-se às ideologias dominantes ou impor-se contra as mesmas. É de notar que esta escolha pode nem sempre ser feita de forma consciente e/ou pode nem sempre caber à figura tradutora, pelo que quem controla a receção, a aceitação e a rejeição dos diferentes produtos tradutórios é quem acaba por reescrever e influenciar o consumo da literatura.

3. 2. Tradução Ativista

Tendo em conta esta vertente ideológica que acaba por estar intrínseca ao processo tradutório, importa analisar as contribuições de Lawrence Venuti sobre as implicações éticas e político-culturais que se manifestam em diferentes componentes do ato tradutório, das quais se destacam a questão da (in)visibilidade da figura tradutora, bem como da cultura e da língua de partida. Ora, em primeiro lugar, Venuti vai criticar os agentes envolvidos na aceção de uma tradução enquanto produto de qualidade quando esta é apreciada segundo critérios que apagam a própria natureza de uma tradução enquanto tal:

judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text—the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original.” (Venuti, 1995: 1)

Venuti esclarece que esta interpretação é resultado não só dos critérios usados para avaliar a qualidade de uma tradução, mas também das estratégias aplicadas pela figura tradutora no processo tradutório. É por este motivo que Venuti vai apresentar as estratégias de domesticação e estranhamento⁷⁸. O primeiro destes conceitos marca-se pela invisibilidade da figura tradutora e abrange os requisitos de uma tradução de qualidade na aceção dos agentes supramencionados. A domesticação opta por métodos que omitem as particularidades da cultura de partida tornando a leitura do texto de chegada mais fluída, familiar e natural, ou seja, o objetivo passa por criar-se uma ilusão de um produto escrito na língua de chegada e não a de um produto importado do estrangeiro. Ao produzir este tipo de ilusão, «a fluent translation masquerades as true semantic equivalence when it in fact inscribes the foreign text with a partial interpretation, partial to English-language values, reducing if not simply excluding the very difference that translation is called on to convey» (Venuti, 1995: 21). Por oposição, o estranhamento marca-se pela visibilidade da figura tradutora, ao romper e perturbar os códigos culturais e as normas nativas da língua e cultura de chegada (Venuti, 1995: 20), resultando, assim, na manutenção da diferença ao invés de perpetuar valores domésticos e nacionais.

Ao retomar a questão ideológica, uma tradução domesticante acaba por se subordinar aos valores sociais, políticos, culturais e económicos, ou seja, aos valores ideológicos da cultura de chegada, sendo que esta acaba por dominar a cultura de partida. Aliás, Venuti chega a afirmar que «[f]luency is assimilationist, presenting to domestic readers a realistic representation inflected with their own codes and ideologies as if it were an immediate encounter with a foreign text and culture» (Venuti, 1998: 12). Contudo, Venuti reconhece que tanto o texto estrangeiro, como a tradução, apresentam «diverse linguistic and cultural materials that neither the foreign writer nor the translator originates, and that destabilize the work of signification, inevitably exceeding and possibly conflicting with their intentions» (Venuti, 1995: 18). Desta forma, este parecer pode ser aplicado quando é usado o argumento de que uma tradução nunca é um produto original, sendo que a mesma lógica pode ser aplicada ao próprio texto de partida. Isto, porque ambos acabam por ser produtos derivativos e influenciados pela cultura e língua de partida, no caso da figura autoral, e na cultura e língua

⁷⁸ Veja-se a base do raciocínio de Venuti para a construção destes conceitos: «Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeliant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad» (Venuti, 1995: 20).

de chegada, no caso da figura tradutora, sendo que ambas possuem diferentes leques de conhecimentos, valores e experiências que irão influenciar os produtos que constroem, quer de forma consciente e/ou inconsciente, quer de forma livre ou forçada. Desta forma, Venuti defende que o processo tradutório

is always ideological⁷⁹ because it releases a domestic remainder, an inscription of values, beliefs, and representations linked to historical moments and social positions in the domestic culture. In serving domestic interests, a translation provides an ideological resolution for the linguistic and cultural differences of the foreign text. (Venuti, 2000: 485)

Na sua obra *The Translator's Invisibility* (1995), Venuti afirma, assim, que «[t]he motive of this book is to make the translator more visible so as to resist and change the conditions under which translation is theorized and practiced today, especially in English-speaking countries» (Venuti, 1995: 17). Ao apelar e ao posicionar-se a favor de métodos de resistência no processo tradutório, pode-se afirmar que Venuti procura estabelecer uma ação subversiva ao procurar desconstruir e combater as forças ideológicas que se registam nas diferentes componentes da tradução. Isto torna-se ainda mais claro ao considerar que Venuti analisa as relações de poder presentes na tradução ao sublinhar que «translation wields enormous power in the construction of national identities for foreign cultures, and hence it potentially figures in ethnic discrimination, geopolitical confrontations, colonialism, terrorism, war» (Venuti, 1995: 19). Desta forma, Venuti vai estabelecer e implementar a noção de um processo tradutório minorizante⁸⁰ através da sua obra *The Scandals of Translation* (1998), em que o objetivo das estratégias tradutórias são, assim, promover a

⁷⁹ É de notar que para além da vertente ideológica Venuti afirma que: «[y]et translating is also utopian. The domestic inscription is made with the very intention to communicate the foreign text, and so it is filled with the anticipation that a community will be created around that text—although in translation. In the remainder lies the hope that the translation will establish a domestic readership, an imagined community that shares an interest in the foreign, possibly a market from the publisher's point of view. And it is only through the remainder, when inscribed with part of the foreign context, that the translation can establish a common understanding between domestic and foreign readers. In supplying an ideological resolution, a translation projects a utopian community that is not yet realized» (Venuti, 2000: 485).

⁸⁰ Para uma melhor compreensão deste posicionamento veja-se o que afirma Venuti: «[i]t is this evocation of the foreign that attracts me to minor literatures in my translation projects. I prefer to translate foreign texts that possess minority status in their cultures, a marginal position in their native canons — or that, in translation, can be useful in minoritizing the standard dialect and dominant cultural forms in American English» (Venuti, 1998: 11).

inovação cultural e a compreensão das diferenças culturais (Venuti, 1998: 11)⁸¹. É esta a fundamentação que leva Venuti a afirmar que «[g]ood translation is minoritizing: it releases the remainder by cultivating a heterogeneous discourse, opening up the standard dialect and literary canons to what is foreign to themselves, to the substandard and the marginal» (Venuti, 1998: 11). Esta é uma tomada de posição que permite identificar a capacidade que a tradução tem para formar e eliminar identidades culturais, construir e desconstruir estereótipos de ídolos diferentes e até de afirmar e criticar imagens hegemónicas:

Within the hegemonic countries, translation fashions images of their subordinate others that can vary between the poles of narcissism and self-criticism, confirming or interrogating dominant domestic values, reinforcing or revising the ethnic stereotypes, literary canons, trade patterns, and foreign policies to which another culture may be subject. Within developing countries, translation fashions images of their hegemonic others and themselves that can variously solicit submission, collaboration, or resistance, that may assimilate dominant foreign values with approval or acquiescence (free enterprise, Christian piety) or critically revise them to create domestic self-images that are more oppositional (nationalisms, fundamentalisms). (Venuti, 1998: 159)

Com esta afirmação, Venuti sublinha a importância da tradução, não só na sua vertente linguística, mas também na sua vertente cultural e política, ao demonstrar que as diferentes estruturas binárias subjacentes ao processo tradutório – confirmar vs. interrogar; reforçar vs. rever; assimilação vs. crítica – demonstram a dupla potencialidade da tradução, enquanto ferramenta de poder (de opressão ou de resistência). Desta forma, as implicações que a tradução tem a possibilidade de incutir entre culturas dominantes e culturas subordinadas – bem como entre línguas dominantes e línguas subordinadas e até, entre comunidades⁸² dominantes e comunidades subordinadas – podem ser, por conseguinte, ou apaziguadoras, ou subversoras.

⁸¹ No original: «[t]he aim of minoritizing translation is “never to acquire the majority,” never to erect a new standard or to establish a new canon, but rather to promote cultural innovation as well as the understanding of cultural difference by proliferating the variables within English: “the minority is the becoming of everybody” (ibid.: 106, 105)» (Venuti, 1998: 11).

⁸² Entenda-se por comunidades dominantes: os homens, as pessoas cisgénero, as pessoas heterossexuais; e, por oposição, como comunidades subordinadas: as mulheres, as pessoas com identidade de género não-normativa, as pessoas com orientações sexuais não-normativas.

Em *Translation and Activism: Emerging Patterns of Narrative Community* (2010), Mona Baker vai explorar os diferentes papéis que a tradução e a interpretação têm a capacidade de desempenhar em instituições não-dominantes da sociedade, de modo a desafiar as narrativas dominantes de um determinado período histórico (Baker, 2010: 23). Para este efeito, Baker recorre à teoria narrativa, tendo em vista procurar analisar e discutir as diferentes tomadas de posição políticas e sociais que as figuras tradutoras podem desenvolver através das diferentes fases do processo tradutório. A figura autoral considera que uma narrativa tem a capacidade de proporcionar «a basis for shared language and values, thus enabling the mobilization of numerous individuals with very different backgrounds and attributes around specific political, humanitarian, or social issues» (Baker, 2010: 23). Na perspetiva de Baker são, assim, as narrativas que acabam por criar, não só uma língua comum, mas também diferentes conjuntos de valores partilhados por pessoas de diferentes origens, identidades e particularidades (Baker, 2010: 24). Neste sentido, não são as características e atributos individuais que criam uma comunidade, mas sim a capacidade de identificação que cada figura individual pode estabelecer mediante uma narrativa, ou conjuntos de narrativas, que estejam inerentemente subscritas a uma determinada comunidade (Baker, 2010: 24).

Através de uma análise de diferentes perspetivas⁸³ sobre a teoria narrativa, Baker chega à conclusão de que as narrativas estão intrinsecamente subjacentes à realidade que rodeia cada pessoa e comunidade, sendo responsáveis não só por representá-la, mas também por construí-la⁸⁴. Nas palavras da própria, «[t]he version of narrative theory I have chosen to adopt in my research assumes that no one stands outside all narratives and that narrative constitutes reality rather than merely representing it» (Baker, 2010: 27). É este caráter dinâmico das narrativas que acaba, assim, por moldar e conceber a perceção que diferentes grupos retêm e detêm da realidade. Ademais, Baker vai ainda reconhecer a potencialidade da narrativa, na medida em que a base para a ação política é estimulada e conservada através da ideia de uma identidade partilhada (Baker, 2010: 24).

Não obstante as diferentes perspetivas analisadas, Baker destaca o paradigma narrativo de Walter Fisher (1984, 1985, 1997), com o propósito de averiguar as diferentes implicações morais associadas ao ato tradutório. Tendo em mente as palavras de Fisher

⁸³ Mona Baker analisa o conceito de narrativa a partir de diferentes perspetivas das quais se destacam, Margaret Somers (1992, 1997), Walter Fisher (1984, 1985, 1997), Gloria Gibson (1994) e Jerome Bruner (1991).

⁸⁴ Remeta-se para a ideia da linguagem enquanto construtora da realidade, como definida por Butler.

quando este refuta a ideia de que a humanidade é estritamente racional⁸⁵ e ao invés, apresenta a ideia de que a humanidade tem na sua essência uma pré-disposição para ser contadora de histórias, Baker afirma que «[a]s both storytellers and audience, we make decisions on the basis of good reasons⁸⁶, but what we consider good reasons is determined by our history, culture, experience of the world, and, ultimately, the stories we come to believe about the world in which we live» (Baker, 2010: 28). Por outras palavras, são os diferentes fatores característicos de uma vida em sociedade que vão moldar e construir as interpretações, convenções e crenças que cada pessoa constrói do mundo que a rodeia.

Baker identifica ainda que a análise de uma narrativa pode passar por uma verificação da sua coerência, bem como da sua fidelidade. No que respeita à coerência são identificados três tipos de ferramentas de análise, sendo estas a coerência estrutural/argumentativa, material e caracterológica. A coerência estrutural/argumentativa determina se a narrativa revela contradições dentro de si mesma, ou seja, analisa a consistência interna (Baker, 2010: 28). Já a coerência material, implica uma comparação entre narrativas com a mesma temática, como por exemplo, no que respeita a informação que escolhe ignorar ou desvalorizar, bem como a apresentação de contra-argumentos, entre outros (Baker, 2010: 29). Por fim, a coerência caracterológica defende que a fiabilidade de uma narrativa se prende com a credibilidade das personagens principais e narradoras (Baker, 2010: 29). A esta última está, ainda, subjacente uma qualidade de previsibilidade que, por um lado, ao ser fiel a estas características permite uma manutenção desta coerência e, por outro, ao romper com o que se é esperado destas figuras, resulta numa perda de confiança e de comunidade⁸⁷ (Baker, 2010: 29). Já no que toca à fidelidade, esta pode ser avaliada, ou

⁸⁵ Note-se que, «within this framework there is still a rational basis for assessing the stories that shape our understanding of the world, but rationality in Fisher's model is redefined as "narrative rationality." Fisher writes that narrative rationality "is determined by the nature of persons as narrative beings— their inherent awareness of narrative probability, what constitutes a coherent story, and their constant habit of testing narrative fidelity, whether the stories they experience ring true with the stories they know to be true in their lives" (1984:7– 8)» (Baker, 2010: 28).

⁸⁶ Veja-se, a propósito: «[f]or Fisher good reasons are "those elements that provide warrants for accepting or adhering to the advice fostered by any form of communication that can be considered rhetorical" (1987/1989:107). He stresses, however, that the concept of good reasons "does not imply that every element of rhetorical transaction that warrants a belief, attitude, or action— that any 'good reason'— is as good as any other. It only signifies that whatever is taken as a basis for adopting a rhetorical message is inextricably bound to a value— to a conception of the good" (1987/1989:197)» (Baker, 2010: 29).

⁸⁷ Para uma melhor compreensão desta vertente, veja-se: «[i]f the decisions and actions associated with a character change significantly "in strange ways" (Fisher 1997:316) or contradict each other, we inevitably question the credibility of the character and, hence, the narrative in question. Fisher indicates that "Coherence in life and literature requires that characters behave characteristically. Without this kind of predictability, there is no trust, no rational order, no community" (1997:316). Hence, once we decide that a given person is trustworthy,

através de diferentes elementos da narrativa, que podem ser considerados como as suas motivações – lógica tradicional – ou através dos valores que a própria narrativa promove (Baker, 2010: 29).

Tendo em mente estas diferentes considerações, Baker afirma que «[a]ssessing the values explicitly or implicitly promoted by a narrative means asking what effects adhering to it would have on the world, on our ability to maintain our sense of self respect, and on our relationship to others» (Baker, 2010: 29). Neste sentido, a habilidade de analisar as implicações morais presentes nas narrativas constitui um fator unificador para o comportamento humano, mediante a formação de diferentes comunidades no seio de narrativas partilhadas entre as mesmas (Baker, 2010: 29).

Através desta análise, Baker clarifica que o paradigma narrativo de Fisher é uma ferramenta que justifica a formação de diferentes comunidades ativistas que vão para além de barreiras identitárias⁸⁸ e da forma como os valores morais têm a capacidade de unir uma pluralidade de figuras individuais – sem esperar nada em troca. Aliás, a humanidade é responsável não só por contar histórias, mas também por escolher quais as narrativas passíveis de predominarem nas diferentes sociedades, sendo que ao considerar uma determinada narrativa como negativa, a humanidade pode tentar procurar e até estabelecer narrativas próprias que combatam as forças dominantes (Baker, 2010: 30). Contudo, tendo em conta que a narrativa pode permitir quer a manutenção quer as ferramentas para se contestar as diferentes estruturas de poder, são as figuras responsáveis pela mediação da língua que «are uniquely placed to initiate this type of discursive intervention at a global level» (Baker, 2010, 30). Este paradigma narrativo permite, assim, uma reflexão sobre diferentes preocupações de índole ativista no âmbito da tradução:

Faced with an increasingly polarized and violent world in which the opportunities for remaining “neutral” are continually being eroded, translators— like most professional groups— are finding it difficult to position themselves individually and as a group in relation to various narratives that circulate around them and among them. Today, the worldwide web has become a symbolic space in which

honorable, courageous, and so on, we are prepared to “overlook and forgive many things: factual errors if not too dramatic, lapses in reasoning, and occasional discrepancies” (Fisher 1997:316)» (Baker, 2010: 29).

⁸⁸ Recorde-se o conceito de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw e da cidadania cultural como definido por John Hartley, ambos presentes na secção introdutória do presente estudo.

peace activists and marginalized groups who wish to challenge dominant discourses can elaborate and practice a moral order in tune with their own narratives of the world. Translation enables such groups to elaborate their alternative narratives across national and linguistic boundaries, to create an international community bound by a similar vision of the world and unhindered by linguistic frontiers. At the same time, the professionals who provide these translations are beginning to organize themselves in various ways in order to elaborate their own narratives and play a distinct role as translators in shaping an alternative vision of the world. (Baker, 2010: 39-40).

Com esta afirmação, Mona Baker demonstra como o facto de que numa sociedade em que a permeabilidade e a visibilidade de comunidades e temáticas periféricas e/ou não-dominantes se constituem como fatores de atenção acrescida – mediante as diferentes violências que se registam no dia a dia destas comunidades – tentar manter uma posição neutra constitui-se como um desafio de índole individual e coletivo, nomeadamente para as figuras tradutoras⁸⁹. Não obstante, é através da comunidade que se estabelece entre estas figuras consideradas periféricas, em diferentes áreas da sociedade – na qual a figura tradutora também se situa – que as mesmas abrem caminho para a potencialidade de elaborarem as suas próprias narrativas, de modo a desconstruir e combater as forças dominantes. Ademais, Baker sublinha a importância da internet ao permitir uma maior visibilidade, fidelidade e circulação das narrativas que estas minorias procuram partilhar com o mundo.

3. 3. A Tradução Feminista

Esta subcategoria⁹⁰ dos estudos de tradução, que se veio a solidificar e a interpretar como uma área de atuação ativista e luta ideológica, reconhece-se como a área desenvolvida por figuras tradutoras e feministas⁹¹ no Quebeque bilingue, Canadá, entre as décadas de 1970

⁸⁹ Veja-se a propósito o artigo, *Narratives of terrorism and security: 'accurate' translations, suspicious frames* de Mona Baker, disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/17539153.2010.521639>

⁹⁰ Note-se que «there is no consensus in regard to the name of this field [...] we prefer the title Feminist Translation Studies for its open-endedness and political emphasis on plurality and power» (Castro e Ergun, 2018: 1).

⁹¹ Note-se que o feminismo «has been one of the most potent forms of cultural identity to take on linguistic and social expression over the last decades» (Simon, 1996: 7).

e 1980⁹². O objetivo prendia-se com a incorporação de valores feministas e de encontrar novas formas de subverter a linguagem considerada patriarcal, sendo este reconhecido como o paradigma universal para a tradução de teor feminista (Castro e Ergun, 2018: 3).

Ora, ao considerar as diferentes relações de poder subjacentes ao processo tradutório, e as diferentes formas de resistência que a tradução é passível de aprovisionar, a tradução em contexto feminista apresenta-se como uma área de interesse acrescido. Mediante a invisibilidade linguística, bem como cultural, social, política e económica que afeta o feminino (biológico) – a mulher, ou, quem nasceu AFAB –, esta é uma área que aprovisiona diferentes estratégias de combate ao falocentrismo que contribuem para que esta minoria de género se torne visível. Ademais, «[f]eminist translation theory aims to identify and critique the tangle of concepts which relegates both women and translation to the bottom of the social and literary ladder» (Simon, 1996: 1). Neste sentido, veja-se o que afirma Sherry Simon, sobre esta área de estudos e a forma como a binariedade de género também se reflete na tradução:

Whether affirmed or denounced, the femininity of translation is a persistent historical trope. “Woman” and “translator” have been relegated to the same position of discursive inferiority. The hierarchical authority of the original over the reproduction is linked with imagery of masculine and feminine; the original is considered the strong generative male, the translation the weaker and derivative female. We are not surprised to learn that the language used to describe translating dips liberally into the vocabulary of sexism, drawing on images of dominance and inferiority, fidelity and libertinage (Simon, 1996: 1).

Estas diferentes relações metafóricas e figurativas⁹³ que Sherry Simon identifica e que se manifestam no processo de tradução – entre obediência e autoridade, reprodução e

⁹² É de notar que o que hoje se considera como uma abordagem feminista ao ato tradutório, já se manifestava em diferentes contribuições fora do escopo das tradutoras feministas do Quebeque, sendo que «[t]he isolated, yet remarkable, early contributions of several women translators who challenged the traditional gendered views of translation by writing their critical reflections in prefaces, dedications, footnotes or private correspondence are worthy of further attention» (Castro e Ergun, 2018: 4).

⁹³ Veja-se, a propósito: «[t]wo other popular figures are the “property” and the “clothing” metaphors. Translation is consistently represented as an unequal struggle for authority over the text: the author is the landlord, the translator simply a tenant. Even more persistent is the clothing metaphor, which presents the foreign author as now clothed in new garb (Woodsworth 1986). Recent discussions of the use of metaphors to describe translation point to the real hermeneutical value of metaphor. It is suggested that there is something about the translating

original, inferioridade e superioridade, a derivativa fraca e o generativo forte e entre fidelidade e infidelidade – refletem intrinsecamente a binariedade de género que se verifica entre feminino e masculino, mulher e homem, AFAB e AMAB. A forma como esta minoria de género paralela a posição periférica, inferior e marginal que a tradução detém no âmbito da hierarquia autoral – bem como da literatura queer no polissistema literário – permite que ambas criem e partilhem um campo fértil e interseccional, no qual se procura combater e resistir à vertente sexista que acaba por marcar presença em diferentes áreas da sociedade, nomeadamente na língua e na tradução.

Ora, aprofundar o conceito de fidelidade, no que respeita a esta vertente dos estudos de tradução, revela-se como uma abordagem de interesse acrescido, uma vez que «[t]he poverty of our conventional understanding of fidelity lies in its reliance on numerous sets of rigid binary oppositions which reciprocally validate one another» (Simon, 1996: 11). Para este efeito, em *Gender and the Metaphors of Translation* (1988), Lori Chamberlain analisa diferentes representações metafóricas, através das quais verifica que «a great deal of these translation discourses are grounded in misogynistic conceptions about gender roles» (Castro e Ergun, 2018: 12). Ademais, Chamberlain sugere que estas interpretações são consequência do mundo e da perspetiva ocidental, nomeadamente no que toca a «power relations as they divide in terms of gender; of a persistent desire to equate language or language use with morality; of a quest for originality or unity, and a consequent intolerance of duplicity, of what cannot be decided» (Chamberlain, 1988: 465). Desta forma, atendendo ao objetivo do presente estudo, destaca-se a análise de Chamberlain, sobre uma metáfora apresentada por Schleiermacher (1977):

The translator, as father, must be true to the mother/ language in order to produce legitimate offspring; if he attempts to sire children otherwise, he will produce bastards fit only for the circus. Because the mother tongue is conceived of as natural, any tampering with it – any infidelity – is seen as unnatural, impure, monstrous, and immoral. Thus, it is "natural" law which requires monogamous relations in order to maintain the "beauty" of the language and in order to insure that the works be genuine or original. (Chamberlain, 1988: 459).

experience that calls for metaphorical language (D'hulst 1992). If this is indeed the case, we can wonder at the persistence of sexist language to describe translation. If metaphor is to be considered proto-theoretical language, then the language of translation theory has indeed been profoundly marked by gender» (Simon, 1996: 9).

Chamberlain reflete, assim, sobre as relações (i)legítimas e de cariz sexual, como delineadas por Schleiermacher, que se estabelecem entre a língua de partida (enquanto figura maternal) e a figura tradutora (enquanto figura paternal), sendo o ato tradutório o fruto desta relação. (Chamberlain, 1988: 458). Nesta perspetiva analisada por Chamberlain, uma tradução legítima tem, portanto, de obrigatoriamente ser fiel à língua de partida, de modo a conceber e a incutir legitimidade ao fruto tradutório. Como consequência, ao optar-se por ser-se infiel a esta figura maternal linguística, as traduções daí resultantes serão compreendidas e identificadas como abominações – note-se que a carga pejorativa das palavras *unnatural*, *impure*, *monstrous*, e *immoral*, remete para o tipo de terminologia violenta que é também direcionada *ao circo* de identidades *bastardas* não-normativas e minoritárias de género e sexuais.

A partir de esta e de outras análises⁹⁴, Chamberlain conclui que o conceito de visibilidade pode apresentar diferentes significações, consoante o propósito e o contexto do ato de tradução (Chamberlain, 1988: 461). Contudo, a autora perspetiva que só através de uma reivindicação, ao construírem as suas próprias interpretações, bem como de uma presença crescente e ativa de tradutoras mulheres, é que se poderá modificar e passar a considerar «the acts of authoring, creating, or legitimizing a text outside of the gender binaries that have made women, like translations, mistresses» (Chamberlain, 1988: 472).

Importa ainda mencionar o trabalho de Luise von Flotow (1991) e as suas estratégias de tradução de carácter feminista, «supplementing, prefacing and footnoting, and “hijacking”» (Flotow, 1991:7) – ou seja, suplementar, o uso de prefácios de e notas de rodapé e «sequestrar». Estas estratégias consistem, respetivamente: na compensação das diferenças entre as línguas de trabalho; na partilha com a comunidade leitora sobre as motivações políticas das estratégias aplicadas; na apropriação/sequestro do texto de partida, de modo a refletir as intenções políticas da figura tradutora (Castro e Ergun, 2018: 7). Desta forma, estas diferentes abordagens de marcar a mulher no processo tradutório, refletem-se como decisões

⁹⁴ A título de exemplo, veja-se: «Chamberlain discloses and contests many more sexist metaphors articulated in translation treaties written by celebrated authors from the seventeenth to the twenty first century, such as Thomas Drant, John Florio or George Steiner. Most of these authors compare women and translation when discussing issues of fidelity (to men and to the source text/author) and origin/originality – the paternity of the text, the penetration or rape of the source text/woman, the betrayal of women/translators and the binary opposition between the productive/active work (performed by men/authors) and the reproductive/passive work (performed by women/translators) are some of the common sexist tropes. These sexualised metaphors help justify the hierarchical relation between the source text and the translation – what is presented as a problem of aesthetics is in fact a matter of politics» (Castro e Ergun, 2018: 12-13).

de teor ativista, posto que têm em vista a reformulação do texto de partida, de modo a alinhá-lo com as suas próprias ideologias e objetivos políticos feministas. Com efeito, através da aplicação destas diferentes estratégias, a figura tradutora assegura, não só a sua própria visibilidade enquanto agente no processo de transferência entre culturas e línguas, como também garante uma maior visibilidade a uma minoria de género, neste caso, às mulheres e às pessoas AFAB.

Através destas diferentes contribuições, pode-se verificar que, quer os estudos de tradução, quer a tradução feminista, se prendem com a (des)confiança de várias temáticas subjacentes ao ato tradutório, ao procurarem combater a autoridade das hierarquias tradicionais e papéis de género, ao questionarem aquilo que se entende por fidelidade e, ainda, ao desconstruírem padrões e significações universais e/ou normativas dominantes, presentes na sociedade⁹⁵ (Simon, 1996: 8). É, assim, através de uma frente unida e de uma consciencialização comunitária, que uma maior compreensão, manutenção e inclusão da diferença passa a ser viabilizada, mediante a forma como esta é representada na língua, nomeadamente na, e através da, tradução.

3.3.1. Estratégias de Tradução Não-Sexistas

No artigo intitulado, *Hey Guys*⁹⁶, *Once Upon a Time was Sexist Language...* (2015), Julie Tarif compara e analisa a língua inglesa e a língua francesa, no que respeita às construções consideradas de índole sexista, de modo a identificar diferentes estratégias para evitar o uso deste tipo de linguagem. Para este efeito, Tarif vai analisar as traduções, para a língua francesa, das obras *Politically Correct Bedtime Stories – Modern Tales for Our Life and Times* (1994) e *Once Upon a More Enlightened Time – More Politically Correct Bedtime Stories* (1995), de James Finn Garner. Atendendo a este corpus selecionado pela figura autoral, a mesma constrói a sua própria *história para dormir*, de forma a ilustrar os desafios linguísticos que pretender abordar:

⁹⁵ No original: «[t]ranslation studies have been impelled by many of the concerns central to feminism: the distrust of traditional hierarchies and gendered roles, deep suspicion of rules defining fidelity, and the questioning of universal standards of meaning and value. Both feminism and translation are concerned by the way “secondariness” comes to be defined and canonized; both are tools for a critical understanding of difference as it is represented in language» (Simon, 1996: 8).

⁹⁶ Mantém-se a grafia presente no texto original, não só por se respeitar a decisão da figura autoral, mas também por transmitir um detalhe que se considera pertinente, tendo em conta o propósito do presente trabalho.

“Once upon a time was sexism against women in the realm of language. The villain was ‘lurking behind’ the language system like a wolf, setting up linguistic traps and waiting for innocent victims to set its sexist undertones free. The linguistic traps into which many subjects tended to fall in the realm of language raised concerns among the feminist subjects, so much so that many guides and recommendations were issued to crack down on the linguistic villain and to turn the potential victims into active and unbiased speakers, so that the subjects of the realm lived happily ever after ...” (Tarif, 2015: 35).

Com esta pequena narrativa, Tarif estabelece diferentes metáforas, através das quais identifica o *sexismo* enquanto *vilão*, que ao *esconder-se* por detrás de um *sistema linguístico*, arma diferentes *armadilhas linguísticas*, com o propósito de espalhar as suas *conotações sexistas* sobre vítimas inocentes. É de notar que embora Tarif destaque apenas *os sujeitos femininos* enquanto vítimas desta realidade, as pessoas com identidades de género não-normativas e/ou que optem por se identificar com uma linguagem não-binária, também se constituem como vítimas neste cenário. Não obstante, é através de uma consciencialização comunitária⁹⁷, nomeadamente através de criação de guias, bem como de recomendações, que as vítimas deste *vilão linguístico* terão a possibilidade e a potencialidade de se tornarem figuras ativas e agentes imparciais na aplicação da linguagem, de modo a viverem *felizes para sempre*. Desta forma, apesar de reconhecer a quase que permanência intemporal e histórica deste *vilão linguístico*, Tarif aponta para uma potencial viragem de paradigma⁹⁸, em que as vítimas procuram resistir a e combater as demais *armadilhas linguísticas* – nomeadamente, as conotações negativas vinculadas às formas femininas, as assimetrias de género, os pressupostos genéricos androcêntricos (masculino genérico) e a concordância de género. (Tarif, 2015: 37-40).

Desta forma, através dos conceitos de tradução intralinguística e interlinguística⁹⁹, Tarif identifica, respetivamente, a reformulação de uma linguagem sexista para uma linguagem não sexista dentro do mesmo sistema linguístico, bem como a forma como este

⁹⁷ Remeta-se para a ideia de Consciência/Comunidade Queer (CQ).

⁹⁸ Remeta-se para o conceito de «viragem cultural».

⁹⁹ Entenda-se por tradução intralinguística, uma reformulação ou reconstrução das palavras na mesma língua (sinónimos, paráfrases) e por tradução interlinguística a transferência de significado que ocorre entre duas línguas, ou seja, uma tradução propriamente dita, onde se estabelece uma língua de partida e uma língua de chegada.

tipo de linguagem pode ser transmitido no processo tradutório entre duas línguas (Tarif, 2015: 35). Em virtude deste objetivo, Tarif reconhece, assim, a tradução e, conseqüentemente, as estratégias de tradução como possíveis ferramentas de resistência a uma linguagem de teor sexista, ou seja, uma linguagem marcada pelo binário do gênero, e as conotações que a mesma acarreta. Note-se ainda que, tendo em consideração a seleção da língua anglófona e da língua francófona por parte da figura autoral, esta última é representativa da língua lusófona, ao considerar as várias semelhanças e desafios que ambas partilham no que respeita ao uso de uma linguagem não-binária, neutra e inclusiva.

Com efeito, Tarif vai identificar seis estratégias principais que permitem evitar o uso de uma linguagem sexista, sendo estas a amplificação, a explicitação, a modulação, os neologismos, a recategorização e a supressão (Tarif, 2015: 42). A amplificação implica o uso de um maior número de palavras no texto de chegada para reexpressar a ideia presente no texto de partida (Tarif, 2015: 42). Já no caso da explicitação, são introduzidos detalhes semânticos precisos para a clarificação do texto de chegada, mas apenas aqueles que já estão disponíveis no texto de partida, quer através do conhecimento contextual, quer através da situação descrita (Tarif, 2015: 43). Em seguida, a modulação constitui-se como um processo em que um segmento do texto de partida é reformulado, através ou de uma mudança de perspectiva, ou de uma clarificação da formulação da estrutura inicial (Tarif, 2015: 44). Quando a língua não tem recursos suficientes, os neologismos permitem a criação de novas palavras necessárias para se exprimir um conceito ou efeito estilístico (Tarif, 2015: 46). A recategorização procura a manutenção do sentido do texto de partida no texto de chegada, através de uma mudança de uma parte do discurso por outra e da mudança da categoria gramatical. (Tarif, 2015: 49). Por fim, a supressão¹⁰⁰ consiste na elisão de elementos frásicos que denotem a marcação de gênero no texto de chegada (Tarif, 2015: 53).

Desta forma, foram estas as estratégias aplicadas na vertente da tradução neutra do presente trabalho, visto apresentarem diferentes possibilidades para se evitar e combater o uso de uma linguagem considerada sexista, ou seja, de uma linguagem binária – sendo este um dos objetivos principais do presente estudo. Contudo, não obstante a missão de encontrar estratégias para uma eventual prática e implementação de uma linguagem não-sexista, Tarif reconhece que «some of the possible avenues to implement biased-free language can take

¹⁰⁰ Note-se que a figura autoral afirma que: «[i]n this paper, the terms “suppression/deletion” are preferred to the term “omission”, as the latter is endowed with negative connotations in translation studies. Omission is indeed regarded as a translation error (Ballard para. 28)» (Tarif, 2015: 50).

their toll on the stylistic qualities of a text or discourse» (Tarif, 2015: 59), pelo que se procurou identificar se tal situação também se manifesta nos casos em estudo.

3. 4. Tradução Queer

Ora, tal como anteriormente referido sobre a literatura queer, também aquilo que se entende por estudos de tradução queer estabelece-se como uma área emergente, bem como um fenómeno merecedor de atenção acrescida, mediante o carácter inovador e subversivo inerente ao seu objeto de estudo – o queer. Para este propósito, a obra *Queer in Translation* (2017), constitui-se como «the first multi-focus in-depth study on translating queer, queering translation, queer as translation and translation as queer» (Epstein, Gillet, 2017: 7). Tendo em consideração o carácter interseccional subjacente a esta área, o livro apresenta uma pluralidade de perspetivas, que na sua totalidade corroboram o facto de que «what is meant by queer literally depends on what is meant by translation – and vice versa» (Epstein, Gillet, 2017: 7). Por outras palavras, é através de uma relação de interdependência implícita entre tradução-queer e queer-tradução, que a compreensão destes conceitos se torna possível. Desta forma,

What does ‘queer’ have to do with translation? Well, that depends on what you mean by ‘queer’ and what you mean by ‘translation’. The former term is notoriously slippery, covering not only a wide range of non-normative sexualities and genders under the sign of the postmodern, but also a multifaceted set of political and theoretical interventions, at once ludic and profoundly serious, that originate in the sexual but are by no means limited to it. The latter word, translation, though it might seem deceptively straightforward and for a long time was only sparsely and partially theorized, turns out on closer inspection to be comparably indeterminate and similarly imbricated with issues of gender and sexuality, playfulness and power (Epstein, Gillet, 2017: 1).

A dualidade que se manifesta entre a instabilidade notória do queer em oposição à aparente estabilidade da tradução permite que as interações resultantes destas duas entidades sirvam de ferramenta de intervenção e de subversão de questões relacionadas com o género e a orientação sexual, a brincadeira e o poder. As figuras autorais vão ainda sublinhar a ideia errónea que é compreender a língua como um meio transparente de transferência de

significado, como sendo tão ilusória quanto a ideia de que o género é uma categoria fixa e natural, que se alinha com a sexualidade (Epstein e Gillett, 2017: 1)¹⁰¹. Aliás, «[n]owhere is the constructedness of gender and sexuality more glaringly evident than when attempts are made to find equivalents in other languages and cultures» (Epstein e Gillett, 2017: 1-2). Por outras palavras, é precisamente através do processo tradutório que se pode verificar e constatar o quão mutável e instável é a manifestação do conceito de género em diferentes culturas. Tal verifica-se na própria língua inglesa, visto que a mesma «simply does not do gender in the same way as certain other languages do, and is therefore notoriously ill-equipped to convey the sorts of games that writers in these languages can play with gender markers» (Epstein e Gillett, 2017: 2). São dificuldades deste tipo que permitem uma discussão sobre apropriação, plágio, exploração e distorção, e que acabam por revelar as diferentes relações de desequilíbrio de poder, como «the colonizer towards the colonized, the adult towards children, the imitator and the adaptor towards the alleged original» (Epstein e Gillett, 2017: 2).

As figuras autorais estabelecem ainda vários paralelos entre o queer a tradução, tal como a perspetiva de que uma figura tradutora é inerentemente **bi**(sexual), visto ser inevitável o uso de duas línguas no processo tradutório, «[I]ike Teiresias in the field of gender and sexuality, they are archetypally bi; this conveys on them both privileged insights and a particular form of blindness» (Epstein e Gillett, 2017: 3). Ademais, e em linha de pensamento com o presente estudo, é ainda mais relevante o paralelo estabelecido com (*trans*)*lation*:

In underlining the parallel between the ‘trans’ of ‘translation’ and that of ‘transvestism’, then, queer translation theory is able to point up, and to a certain extent shrilly parody, the constitutive incoherence of the totalitarian thinking through which a dominant ideology asserts itself. And by insisting on being ‘trans’, it thwarts (queers) certain operations of power, builds bridges across gulfs and opens up what in postcolonial theory is a third space, a third form of language and of being in culture which enriches the target with the source and vice versa (Epstein e Gillett, 2017: 3).

¹⁰¹ No original: «[t]hus to imagine that language is some sort of transparent medium ‘through’ which meaning is conveyed, and that it is therefore possible to transfer this meaning from one language to another, with necessary adjustments but no irreparable losses, is as tendentiously delusional as to suggest that gender is an essential given which in most cases is satisfactorily aligned with the teleology of sexuality, but which occasionally fails to achieve this coherence» (Epstein e Gillett, 2017: 1).

Segundo as figuras autorais, dar ênfase ao «trans» em «translation» tem a capacidade de perturbar diferentes relações dinâmicas de poder. Neste sentido, se uma tradução ideal é considerada invisível – no que respeita à figura tradutora e/ou à cultura/língua de partida – a mesma implica um processo de assimilação em que «translation is able to ‘pass’» (Epstein e Gillett, 2017: 2-3), sendo que «the means to achieve it is a form of shamelessly pandering self-censorship. This is not only an opposite of queer and anathema to it – but also in the end literally self-defeating» (Epstein e Gillett, 2017: 3). Sendo este um processo exclusivo do produto tradutório, o mesmo encontra-se subordinado ao texto original, uma vez que «the very existence of the ideal bespeaks an operation of power and a position of subalternity» (Epstein e Gillett, 2017: 3). Ora, é precisamente este tipo de conformidade que os estudos de tradução queer pretendem desconstruir e subverter, ao compreenderem que «if all translations ultimately and necessarily fail, so queer re-evaluates failure as refusal and resistance» (Epstein e Gillett, 2017: 3). Desta forma, é a importância da infiltração, da contaminação, do hibridismo, do entremeio e da indeterminação que centram a relação entre o queer e a tradução, a partir da qual a partilha de uma luta comum se estabelece e solidifica (Epstein e Gillett, 2017: 3)¹⁰². Tendo em conta estas várias características, pode-se afirmar que, tal como o queer é instável, invisível, incompreendido, marginal e subversivo, o mesmo pode ser dito sobre a tradução.

3.4.1. Modos de Tradução do Queer

No ensaio intitulado, *On Three Modes of Translating Queer Literary Texts* (2018), Marc Démont identifica e reconhece diferentes abordagens e estratégias que as figuras tradutoras podem aplicar no ato tradutório, mediante a presença do queer, aquando da sua tradução para outras realidades linguísticas e culturais. Estas estratégias manifestam-se através de três modos: «misrecognizing», «minoritizing» e «queering/queer translation».

No primeiro caso, verifica-se uma «misrecognition of the queer sexual dimension» (Démont, 2018: 158) não só do próprio texto de partida, mas também dos diferentes elementos que acabam por rodear todo e qualquer tipo de texto, ou seja, os elementos extratextuais. Por outras palavras, esta estratégia sublinha a forma como uma

¹⁰² No original: «[i]nstead of the gesture of exclusion, that separates sheep from goats, good from bad and right from wrong (and by analogy colonizer from colonized, men from women and gay from straight), queer and its translation insist on the importance of seepage and contamination, hybridity, in-betweenness and indeterminacy» (Epstein e Gillett, 2017: 3).

«misrecognition» quer do próprio conteúdo da obra, quer do próprio contexto em que esta se insere¹⁰³, acaba por ignorar e, como consequência, diluir ou até eliminar os diferentes elementos queer presentes no texto de partida. Démont identifica este tipo de cenário na tradução realizada por Álvaro Armando Vasseur de poemas de Walt Whitman, em que «[t]he translation of “manly love” by “el afecto viril” and “lover” by “camarada” dilutes the sticky thickness of homosexual affects in the innocence of a watery bromance» (Démont, 2018: 158). Não obstante esta ser uma falácia que se corrige através de uma comparação entre o texto de partida e o texto de chegada, serve como um alerta para a responsabilidade da figura autoral, isto é, «reminder of the ethical dimension of the task of the translator, linked to the reader by an ethical contract of trust, and as testimony to the systematic attempts to erase queer sexualities and in fine queer subjects» (Démont, 2018: 158). Contudo, quem não possui a habilidade de realizar esta comparação, perde por completo a dimensão queer do texto de partida.

Já no caso das traduções minorizantes, as mesmas «often serve the goal of an identity politics at the expense of queerness» (Démont, 2018: 163) e «could be said to be primarily interested in denotation, that is, in finding strict equivalences between one word and another» (Démont, 2018: 163). Por outras palavras, a figura tradutora acaba por simplificar e alterar as complexidades do texto de partida em prol de questões de teor político, sendo que «by reducing the text’s queerness to the terms of the contemporary identity politics, the translator suppresses the potential discontinuities, associations, and uncouplings around which the original text, and its own sexual rhetoric, are organized» (Démont, 2018: 162). Este tipo de abordagem acaba, assim, por desvalorizar, diminuir e ignorar a complexidade instável e flutuante inerente ao queer, ao substituir esta maleabilidade por uma dimensão fixa e unidimensional (Démont, 2018: 162). Esta preferência pela denotação em prol da conotação, manifesta-se em *Anal Rope* (1991) de D. A. Miller – uma análise do filme *Rope* (1948) de

¹⁰³ Veja-se as implicações da tradução dos termos com conotações queer *bear*, *hairy* e *admirer*, para os pressupostos equivalentes italianos *orso*, *peloso* e *ammiratore*: «[w]hereas the bear culture in the United States originally deconstructed “the standards of beauty or in general the gay mainstream image imposed by the media (young, smooth-skinned, gym buffed) which tries to control and label the gay identity as feminized and (or) weak” (2010: 23) while trying to define a “new way” of being gay, in Italian culture the translation of the “bear” vocabulary becomes a way of expressing “chauvinism” (2010: 23) and intrahomophobia (2010: 32). As the authors conclude: “Behind the domestication of concepts there is certainly among the Italian bears a desire to pass as heterosexual men” (2010: 35). In this example, the “close” translation unleashes a chain of unanticipated associations in the receiving culture. This stems more from the fallacy of literalness: that it does not bring us “closer” to the original. The literal translation of “bear” as “orso” fails to recognize the incongruence of the cultural contexts in which the terms are understood. By being connected to a whole new set of semantic associations, the potentially subversive content is turned into a conservative strategy to hide a queer sexuality» (Démont, 2018: 159).

Alfred Hitchcock – que embora não seja uma tradução propriamente dita, «works literally as a translation, a transference or a displacement of the fascination with homosexuality». Tendo em conta que *Anal Rope* foi escrito durante a epidemia do VIH/SIDA, num momento em que as implicações homofóbicas e políticas eram exponenciais, este manifesto incutia uma profunda desconfiança e raiva das estruturas/entidades possuidoras de poder e serviu como resposta à «national indifference to mass gay suffering, to say nothing of openly derogatory public statements against members of the queer community, that marked the era» (Démont, 2018: 162). Deste modo,

For Miller, to talk about homosexuality in the connotative mode is to construct an “essentially insubstantial homosexuality,” echoing the fantasy of right-wing politics to annihilate queer voices and bodies. ACT UP’s Silence = Death can be translated in Millers words as Connotation = Death. Miller’s text testifies to the urgency of making cultural texts speak the language of a specific regime of sexuality, it is aroused by the will to sever the web of connotations in favor of the congealed and explicit world of denotation (Démont, 2018: 162).

É por este motivo que as traduções minorizantes dão primazia à denotação – algo que acabam por partilhar com a linguagem inclusiva, visto que ambas procuram uma identificação total, clara e precisa do seu objeto, e procuram transmitir esta visibilidade fidedigna, «even if the text’s queerness may suffer in this process» (Démont, 2018: 163).

Ora, se por um lado uma «misrecognizing translation» opera a partir de uma perspetiva hegemónica, que procura eliminar a força disruptiva do queer no texto de partida, no caso de uma «minoritizing translation», essa mesma força, embora acabe por ser transformada numa forma explícita e fixa, não permite uma abertura para se refletir a ambiguidade do queer (Démont, 2018: 163). Desta forma, é em resposta a estes dois modos de tradução, que Démont identifica uma «queering translation» ou, uma tradução queer, que implica, precisamente o reconhecimento dessa força disruptiva no texto de partida e da sua manutenção propriamente dita no texto de chegada¹⁰⁴ (Démont, 2018: 163). Esta abrange uma

¹⁰⁴ No original: «[t]he misrecognizing translation tries to rewrite a text from a certain hegemonic standpoint. Concealing the queerness of a text, this mode of translation aims to suppress the text’s disruptive force. On the other hand, minoritizing translations are less interested in suppressing this disruptive force than in assimilating it, transforming it into a fixed explicit form. The queering translation, on the other hand, focuses on acknowledging the disruptive force and recreating it in the target language» (Démont, 2018: 163).

dupla vertente que consiste quer na crítica de traduções existentes, onde se verifica uma assimilação do queer, quer no desenvolvimento de estratégias que transmitem o queer na sua verdadeira essência.

A queering mode of translation does its best to translate not only the semantic content or what Appiah defines as its literal content, but to offer a translation that preserves the web of virtual connotative associations and, therefore, the text's ambiguities and potentially disruptive content, in order to open new possibilities of readings. If this mode of translation is connected to Venuti's foreignizing translation in the sense that the queering translation seeks to resist the logic of domination or appropriation, it also goes beyond Venuti's concept since the queering translation remains constantly sensitive to the queerness of the text by voluntarily refusing to offer an "ultimate" translation, by resisting the temptation to close the translation on itself, and by offering commentary that preserves its fundamental ambiguities and highlights its potential interpretative *lignes de fuite*. Whether in its critical aspect or in its glossing aspect, the queering translation focuses on the choices and strategies that translators make in order to conceal, to congeal, or to leave open a disruptive queer content (Démont, 2018: 168).

Assim, de acordo com Demónt, esta abordagem permite não só uma abertura para novas leituras e interpretações do queer – através de uma perspetiva e análise crítica queer de traduções existentes – como também de uma manutenção do conteúdo semântico (conteúdo literal), da ambiguidade, pluralidade e diversidade intrínseca ao queer. Ademais, Demónt remete esta abordagem para a essência da estratégia de «estranhamento» de Venuti, sendo que não obstante ambas resistirem às forças dominantes e opressivas que se manifestam em várias áreas e elementos do ato tradutório, é a tradução queer que se destaca por continuamente trabalhar o queer, ou o estranhamento do texto de partida.

Através deste capítulo, pode-se confirmar que a viragem cultural e a consequente evolução dos estudos de tradução abriram portas para se encarar o ato tradutório como um processo multifacetado e interdisciplinar. Ao abranger e ao ser influenciada por diferentes áreas do conhecimento, como os estudos culturais, estudos de género, estudos coloniais e a teoria queer, a mesma constitui-se como uma ferramenta interseccional de combate à opressão de diferentes grupos minoritários, que suscita diferentes implicações éticas e políticas.

4. Algumas Propostas de Tradução Comentadas

4.1. Questões Metodológicas

Tendo em conta o propósito tradutório do presente estudo – a fidelidade à identidade de género não-binária da personagem principal de *I Wish You All the Best* e a linguagem a esta associada – foi necessário todo um processo imersivo de leitura e de releituras, de modo a delinear e estabelecer os parâmetros de análise mais indicados para a concretização deste objetivo.

Com este intuito em mente foi necessário, num primeiro momento, identificar os diferentes casos em que as ocorrências de construções de índole neutra no texto de partida manifestam uma problemática de índole binária no texto de chegada – nomeadamente, quando uma palavra não marcada por género na língua inglesa demanda uma marcação ou com o género feminino, ou com o género masculino, na língua portuguesa. De seguida, atendendo ao facto de que nem todas as personagens têm conhecimento da identidade de género de Ben, foi imprescindível agrupar as mesmas mediante quem possui esta informação e quem não a possui. Por conseguinte, indica-se que para o efeito de uma leitura mais prática e fluída, usaram-se as designações «personagem conhecedora» e «personagem não-conhecedora» para distinguir de uma forma mais sucinta esta dupla vertente. Todavia, é de notar que este é um critério mutável ao longo da obra, visto que o número de personagens conhecedoras aumenta e o número de personagens não-conhecedoras diminui. Importa, assim, identificar os momentos em que ocorrem essas alterações, bem como o tipo de relação que Ben partilha com estas personagens antes e depois de as mesmas tomarem conhecimento da sua identidade de género, além da forma que as mesmas se adaptam a esta mudança não só social, mas também linguística. Neste âmbito, verificar as diferentes reações que Ben apresenta ao longo da obra quando alguém usa uma linguagem binária, em oposição às reações que elu apresenta quando as personagens evitam o seu uso – principalmente quando as mesmas optam por usar um tipo de linguagem que respeite a sua identidade de género – serão também fatores fundamentais que podem influenciar a escolha de diferentes abordagens.

A delimitação destes critérios, bem como a consequente relação que se estabelece entre os mesmos, constituem, assim, os parâmetros responsáveis por identificar as

particularidades que distinguem e definem os cenários presentes no TP¹⁰⁵ que influenciam e permitem identificar diferentes tipos de abordagens e estratégias a serem empregues no processo tradutório. Com efeito, após uma breve apresentação destes parâmetros, foram selecionados três momentos da obra – que se apresentam em forma de propostas de tradução – com o propósito de se aprofundar mais a fundo estas diferentes questões. Acresce a isto que, para além de se apresentar uma análise comentada destas propostas, serão também abordados os desafios de tradução mais recorrentes e cujas soluções são mais limitadas e repetitivas – como é o caso dos pronomes. Através da metodologia adotada procura-se justificar e clarificar a aplicação destes diferentes parâmetros, bem como permitir uma leitura mais ampla das soluções encontradas no formato de texto corrido. Ademais, considerou-se pertinente identificar os possíveis tipos de abordagens que a linguagem não-binária pode desencadear, sendo que esta variedade permite também corroborar a escolha daquelas que se consideram ser as mais indicadas no processo tradutório, mediante o objetivo do presente estudo.

4.1.1. Parâmetros e Abordagens

A língua portuguesa – como outras línguas – tem a possibilidade de apresentar diferentes variações fonéticas, morfológicas, lexicais, sintáticas, semânticas, interacionais e pragmáticas, que se manifestam através de diferentes variações linguísticas, sendo estas as variações: diacrónicas ou históricas; diatópicas (geográficas ou regionais); diastráticas ou socioculturais; diafásicas ou situacionais (Pinto *et al.*, 1994: 22; Mateus *et al.*, 2003: 33). No presente estudo, são as variações situacionais e socioculturais que se constituem como áreas de interesse, mediante os critérios supramencionados. Deste modo, entenda-se por variação diafásica, a forma como «[c]ada falante adequa a língua à situação de comunicação, à relação que tem com o seu interlocutor, ao assunto tratado, etc.» e por variação diastrática, «[o] nível social e cultural do falante, a idade, o sexo» (Pinto *et al.*, 1994: 22). Por outras palavras, tendo em conta estas duas variações e a sua aplicação no âmbito deste processo tradutório, as personagens presentes numa situação de comunicação empregam e/ou adaptam o uso da sua linguagem, conforme as suas próprias individualidades (nível escolar, estrato socioeconómico, idade, género, profissão, origem étnica) e os seus próprios conhecimentos. Neste último caso, os conhecimentos podem ser resultantes quer destes fatores individuais, quer do contexto

¹⁰⁵ Note-se que para o efeito de uma leitura mais prática os termos «Texto de Partida» e «Texto de Chegada» podem surgir abreviados com as siglas TP e TC, respetivamente.

formal ou informal, oral ou escrito em que as personagens se encontram, bem como do tipo de relação que estas estabelecem entre si (Azeredo, *et al.*, 2011: 18).

Estas variações adaptam-se no presente estudo, mediante dois fatores. No que respeita ao nível de conhecimento entende-se que, na sua maioria, as personagens não detêm muitas informações sobre temáticas LGBTI+, o que leva a que seja ainda mais improvável que as mesmas estejam familiarizadas com o uso da linguagem tipicamente usada e preferida pelas pessoas não-binárias. Com efeito, atendendo à presença de personagens não-conhecedoras e conhecedoras e à forma como estas últimas adaptam o uso da sua linguagem (binária, neutra, inclusiva) às diferentes situações comunicativas em que se encontram, este é um dos critérios mais determinantes na aplicação das diferentes abordagens e estratégias. Todavia, sendo impossível trabalhar todas as especificidades das diferentes personagens, optou-se por aprofundar apenas as características subjacentes à personagem Ben de Backer. Tal justifica-se por vários motivos, tais como: o facto de Ben ser a personagem principal, bem como narradore da história e a única personagem que interage com todas as restantes. Deste modo, os critérios relacionados com as restantes personagens serão analisados de uma forma mais superficial e apenas no que respeita aos momentos analisados no presente estudo, mediante as interações que partilhem com Ben e a situação comunicativa em que se encontram.

Atendendo a estas diferentes estipulações, passa-se a identificar as personagens mais relevantes e recorrentes no que respeita às suas interações com Ben, bem como o momento em que estas transitam o seu estatuto de personagens não-conhecedoras para personagens conhecedoras: mãe e pai (p.13), Hannah (p.23), Thomas¹⁰⁶ (p.25), Dra. Taylor (p.59), Nathan (p.273). Importa referir também que para além de Ben, Mariam é a única personagem que não passa por este momento de transição, visto que detém este conhecimento prévio. Posto isto, a forma como as personagens conhecedoras reagem e se adaptam a esta notícia leva a que se possa registar três situações: o uso intencional da linguagem binária, bem como o uso não-intencional da mesma (descuido, distração, falta de hábito) e uma adaptação ao uso da linguagem preferida por Ben. Deste modo, ao passo que as personagens não-conhecedoras não têm motivo por que evitar o uso de uma linguagem binária, as personagens conhecedoras passam a acarretar esta nova responsabilidade. Neste sentido, o facto de Ben ter decidido partilhar esta informação com estas personagens demonstra um voto de confiança, segurança

¹⁰⁶ Note-se que Thomas é a única personagem com a qual Ben não partilha esta informação diretamente. No entanto, elu dá autorização à sua irmã Hannah, para a partilhar com Thomas.

e/ou até a esperança de que as mesmas passassem a respeitar a sua identidade de género. Por conseguinte, e em função deste respeito, seria também presumível que as mesmas passassem a adotar a linguagem preferida de Ben. Assim, no que respeita à adaptação a diferentes situações de comunicação, identificaram-se os seguintes cenários:

- A narração de Ben;
- O discurso direto de personagens conhecedoras;
- O discurso direto de personagens conhecedoras na presença de personagens não-conhecedoras;
- O discurso direto das personagens não-conhecedoras.

Deste modo, para propósitos de uma melhor distribuição dos casos selecionados para análise, as diferentes condições que estes cenários acarretam serão abordadas ao longo deste capítulo. Porém, as suas especificidades serão aprofundadas e sintetizadas no próximo capítulo em prol da análise de casos de tradução distribuídos em tabelas representativas destes diferentes cenários. Todavia, tendo em conta que o presente estudo se propôs implementar o uso de uma linguagem não-binária, neutra e/ou inclusiva – de modo a salvaguardar a identidade de género de Ben – estas diferentes situações comunicativas podem implicar diferentes abordagens aquando do processo tradutório. Por este motivo, de modo a demonstrar a pluralidade de possibilidades que a tradução de linguagem associada a identidades não-binárias para a língua portuguesa pode suscitar e o quão desafiante é esta tarefa, apresentam-se três abordagens que evidenciam esta versatilidade. Assim, na sua estrutura mais complexa¹⁰⁷, as tabelas em análise dividem-se na seguinte estrutura:

- **Texto de Partida:** Palavras, frases ou segmentos de frases onde se registam os casos de índole neutra;
- **Tradução Auto:** Proposta que apresenta o que se entende por uma tradução literal dos casos em estudo, ou seja, uma tradução que devido às características gramaticais da língua portuguesa demanda uma marcação binária de género. A designação de tradução auto(mática) sugere que este é o

¹⁰⁷ Em oposição, as tabelas (quadros) com uma construção mais simples apresentam apenas o Texto de Partida e uma só resolução, nomeadamente intitulada de Texto de Chegada.

tipo de solução que se espera de uma tradução realizada pelas ferramentas online de tradução.

- **Tradução Queer:** Proposta que, embora apresente uma tradução literal, garante e dá prioridade à visibilidade da identidade de género não-binária da personagem principal através do uso da neolinguagem (linguagem inclusiva) – desafia as regras gramaticais da língua portuguesa.
- **Tradução Neutra:** Proposta que evita o uso, quer de uma marcação binária, quer de uma marcação não-binária, de modo a não desrespeitar¹⁰⁸ a identidade de género da personagem principal, nem as regras gramaticais da língua de chegada.

Entende-se que com este esquema, as dificuldades encontradas no ato tradutório tornam-se mais claras, para além de contribuírem para a justificação de qual o tipo de abordagem se julga mais indicada, dependendo do objetivo comunicativo e situacional presente no texto de partida. Para além disto, indica-se que para uma melhor identificação das marcações de género nas diferentes línguas – construção neutra no texto de partida vs. construção marcada por género na língua de chegada – as mesmas serão sempre assinaladas a **negrito**.

4.1.2. Ben

Em primeiro lugar, importa referir o papel que Ben desempenha em *I Wish You All the Best*, visto que para além de ser a personagem principal da narrativa é também a única figura narradora, sendo a história narrada na primeira pessoa do singular. Deste modo, a obra apresenta uma narrativa autodiegética ao considerar que Ben «narra as suas próprias experiências como personagem central dessa história» (Alves, 2009). Tendo em conta o conceito de focalização¹⁰⁹, nomeadamente o conceito de focalização interna¹¹⁰, este é um

¹⁰⁸ Note-se que o uso de *desrespeitar* neste contexto, remete para a rejeição de um uso binário das palavras. Tal justifica-se porque esta abordagem de tradução neutra poderá também ser debatida e interpretada como uma falta de respeito da identidade não-binária, visto que acaba por não apresentar esta característica no texto de chegada – contudo, como esta não-binariedade também não está presente no texto de partida (graficamente e gramaticalmente) a situação exige um maior aprofundamento, pelo que esta questão será discutida mais à frente.

¹⁰⁹ «Diz-se focalização a ciência do narrador ou de uma personagem sobre o desenrolar da ação. Sendo uma entidade fictícia a quem cabe o papel de narrar a ação, o narrador caracteriza-se por estar presente (autodiegético se assume o papel de personagem principal; homodiegético, se assume apenas o papel de personagem secundária) ou ausente (heterodiegético, se não participa nos acontecimentos nem interfere na história), por assumir uma posição objetiva (que se limita a contar os acontecimentos sem deixar que os seus sentimentos ou

elemento fundamental, pois reflete uma perspetiva individual, limitada e, conseqüentemente, subjetiva da história, visto que Ben só terá acesso aos seus próprios pensamentos, conhecimentos, experiências e emoções. Com efeito, a comunidade leitora não terá uma compreensão verídica e objetiva das perspetivas e motivações das restantes personagens, visto que também será Ben a descrever as diferentes interações que tem com as mesmas.

De seguida, no que respeita ao campo do conhecimento, Ben apresenta-se como uma personagem de interesse acrescido, não só enquanto personagem principal, mas também enquanto pessoa não-binária. Isto, porque, embora Ben se identifique com uma identidade não-normativa, não significa que elu mesmo tenha um vasto nível de conhecimento sobre esta e outras identidades de género não-normativas. A verdade é que Ben só tem 18 anos e ainda está a acabar o ensino secundário (Deaver, 2019: 24), pelo que se considera compreensível que ainda não tenha toda a percepção, conhecimento e/ou vocabulário de que uma pessoa não-binária necessita para navegar num mundo binário e para aplicar o uso de uma linguagem considerada não-binária, neutra e/ou inclusiva. A título de exemplo, veja-se o seguinte excerto:

Texto de Partida	Texto de Chegada
<p>“Hi!” This guy walks up to us. He’s cute, or I guess they’re cute. I shouldn’t be assuming anyone’s pronouns. The chances of me screwing up are probably higher here. I shouldn’t do that anyway, honestly; I know the pain all too well. (p.278)</p>	<p>— Olá! — Um tipo aproxima-se de nós. Ele é giro, ou melhor, elu é gire. Não devia estar a assumir os pronomes das outras pessoas. As hipóteses de eu errar provavelmente são ainda mais altas aqui. De qualquer maneira, devia parar de fazer isto, conheço a dor suficientemente bem.</p>

Quadro nº 1

emoções transpareçam no seu decurso) ou subjetiva (se na apresentação dos factos há, claramente, uma posição emocional e sentimental do narrador, em geral de primeira pessoa) e pela sua ciência ou focalização em relação às personagens e à ação». Informação retirada de: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$focalizacao-\(narrativa\)](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$focalizacao-(narrativa)).

¹¹⁰ Veja-se também o conceito de focalização externa vs. interna: «[o]u o narrador restringe o campo perceptivo e/ou informativo, quer por assumir uma visão exterior ao narrado (“focalização externa”, segundo G. Genette; “vision du dehors”, para Pouillon), incapaz de certezas relativamente ao íntimo das personagens e à sequência dos factos, quer por assumir a percepção de uma personagem, de cujos pensamentos eventualmente dará conta (“focalização interna”, segundo G. Genette; “vision avec”, para Pouillon), podendo manter-se fixa ou variar (“focalização interna” “variável” ou “múltipla”))» (Rita, 2009).

Neste caso, Ben atribui um género a uma pessoa, sem saber qual a identidade de género da mesma, nem quais são os seus pronomes. Embora esta outra personagem possa ter uma apresentação¹¹¹ estética masculina, tal não significa que a mesma seja homem, ou que use os pronomes masculinos. Ben apercebe-se deste descuido e corrige a sua pressuposição, pelo que se torna claro que, apesar de Ben ser uma pessoa não-binária, tal não invalida e/ou elimina o facto de ter crescido e de continuar a viver numa sociedade dominada por uma ideologia cisheteronormativa, masculina e binária de género. Desta forma, atendendo às informações presentes nesta passagem, e ao considerar o facto de que este excerto é retirado do antepenúltimo capítulo da obra, o capítulo 23, vemos que Ben apresenta uma evolução de Consciência/Comunidade queer (CQ). Para além de, inadvertidamente, identificar e reconhecer a presença destas ideologias no seu subconsciente, Ben afirma que precisa de melhorar este tipo de comportamento (a atribuição de um género a pessoas que não conhece), nomeadamente no que toca à suposição de que todas as pessoas são cisgénero, de modo a procurar desconstruir este tipo de mentalidade. Por outras palavras, tal como quem não é uma pessoa não-binária, Ben terá de desconstruir estes construtos e estereótipos de género, para conseguir ultrapassar as manifestações deste binário presentes quer no seu subconsciente, quer na sociedade em geral, sendo o uso cuidadoso da língua uma das etapas deste processo.

Neste exemplo verifica-se também o aumento da marcação do género na passagem da língua inglesa para a língua portuguesa, uma vez que para além das palavras masculinas, «guy» e «he» no TP, as palavras «this» e «cute» ganham também a classificação masculina no TC. Desta forma, no que respeita à estratégia de tradução do pronome «they» e do adjetivo «cute», considerou-se apropriada a estratégia dos neologismos, ou seja, da neolinguagem. Assim, transformou-se uma tradução auto numa tradução queer através da implementação das marcas de género não-binárias: o neopronome «elu» e a terminação em [-e] na palavra «giro». É de notar que, no que respeita a uma tradução intralinguística, a palavra «gire» poderia ser substituída por «adorável» ou «atraente», mas entendeu-se que estas opções alteravam o valor descontraído, informal e mais juvenil que se encontra no TP com a palavra «cute».

Outra questão que se demonstra pertinente a partir deste exemplo é a pluralidade de experiências individuais vividas pelas pessoas de identidade de género não-normativas, que tal como se averiguou no capítulo quatro, *Género e Linguagem – Novos Rumos e Desafios*,

¹¹¹ Neste caso, importa sublinhar que a identidade de género e a expressão de género, embora partilhem características, não são sinónimos, pelo que alguém que aparenta características tipicamente associadas ao género masculino não tem necessariamente de se ver ou ser homem.

constituem-se como um grupo diverso e fluído. Deste modo, importa sublinhar que os critérios a ter em conta sobre a personagem de Ben de Backer, podem não se verificar noutros casos deste teor – embora, inevitavelmente, partilhem semelhanças. Assim, ao retomar as palavras de Mason Deaver sobre as diversas formas de se ser trans, o mesmo sentimento é partilhado por Ben quando estu afirma que:

Texto de Partida	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Neutra
I'm not like the head of the nonbinary committee (p.165)	Não é como se eu fosse o chefe do comité não-binário	Não é como se eu fosse ê chefe do comité não-binárie	Não é como se eu ditasse as regras do comité das pessoas não-binárias

Quadro n° 2

Não obstante a multiplicidade das vivências trans enquanto experiências individuais e singulares de cada pessoa, a verdade é que, ao considerar o contexto linguístico e geográfico em que as pessoas não-binárias se inserem, os obstáculos impostos por estes fatores acabam por ser partilhados por membros das mesmas comunidades linguísticas e geográficas. Deste modo, as preocupações de uma pessoa não-binária que se encontre num ambiente anglófono não serão as mesmas de uma que se encontre num contexto lusófono. É de notar que estas são também considerações que a figura tradutora tem de ter em conta, não só quando confrontada com a presença de identidades de género não-normativas, mas também em qualquer tipo de ato tradutório em que se encontra a passagem de conteúdo de uma língua marcada por género, para uma língua não marcada por género e vice-versa¹¹². Neste sentido, se a presente história tivesse como personagens principais somente pessoas falantes da língua portuguesa, numa sociedade em que esta fosse a língua dominante – Portugal, Brasil, Angola, por exemplo – considera-se que as instâncias em que as mesmas tentassem abordar e discutir a questão

¹¹² A relação tradutória entre línguas marcadas por género vs. línguas não marcadas por género implica ou a diminuição ou o aumento das marcas de género, dependendo de qual se constitui como língua de partida e língua de chegada. A título de exemplo, veja-se as considerações de Emily Rose sobre um cenário semelhante, em que a passagem do francês para o inglês resulta numa perda de significação do TP: «I have also been inspired in my endeavour for visibility by the only English translation currently available; in my opinion, the translator, R.H.F. Scott, has missed what is important about this text as he fails to highlight Choisy's unusual use of language. For example, one important point that Scott glosses over occurs when Choisy notes that 'j'avais des amants' [I had lovers] (1995: 82). 'Amant' is in the masculine which suggests that Choisy entertained men as well as women while in drag; Scott uses 'admirers' (1994: 27). Even if the reader could read between the lines to glean that these were men, I would argue that an admirer is not the same as a lover» (Rose, 2017: 39).

linguística inerente à sua identidade de género fossem muito mais recorrentes ao longo da obra. Isto, porque, nestes contextos geográficos e linguísticos, as personagens estariam mais habituadas a serem maldenominadas, por terem crescido em ambientes familiares, educativos, culturais e sociais que promovem o uso de uma linguagem «correta», ou seja, de uma linguagem binária, de modo a respeitar as regras gramaticais da língua portuguesa.

Por um lado, esta situação pode suscitar reações mais paralisantes destas figuras para com a linguagem que encontram no seu dia-a-dia, por já nem repararem no seu uso ou, simplesmente, optarem por ignorar o facto de serem constantemente maldenominadas. Por outro lado, podemos encontrar a situação oposta, em que o facto de esta ser uma situação tão recorrente faça com que as mesmas reajam de uma forma mais radical e efusiva. Embora seja inquestionável que a binariedade de género é muito mais vincada no vocabulário da língua portuguesa, importa sublinhar que tal não impede que este tipo de reação mais significativa também se manifeste em comunidades anglófonas, o que se reflete na obra em estudo. Deste modo, independentemente do cenário que a figura tradutora encontrar no texto de partida, a mesma terá de proceder conforme as reações das personagens e da sua própria interpretação do texto de partida, de modo a estabelecer como elas se poderão refletir no âmbito da língua e cultura de chegada em que trabalha.

É através destes critérios que a figura tradutora poderá definir qual o rumo mais indicado a seguir: optar ou não pelo uso de uma linguagem não-binária. Contudo, outro fator de extrema importância é que, sempre que a marcação de género seja inevitável no texto de chegada, a figura tradutora terá de identificar o sexo/género atribuído à nascença da personagem não-binária, de modo a respeitar as regras de concordância (de género) da língua portuguesa, quando a marcação de género se demonstrar inevitável – sendo esta a situação recorrente que se regista no caso da Tradução Auto. No caso da obra em estudo, esta informação está presente no primeiro capítulo, através da frase «I wonder if they've ever seen through that disguise, if they've ever entertained the idea that I was anything other than their perfect son»¹¹³ (Deaver, 2019: 11). Esta frase suscita um desafio de tradução curioso, pois mediante a estratégia de tradução usada no seguinte exemplo, a comunidade leitora do TC poderá adquirir esta informação num momento mais inicial:

¹¹³ Tradução da autora da obra: Pergunto-me se alguma vez já conseguiram ver para além deste disfarce, se alguma vez consideraram a ideia de que pudesse ser mais do que apenas **o seu filho perfeito**.

Texto de Partida	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Neutra
Liar. (p.10)	Mentiroso.	Mentirose.	Mentira.

Quadro n° 3

Esta é uma frase constituída por uma só palavra, presente na narração de Ben; por este motivo, uma tradução queer seria plausível. Contudo, ao optar-se por revelar o sexo/género atribuído à nascença de Ben na mesma circunstância em que a comunidade leitora do texto de partida recebe esta informação, a proposta mais adequada seria o uso de uma tradução neutra. Desta forma, a perspetiva da frase deixaria de recair sobre «aquele que diz mentiras»¹¹⁴, passando a recair sobre o «ato ou efeito de mentir»¹¹⁵. A estratégia é assim, uma recategorização do adjetivo «liar» para o nome «mentira». Contudo, através desta mudança há uma perda da conotação negativa e depreciativa que a personagem atribui a si mesma no texto de partida, que passa a recair apenas sobre a resposta prestada na frase anterior. Não obstante, o conteúdo semântico central do enunciado – o facto de Ben ter dito uma mentira – é preservado no TC.

4.1.3. Reações de Ben

Texto de Partida	Texto de Chegada
<p>“There he is.”</p> <p><i>He.</i></p> <p>I try my best not to let my face show anything, because this is something I need to get used to. I wanted this. It’s simpler. And I can’t be mad at him for it. (p.42)</p>	<p>— Aí está ele.</p> <p><i>Ele.</i></p> <p>Tento que não se mostre na minha cara, porque tenho de me habituar a isto. Eu queria isto. É mais simples. Não posso ficar zangade com ele por isto.</p>
<p>“Okay, Mr. Attitude” Nathan chuckles.</p> <p>“Please don’t call me that.” [...] I don’t even know if I’m talking more about the “Mr.” part or the “Attitude.”</p> <p>“It’s okay, man.”</p> <p>I think I sound angrier than I mean to.</p>	<p>— Ok, Senhor Atitude. — Ele ri-se.</p> <p>— Por favor, não me chames isso. — [...] Nem sei se me estou a referir à parte do “Senhor” ou à parte da “Atitude”.</p> <p>— Tudo bem, meu.</p> <p>Acho que devo soar mais zangade do que</p>

¹¹⁴ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mentiroso>.

¹¹⁵ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mentira>.

He's just asking a question, after all. (p.54)	queria. Afinal, ele só está a fazer uma pergunta.
<p>“Oh, funny boy.” [...]</p> <p>“Yeah, funny.” [...] Every “boy” or “him” has been like a stab in the gut. And for some reason, it hurts worse when it comes from him. Even worse than when Mom or Dad called me their “son” or their “boy.” (p.106)</p>	<p>— Oh, tens muita graça, puto. [...]</p> <p>— Sim, graça. — [...] Cada “puto” ou “ele” tem sido como uma facada no estômago. E, por alguma razão, dói ainda mais vindo dele. Ainda pior do que quando a minha Mãe ou o meu Pai me chamavam de “filho” ou o seu “rapaz”.</p>
<p>“You gonna be sick, man?” [...]</p> <p>“I’m not a man,” (p.142-143)</p>	<p>— Vais ficar maldisposto, puto? [...]</p> <p>— Eu não sou puto nenhum.</p>
<p>“Here. Take a seat, my prince.”</p> <p>“Prince?” I feel myself get smaller. He doesn’t know, he can’t know. Just stop making a big deal out of it. [...]</p> <p>“What’s wrong with being a prince?”</p> <p>“Nothing.” I try to shake that weird feeling. (p.183)</p>	<p>— Aqui. Senta-te, meu príncipe.</p> <p>— Príncipe? — Sinto-me a encolher. Ele não sabe, ele não tem como saber. Pára de fazer uma fita.</p> <p>— Qual é o mal de seres um príncipe?</p> <p>— Nada. — Tento ignorar aquele sentimento estranho.</p>

Quadro nº 4

Através destes diferentes exemplos verifica-se que Ben tem uma grande dificuldade em lidar com a linguagem binária que lhe é direcionada, não só no que respeita ao uso de pronomes masculinos, mas também em construções como [Mr., boy, son, man, prince], ou seja, [Senhor, puto, filho, homem, príncipe]. As reações variam em resposta, e, nos casos das páginas 42 e 106, Ben apresenta um desconforto interno, e nos casos das páginas 54 e 142-143, Ben verbaliza esse mesmo desconforto. O caso da página 183 apresenta não só uma disputa interna, mas também uma verbalização parcial, em que a interrogação de eco feita por Ben, ao repetir a palavra masculina que Nathan enuncia, pode ser interpretada como uma reação confusa e de sofrimento. Deste modo, estas reações, bem como as restantes informações presentes nestes excertos, constituem diferentes critérios que a figura tradutora tem de ter em conta. Por um lado, Ben apresenta sentimentos e emoções extremamente negativas (repulsa, raiva, dor, tristeza), para com as construções masculinas que lhe são dirigidas – algo que é ainda mais visível para a comunidade leitora, tendo em conta o constante acesso e descrição dos pensamentos e emoções na sua narração. Por outro lado, Ben

reconhece que as personagens não-conhecedoras não têm como saber a forma como este tipo de linguagem é afeta, sendo esta uma situação inevitável, a menos que a sua própria identidade de género seja exposta.

Considera-se assim que estes critérios são as bases justificativas para se evitar, sempre quanto possível, uma abordagem de tradução auto. Com efeito, o presente estudo entende que o uso de uma tradução auto seja apenas empregue quando esse for o propósito do texto de partida, de modo a replicar as informações presentes no TP. Não obstante, o texto de chegada acabará sempre por se tornar mais binário aquando destas construções, visto que as regras gramaticais da língua portuguesa exigem a concordância entre os diferentes elementos da frase – o caso das traduções *maldisposto* (p.142-143) e *meu* (p.183) que tornam o TC mais masculino.

4.2. Propostas de Tradução Comentadas

4.2.1. Proposta 1

— E quanto a terminar o liceu este ano? Acha que será possível? – Consigo perceber que o Thomas está a ter cuidado com o uso dos pronomes, ele nem imagina o que isso significa para mim.

— Não temos como saber até recebermos as transcrições e as notas **dele**, mas penso que **ele** vai conseguir. O sistema da nossa escola funciona de maneira semelhante à escola antiga **dele**.

Dele.

Não, não posso reagir. Não, não me posso zangar, ou chatear. Esta foi a minha escolha, por isso, não posso. Pelo menos por agora. (p.33)

Esta primeira proposta situa-se no quarto capítulo da obra, em que Ben está a terminar o processo de se inscrever numa escola nova – a escola onde o marido da sua irmã, Thomas, trabalha como professor. A seguinte passagem reúne, assim, duas personagens conhecedoras (Ben e Thomas) e uma personagem não-conhecedora (a diretora Smith). O uso dos pronomes masculinos é, assim, propositado, visto serem proferidos por uma personagem não-conhecedora, pois esta não teria nenhum motivo para evitar o seu uso. Este excerto dá ainda a conhecer o estado emocional positivo de Ben quando alguém (Thomas) se esforça para respeitar a sua identidade, bem como o estado emocional negativo quando alguém

(Diretora Smith) inadvertidamente usa os pronomes masculinos «ele» e «dele». Desta forma, vejamos-se as seguintes decisões:

Texto de Partida	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Neutra
“Will Ben still be on track to graduate?” (p.33)	Será que o Ben ainda está num bom caminho para se formar?	Será que ê Ben ainda está num bom caminho para se formar?	E quanto a terminar o liceu este ano? Acha que será possível?
No, I can't be angry , or upset . (p.33)	Não, não posso ficar zangado , ou chateado .	Não, não posso reagir. Não, não posso ficar zangade , ou chateade .	Não, não posso reagir. Não me posso zangar , ou chatear .

Quadro nº 5

No primeiro caso, a dificuldade da tradução apresenta-se com a anteposição do artigo definido masculino «o» ao nome de Ben. Este é um desafio recorrente no TP, sendo uma estrutura inevitável de acordo com as regras gramaticais da língua portuguesa. Na obra *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2017), de Celso Cunha e Lindley Cintra, as figuras autorais afirmam que «[o]s nomes próprios de pessoas (de batismo e de família) não levam ARTIGO, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos» (Cunha e Cintra, 2017: 238). Contudo, este é um cenário que não se regista na linguagem corrente:

Na linguagem popular e no trato familiar é muito frequente no Brasil e está praticamente generalizada na linguagem corrente de Portugal a anteposição do artigo definido a nomes de batismo de pessoas, o que lhes dá, como dissemos, um tom de afetividade ou de familiaridade. (Cunha e Cintra, 2017: 239)

Através dos exemplos «Geraldo saiu agora» e «O Geraldo saiu agora» (Cunha e Cintra, 2017: 239), as figuras autorais denotam que a primeira construção só é praticável na grafia da variedade europeia da língua portuguesa, sendo que o primeiro exemplo denota um carácter mais impessoal e o segundo um carácter mais pessoal¹¹⁶. Esta é uma nota importante,

¹¹⁶ No original: «Na primeira (só possível, em Portugal, na linguagem escrita), a pessoa mencionada vem envolta de certa distinção, sentimo-la mais distante. Na segunda, apontamos a pessoa como conhecida dos presentes, como um elemento familiar, caseiro.» (Cunha e Cintra, 2017: 239).

pois demonstra que na língua portuguesa há uma possível abertura para o desuso da anteposição do artigo definido, ou seja, da marcação de género no caso dos nomes de pessoas¹¹⁷.

Todavia, para o caso supramencionado, uma simples estratégia de supressão do artigo não se apresenta como uma solução viável, por diferentes motivos. Em primeiro lugar, por ser prática comum em Portugal, pode-se concluir que, ao serem personagens que, na sua maioria, nunca interagiram com pessoas não-binárias, as personagens conhecedoras sempre empregaram a anteposição do artigo definido no seu dia-a-dia. Deste modo, uma mudança repentina desta convenção teria de ser aplicada à totalidade dos seus atos comunicativos, ou seja, a todas as personagens a quem se dirigissem ou sobre as quais falassem. Como resultado, este cenário poderia levantar algumas questões por parte das restantes personagens. Por um lado, o mesmo poderia ser justificado como uma maior preocupação com a inclusividade, o crescimento da comunidade LGBTI+ e/ou para evitar o uso de uma linguagem considerada sexista. Contudo, se esta mudança só fosse aplicada no que respeita à personagem principal, a mesma estaria a ser distanciada e isolada, pois a identidade de género Ben poderia ser posta em causa. Desta forma, optou-se por uma tradução neutra através de uma explicitação e amplificação do TP. No TC dividiu-se a pergunta em dois segmentos com o uso de uma dupla interrogação. Esta opção acaba por tornar o TC mais enfático do que o TP, mas atendendo à preocupação que Thomas apresenta com a situação de Ben, considera-se a ênfase apropriada.

É de notar que esta solução pode não ser sempre adequada, uma vez que evitar o uso da anteposição do artigo e, conseqüentemente, do nome próprio da pessoa em questão, em todas as situações comunicativas, será virtualmente impossível. Contudo, atendendo à informação que nos é transmitida neste excerto – «I can tell Thomas is watching his pronoun use, which I appreciate more than he probably realizes» (Deaver, 2019:33) – a mesma demonstra que Thomas está a ser metuculoso e cuidadoso no uso da sua linguagem e na sua escolha de palavras. Desta forma, em situações comunicativas em que esta seja a personagem locutora, este é um detalhe importante a ter em conta.

No segundo caso, estamos perante dois pares de adjetivos, «angry» e «upset», que numa tradução literal seriam marcados pelo género masculino com «zangado» e «chateado». É de notar que o termo «upset», que significa «to make someone worried, unhappy, or

¹¹⁷ Para mais especificações sobre o uso do artigo definido na língua portuguesa, veja-se o capítulo «Emprego do Artigo Definido» na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2017).

angry»¹¹⁸, poderia ter sido traduzido com o adjetivo «triste». Com esta solução dar-se-ia uso a um adjetivo de dois géneros, ou seja, a uma palavra de registo neutro na língua portuguesa. Contudo, atendendo às informações presentes no TP, considerou-se que neste contexto, «upset» carrega uma conotação de um maior desconforto, em que Ben «sente ira ou irritação; furioso, zangado» e/ou «descontente, insatisfeito»¹¹⁹, que é assim transmitida pela palavra «chateade» e que reforça ainda mais a ideia de Ben estar «zangade». A proposta opta, assim, por uma tradução queer, ao considerar que se trata de uma frase narrada por Ben, ou seja, onde estu tem a liberdade e privacidade para recorrer a este tipo de linguagem. É de notar que, tendo em conta as emoções de Ben, quer na tradução queer, quer na tradução neutra, inseriu-se uma nova frase no TP, de forma a explicitar e sublinhar o facto de Ben não poder apresentar qualquer tipo de reação. Esta decisão é uma das soluções encontradas, ao remeter para o critério supramencionado de que as questões linguísticas seriam muito mais vincadas na língua de chegada; a inclusão desta frase tem como objetivo tornar esta preocupação mais aparente. Esta técnica pode ser, assim, implementada ao longo da obra, de modo a tornar estes obstáculos linguísticos mais visíveis para a comunidade leitora do TC. Desta forma, para além deste acréscimo, importa referir que a proposta neutra encontrada para esta exemplo, recategoriza os adjetivos do TP, para formas verbais no TC, algo que também preserva conteúdo semântico do enunciado, sendo este o motivo de Ben não poder exibir aquelas emoções.

4.2.2. Proposta 2

— Não te preocupes com isso, **man**... — Ela cala-se imediatamente. — Ben, posso te chamar **mano**? Não devia, pois não? Devia arranjar outra coisa.

Em fóruns online, descobri que **várias pessoas não-binárias** pediam às suas irmãs e irmãos para lhes chamarem de **irmane** ou **mane**. Eu **próprie** gostei das ideias, mas nunca pensei que alguém pudesse usá-**los** comigo.

— **Irmane** ou **mane** funciona. — Digo. — Em vez de **mano** ou assim.

— Ok, parece fácil. Bem, **mane**, não tens de te preocupar em pagar-me de volta, não faz mal. (p.49)

¹¹⁸ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/upset>.

¹¹⁹ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/chateado>.

Situada no sexto capítulo da obra, esta proposta conta com a presença de Ben e da sua irmã Hannah, duas personagens conhecedoras. Embora neste cenário não haja o perigo de se expor a identidade de género de Ben, a mesma implica um uso cuidado da língua por parte de Hannah. Importa referir que estas personagens cresceram juntas, mas estiveram afastadas da vida uma da outra durante 10 anos, e só se voltaram a reunir após Ben ser expulso de casa e precisar de um sítio para viver. Este pode ser um dos motivos pelos quais Hannah terá alguns lapsos na linguagem, algo que se regista neste excerto. A verdade é que, na sua perspetiva, Hannah sempre conheceu Ben como «um irmão», pelo que é compreensível ter um período de adaptação a esta nova realidade. Veja-se, assim, as seguintes possibilidades:

Texto de Partida	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Neutra
I found many enby people asked their brothers and sisters to call them sib , short for “ sibling .” (p.49)	descobri que várias pessoas não-binárias pediam aos seus irmãos e irmãs [-] Não aplicável	descobri que varies enbies pediam aos sues irmanes para lhes chamarem de irmane ou mane .	descobri que várias pessoas não-binárias pediam à sua família para evitarem o uso de uma linguagem binária
I liked the idea myself (p.49)	Eu próprio gostei da ideia,	Eu próprie gostei da(s) ideia(s),	[-] Gostei da ideia,
“ Sib is good” I say. “Instead of bro or whatever.” (p.49)	[-] Não aplicável	— Irmane ou mane funciona. — Digo. — Em vez de mano ou assim.	— Só isso, já ajuda. — Digo. — Em vez de palavras como «mano» ou «irmão»
Sib . Got it. (p.49)	[-] Não aplicável	Irmane ou mane . Percebido.	[-] Ok, parece fácil.

Quadro nº 6

Este excerto oferece um caso interessante, por apresentar uma terminologia explicitamente queer no TP, algo que ocorre em menor número e principalmente através dos pronomes *they* e *them* – sendo que tal também se justifica pelas características inerentes à língua de partida, já supramencionadas. Não obstante, esta terminologia apresenta um desafio

acrescido na sua passagem e manutenção no TC. É por este motivo que, neste excerto, recorreu-se a uma dupla abordagem de uma tradução queer e de uma tradução neutra.

No primeiro caso, o termo «enby»¹²⁰ da língua inglesa é uma alternativa mais curta à expressão «pessoa não-binária», em que a grafia reflete a pronúncia da sigla de «non-binary»¹²¹. Com efeito, não obstante a presença de duas personagens conhecedoras – algo que permite o uso de uma tradução queer – a proposta eleita é uma tradução neutra, ou seja, uma tradução domesticadora, através de uma explicitação do termo «enby» como «não-binárias». Isto, porque a tradução queer opta por um empréstimo direto da língua inglesa. Esta palavra ainda não se regista nos dicionários da língua portuguesa e não pertence ao vocabulário comum da sociedade geral portuguesa – quando muito, esta pode ser entendida como uma gíria da comunidade LGBTI+ portuguesa, mas principalmente no que respeita às próprias pessoas não-binárias. Desta forma, sendo que a abordagem de tradução queer já implica uma estratégia de estranhamento ao recorrer ao uso da neolinguagem, considera-se que a permanência destes dois elementos no TC acabaria por interromper e dificultar ainda mais a sua leitura. No entanto, caso fosse esta a abordagem escolhida no TC, considera-se que o uso de uma nota de rodapé fosse uma boa estratégia para se explicitar aquilo que entende por «enbies». Não obstante, a proposta opta por uma abordagem neutra, através de uma estratégia de explicitação com a expressão «várias pessoas não-binárias».

Já a tradução de «sib», que em inglês é a forma abreviada de «sibling», exigiu uma maior criatividade no TC. Isto, porque ao passo que em inglês quer «sib», quer «sibling» não são marcadas pelo género – sendo a abreviação «sib» uma forma mais carinhosa de tratamento –, em português é necessário recorrer-se à neolinguagem para transmitir esta ideia. Neste sentido, ao invés de se oferecer apenas uma alternativa, atendendo às especificações da língua portuguesa e tendo em vista fornecer um maior leque de possibilidades à comunidade leitora do TC, oferece-se duas opções já existentes no âmbito da neolinguagem com «irmane» e «mane». Com isto em mente, a proposta opta por uma abordagem da tradução queer nas restantes instâncias em que «sib» está presente no TP. É de notar que ao optar-se por uma abordagem de tradução neutra, a manutenção destes termos não seria possível, e esta parte do

¹²⁰ Note-se que a preferência de Deaver pelo uso do termo «enby» ao invés da própria sigla da palavra não-binária [nb], reflete uma preocupação de cariz interseccional, visto que na língua inglesa, a sigla [nb] é adaptada pela comunidade Negra de forma a indicar «[non-black] (people)», ou seja, pessoas não-negras.

¹²¹ De acordo com Ophelia Cassiano, «Enebê é uma pessoa “Não-Binária”. A expressão “enebê(s)” foi criada a partir da pronúncia da sigla “N.B.”. Em inglês a expressão para “Non-Binary” é “Enby” (no singular) e “Enbies” (no plural)» (Cassiano, 2019).

TP teria de ser completamente reformulada de modo a evitar o uso de neologismos e respeitar as regras da língua portuguesa – uma possível reformulação apresenta-se acima no *Quadro nº6*, sendo as principais estratégias usadas a modulação, explicitação, amplificação e supressão.

Acrescenta-se ainda que este excerto comprova e corrobora ainda mais, alguns dos critérios já supramencionados. O facto de Ben usar a expressão «brothers and sisters», ou seja, «irmãos e irmãs», quando a opção neutra da língua inglesa «sibling(s)» está disponível, é uma escolha interessante da parte de Deaver, por recorrer ao uso de uma linguagem binária. Desta forma, verifica-se que apesar de Ben ser uma pessoa não-binária é mesmo tem de desconstruir o uso da sua linguagem, que para além de ser binária, privilegia também o masculino – é de notar que uma tradução não-sexista/feminista, passaria por uma modulação em que a ordem destas expressões binárias seria invertida, de modo a dar destaque ao termo feminino com «irmãs e irmãos». A abordagem neutra a este problema recorre ao uso da palavra «família» que, embora mantenha o campo semântico da existência de uma relação familiar, o tipo de relação específica que é estabelecida no TP deixa de ser explícita no TC.

4.2.3. Proposta 3

— Oh. — Ouço o som distinto de uma caneta a ser clicada e, depois, de algo a ser escrito. Ao abrir os meus olhos devagarinho, vejo-a a mexer-se. Ela não parece surpreendida, ou horrorizada, ou como se ela não me tivesse percebido ou como se não soubesse do que é que eu estava a falar. — A Hannah mencionou que eu **trabalho com a juventude LGBTQIAP+**?

Aquele buraco no meu estômago continua lá, mas consigo sentir as minhas mãos a relaxar.

— Pode dizer “queer” ao pé de mim, não faz mal.

Ela ri com a minha resposta.

— Desculpa, há **clientes** que não se sentem confortáveis com essa palavra. Então, tu és **não-binária**? — Aceno que sim com a cabeça. — Posso perguntar quais são os pronomes que usas?

— **Elu e delu** — digo. — Por algum motivo, ainda é estranho quando me fazem esta pergunta. (p.59)

Após analisar diferentes momentos da obra, torna-se claro que Ben é a primeira pessoa não-binária com a qual a maioria das personagens interage; a única exceção é a psiquiatra de Ben, a Dra. Taylor. Neste sentido, entendeu-se que analisar o momento em que Ben partilha a sua identidade de género com a Dra. Taylor fosse importante no presente trabalho. Nesta passagem, vemos assim que Ben recebe a reação da Dra. Taylor, mas que a mesma aborda o tema confortavelmente. Através da sua profissão, a Dra. Taylor tem a possibilidade de interagir com diferentes pacientes da comunidade LGBTI+, pelo que se pode assumir que a mesma tem acesso a conhecimentos e a estratégias mais educativas para abordar temáticas relacionadas com esta comunidade, nomeadamente no que toca ao tipo de linguagem que deve ser usada. O facto de a mesma saber as possíveis conotações negativas da palavra «queer» e optar por não usar esta palavra – embora Ben sublinhe que «queer» não é ofende – de não ter tido uma reação visível ao aprender esta informação sobre Ben e de imediatamente perguntar os pronomes que Ben prefere, são diferentes fatores que corroboram esta suposição. Neste excerto, sublinham-se assim quatro expressões diferentes para as quais importa analisar o processo de tradução, sendo que as mesmas poderiam gerar diferentes decisões:

Texto de Partida	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Neutra
I work with a lot of LGBTQIAP+ youth (p.59)	eu trabalho com muitos jovens LGBTQIAP+	eu trabalho com muites jovens LGBTQIAP+	eu trabalho com a juventude LGBTQIAP+
a few of my clients (p.59)	alguns dos meus clientes	algumes des minhes clientes	há clientes
So, you're nonbinary? (p.59)	Então, és não- binário?	Então, és não- binárie?	Então, és uma pessoa não-binária?
They and them	[-] Não Aplicável	Elu e delu	[-] Não Aplicável

Quadro n.º 7

Neste caso, o facto de a situação comunicativa envolver duas personagens conhecedoras, sendo que a experiência e o conhecimento da Dra. Taylor fazem com que esta seja uma das personagens com maior conhecimento desta temática, permite o uso de uma abordagem de tradução completamente queer. Contudo, tal como na Proposta 3, este excerto recorre ao uso de uma dupla abordagem. Esta decisão justifica-se por diferentes motivos. Em

primeiro lugar, enquanto psicóloga, entende-se que a Dra. Taylor procuraria criar um ambiente confortável e acolhedor para Ben se sentir à vontade. Para além disto, sendo esta a primeira sessão de Ben, a Dra. Taylor não sabe qual o tipo de linguagem que Ben prefere nem se estu tem conhecimento de o tipo de linguagem associada a este tipo de pessoas. Ademais, entende-se que esta situação é também um momento informativo e educacional não só para é próprio Ben, mas também para as comunidades leitoras, principalmente para a comunidade leitora do TC. Assim, nos primeiros dois casos, as palavras «youth» e «a few of my clients» referem-se a entidades plurais e diversas – que podem englobar pessoas de diferentes identidades de género – pelo que se optou por uma abordagem de tradução neutra. A estratégia usada é uma modulação em que a perspetiva deixa de recair sobre as pessoas individuais e constituintes da comunidade LGBTI+, para a comunidade LGBTI+ no seu todo. Já no terceiro caso usa-se uma supressão, em que o verbo «haver» no sentido de «existir», permite uma manutenção do significado do TP, em que o facto de existirem clientes que não se sentem confortáveis com a palavra «queer» permanece no TC.

Já no terceiro caso optou-se por uma abordagem de tradução queer, por esta ser uma frase direcionada a Ben, ou seja, a uma entidade específica, acerca da qual a comunidade leitora tem o conhecimento específico de ser uma pessoa não-binária. Esta abordagem permite tornar visível a identidade de género de Ben, nomeadamente através da partilha da informação dos seus pronomes preferidos. Neste âmbito, importa referir outra suposição que a figura tradutora tem de estabelecer, uma vez que não há forma de saber quais seriam os pronomes preferidos por Ben na língua portuguesa. No presente estudo, como já anteriormente referido, o uso do sistema elu/delu foi eleito por se estar a vir a estabelecer como um dos principais sistemas de pronomes neutros na língua portuguesa. Contudo, este sistema não é o único que apresenta propostas de pronomes neutros, e Ben – se aparecesse numa ficção portuguesa – poderia preferir outro sistema. Esta é, novamente, uma informação que poderia constar de uma nota de rodapé, de modo a dar conhecer à comunidade leitora do TC estas outras opções, de modo a promover uma Consciência/Comunidade Queer (CQ).

Com este capítulo procurou-se estabelecer as diferentes preocupações, considerações e desafios que este tipo de temática pode suscitar no ato tradutório, principalmente atendendo às características linguísticas das línguas em estudo. Além disto, estabelecer os parâmetros e critérios de análise, bem como as diferentes abordagens de tradução e as justificações subjacentes a cada um destes elementos entendeu-se como um fator de importância acrescida, para melhor fundamentar a análise tradutória.

5. Análise dos Casos de Tradução

Atendendo aos parâmetros e critérios estipulados anteriormente, o presente capítulo visa apresentar uma variedade de casos representativos das diferentes abordagens e estratégias de tradução, bem como relacionar estas decisões práticas com as bases teóricas previamente discutidas. Deste modo, serão apresentadas tabelas distribuídas de acordo com os quatro cenários delineados no último capítulo e a sua respetiva análise. É de notar que esta análise dos casos práticos só será aprofundada no que respeita às soluções encontradas através de uma abordagem de tradução neutra, por esta dar uso a um maior leque de estratégias de tradução. Desta forma, procurar-se-á refletir sobre os resultados deste processo tradutório, ao relacioná-los com as diferentes contribuições teóricas mencionadas ao longo deste trabalho, nomeadamente sobre as questões de género e de linguagem, bem como da viragem cultural, tradução ativista, tradução feminista e tradução queer.

5.1. Análise dos Casos

5.1.1. Narração de Ben

Nesta primeira secção apresentam-se alguns dos casos retirados da narração de Ben e as diferentes abordagens de tradução, referentes à tradução de palavras neutras no texto de partida que envolvem uma marcação de género (masculino) no texto de chegada, bem como as observações mais relevantes e decorrentes deste cenário.

Texto de Partida	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Neutra
to be respected and seen , to be called the right pronouns? (p.26)	ser respeitado e visto , ser chamado pelos pronomes certos?	ser respeitada e viste , ser chamada pelos pronomes certos?	que te respeitassem , que te vissem e que te chamassem pelos pronomes certos?
I'm used to it by now. (p.29)	Já estou habitado .	Já estou habitada .	Já sei o que é que a casa gasta.
I'm getting antsy , (p.30)	Estou a ficar ansioso ,	Estou a ficar ansiosa ,	Estou a ficar com ansiedade ,
but really it just made me mad .	mas, na verdade, apenas me deixou	mas, na verdade, apenas me deixou	mas, na verdade, só me fez sentir pior.

(p.51)	zangado.	zangade.	
I'm just stressed out, about this appointment. (p.54)	Estou apenas stressado com esta consulta.	Estou apenas stressade com esta consulta.	É esta consulta que está a deixar-me com os nervos à flor da pele.
Jesus, what if he thinks I'm some weird stalker? (p.109)	Jesus, e se ele pensar que eu sou um perseguidor esquisito?	Jesus, e se ele pensar que eu sou ume perseguidore esquisite?	Jesus, e se ele pensar que eu tenho uma panca por ele?
Was I that obvious? (p.164)	Fui assim tão óbvio?	Fui assim tão óbvie?	Dei assim tanto nas vistas?
Shit, I'm already late. (p.181)	Merda, já estou atrasado.	Merda, já estou atrasade.	Merda, ele já deve estar à minha espera.
I just lie there, under the sheets (p.239)	Só fico ali deitado, debaixo dos lençóis	Só fico ali deitade, debaixo dos lençóis	Deito-me ali, debaixo dos lençóis
I don't know why I'm shocked	Não sei porque é que estou chocado.	Não sei porque é que estou chocade.	Não sei porque é que isto me surpreende.
No way I'm flying to Los Angeles red as a lobster. (p.293)	Nem pensar que vou viajar para Los Angeles vermelho como uma lagosta	Nem pensar que vou viajar para Los Angeles vermelhe como uma lagosta	Nem pensar que vou viajar para Los Angeles com uma queimadura.

Tabela 1.

Dado que estes momentos não são propriamente representativos de uma situação comunicativa, mas sim de uma realidade pessoal e individual do subconsciente de Ben no contexto da sua narração, este é o único cenário em que uma abordagem de tradução queer pode ser a única abordagem aplicada. É importante salientar que, neste trabalho, aquilo que se constitui como uma abordagem de tradução queer consiste no uso único e constante da neolinguagem, o que leva a que nesta abordagem se encontrem os maiores casos do recurso a neologismos (Tarif, 2015). A mesma é aplicada de acordo com o sistema e as regras gramaticais associadas ao sistema elu/delu da variante brasileira da língua portuguesa, proposta por Ophelia Cassiano (2019) e a sua respetiva adaptação à variante europeia por

Pedro Valente (2020). É de notar que estes neologismos (neolinguagem) se encontram numa fase inicial do seu uso e difusão, visto que a sua prática é ainda maioritariamente circunscrita às próprias pessoas que beneficiam deste tipo de linguagem. Como consequência, este tipo de linguagem ainda não é reconhecido pela sociedade em geral, nem pelos demais dicionários da língua portuguesa. Por este motivo, embora estes neologismos não tenham sido soluções originadas a partir deste ato tradutório, o seu estatuto enquanto neologismo mantém-se, sendo os mesmos representativos de escolhas já adotadas por diferentes pessoas não-binárias – não só na comunidade brasileira, mas também na comunidade portuguesa – pelo que foi essencial reconhecer estes contributos. Esta posição justifica-se não só por se alinhar com o objetivo do presente estudo, mas também com o intuito de se contribuir para uma maior visibilidade destas soluções já eleitas por várias pessoas desta comunidade. Ademais, acredita-se que não só o seu uso mas também as diferentes fundamentações e observações resultantes deste projeto podem contribuir para um debate produtivo e eventualmente, para uma abertura da sociedade portuguesa à adoção deste tipo de linguagem.

No entanto, não se pode negar o facto de que, em virtude do seu carácter inovador e criativo, não só o uso desta neolinguagem, mas também a abordagem de tradução queer enquanto representativa da linguagem não-binária na língua portuguesa, refletirem as diferentes observações apresentadas por Venuti, principalmente no que respeita à estratégia de estranhamento no processo tradutório. Com efeito, reconhece-se que o uso desta abordagem, bem como da neolinguagem, independentemente do público-alvo desta obra na comunidade leitora de chegada – pessoas não-binárias, pessoas da comunidade LGBTI+, pessoas jovens e/ou as demais demografias que possam demonstrar interesse nesta obra – terá sempre a possibilidade de causar dificuldades, entraves e constrangimentos de leitura. Contudo, tendo em vista uma Consciência/Comunidade Queer (CQ) considera-se também que o uso recorrente desta abordagem poderá permitir uma maior familiaridade e facilidade de leitura deste tipo de linguagem. Por conseguinte, a adoção desta linguagem por parte da comunidade leitora duma eventual versão traduzida da obra, bem como da sua disseminação por meio da interação verbal e em comunidade, são alguns dos possíveis desfechos do uso deste tipo de abordagem de tradução queer.

5.1.2. Discurso Direto – Personagens Conhecedoras

Nesta secção sucedem-se os casos representativos de uma situação comunicativa na qual todas as personagens partilham o estatuto de personagens conhecedoras. Por conseguinte, serão analisadas as soluções que procuram evitar uma linguagem binária no TC.

Texto de Partida	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Neutra
Well, no, you're an adult , technically. (p.26)	Bem, não, já és um adulto , tecnicamente.	Bem, não, já és ume adulte , tecnicamente.	Bem, não, tecnicamente já és maior de idade .
You're my patient [...] (p.60)	És o meu paciente [...]	És ê minhe paciente [...]	Eu sou a tua psicóloga, e enquanto tua psicóloga [...]
I just wanted to talk about a few things regarding Ben's appointments . (p.63)	Queria apenas discutir alguns detalhes em relação às consultas do Ben.	Queria apenas discutir alguns detalhes em relação às consultas de Ben.	Queria apenas discutir alguns detalhes sobre as próximas consultas. [-]
I told him I didn't think you were mad at him or anything. (p.76)	Eu disse-lhe que achava que não estavas zangado com ele nem nada.	Eu disse-lhe que achava que não estavas zangade com ele nem nada.	Eu disse-lhe que achava que não havia problemas entre vocês .
I know you're taller than I am (p.132)	Sei que és mais alto do que eu	Sei que és mais alte do que eu	Sei que sou mais baixa do que tu
All by yourself . (p.167)	Sozinho .	Sozinhe .	Sem ajuda de ninguém .
how bitter I am (p.174)	o quão amargo estou	o quão amargue estou	a amargura que ainda sinto.
You seem spacey tonight. (p.176)	Pareces distraído esta noite.	Pareces distraíde esta noite.	Parece que estás com a cabeça na lua
You're our child (p.195)	És o nosso filho	És ê nosse filhe	Somos os teus pais

Ben and I discussed it at our last meeting. (p.246)	Eu e o Ben discutimos o assunto na nossa última reunião.	Nós discutimos o assunto na nossa última sessão.	Nós discutimos o assunto na nossa última sessão.
Can't promise you I'll be a good tour guide (p.265)	Não posso prometer que serei um bom guia turístico	Não posso prometer que serei ume boe guia turístique	Não prometo fazer uma boa visita guiada.
The last time I was brave (p.268)	A última vez que fui corajoso,	A última vez que fui corajose,	Da última vez que tive coragem,
You're totally friends with a famous person. (p.279)	És totalmente amigo com uma pessoa famosa.	És totalmente amigue com uma pessoa famosa.	És totalmente unha com carne com uma pessoa famosa.

Tabela 2.

Tendo em conta a presente situação comunicativa – discurso entre apenas personagens conhecedoras – defende-se que a tradução auto constitui-se como a única abordagem de tradução inadequada. De acordo com os critérios já estabelecidos, bem como os desejos de Ben, embora a linguagem não-binária não seja do conhecimento e uso comum da maioria destas personagens, considera-se que as mesmas evitariam por completo o uso de uma linguagem binária. Neste sentido, não obstante um processo de adaptação que esta mudança linguística e social possa implicar, parte-se do princípio de que as personagens conhecedoras passem a ter uma maior atenção e cuidado no seu discurso. Em virtude deste novo conhecimento, considera-se que as mesmas tentem evitar o uso de uma linguagem marcada pelo género (masculino), com o intuito de estabelecerem um ambiente no qual Ben se sinta confortável e em segurança. Por este motivo, quer uma tradução queer, quer uma tradução neutra, são abordagens viáveis neste tipo de situação comunicativa.

Contudo, ao optar-se apenas por uma abordagem neutra, importa reconhecer que esta implica o uso de soluções mais complexas, desafiantes e criativas para a figura tradutora no que respeita à manutenção do significado do TP em simultâneo com a tentativa de se evitar uma marcação de género (masculino) no TC. Além do mais, esta tarefa requer uma atenção acrescida às informações que Deaver transmite no TP, de modo a comprovar e/ou interpretar as diferentes reações que as personagens apresentam durante este período de adaptação e do

uso de uma linguagem não-binária. Quando tal informação não for clara, a figura tradutora passa a ser responsável por definir os comportamentos das personagens nestes diferentes cenários, mediante o desafio de se evitar o uso de uma linguagem binária, sem que a identidade de género de Ben seja posta em causa. Se a figura tradutora não dedicar a atenção necessária aos diferentes cenários, critérios e parâmetros supramencionados, bem como às ideologias dominantes da cultura de chegada e daquelas presentes no seu subconsciente (sendo possível que ambas sejam da mesma índole) a própria pode acabar por maldenominar Ben, através do produto tradutório. Como consequência, quer tal aconteça de forma (in)consciente ou não, a comunidade leitora que só tem acesso ao TC, não poderá comprovar quem foi responsável por esta maldenominação. Esta situação pode resultar em diferentes julgamentos de valor, não só das próprias personagens, como de própria Mason Deaver e da própria figura tradutora. É por este motivo que uma nota da figura tradutora no início da obra, que indique de forma clara que este se pode constituir como um cenário inevitável atendendo às dificuldades de tradução entre as duas línguas em estudo, é também uma boa estratégia.

No caso da página 26, o significado do TP é amplificado de modo a evitar a marcação de género transmitida pela tradução literal «adulto», uma vez que se recorre a um maior número de palavras para reexpressar a ideia daquilo que significa ser adulto, ou seja, «ser maior de idade». É de notar que a idade de Ben é indicada na página 24 (18 anos) e que, por conseguinte, o uso de «adult» não remete para um sentido figurado – algo que poderia implicar uma estratégia de explicitação, se a idade de Ben não fosse do conhecimento da comunidade leitora – mas sim para o sentido literal de que Ben já tem a idade legal, ou seja, já pode ser responsável por tomar as suas próprias decisões. Desta forma, tendo em conta o contexto da frase na obra, a solução encontrada permite uma manutenção do significado entre o TP e o TC.

Já a abordagem de tradução neutra proposta no caso da página 76 requer uma maior atenção. Tendo em conta o significado do enunciado do TP, a emoção exata «mad» passa a ser explicitada/amplificada no TC. Desta forma, entende-se que se Ben estava zangado com alguém (neste caso, Nathan), a esta emoção está subentendida uma eventual «existência de problemas», entre as duas personagens. Com efeito, o uso do verbo «haver» no TP acarreta a aceção de «existir», de modo a transmitir esta ideia. É de notar que esta solução está dependente do contexto em que se insere, uma vez que uma «existência de problemas» pode desencadear diferentes emoções e não só a emoção «mad». Não obstante, tendo em conta que Thomas, o locutor do enunciado, refere na mesma página que Nathan «was wondering what

he did to offend you» (p.76) julga-se que a palavra «offend», que transmite um valor mais ambíguo («to cause to be upset or to hurt the feelings of someone, esp. by being rude or showing a lack of respect»)¹²² pode ser um elemento justificativo para supressão da emoção exata de «mad» no TC.

No caso da página 167, o significado semântico literal de «All by yourself» transmite-se apenas através do significado de «sozinho». Desta forma, de modo a evitar esta marcação de género, optou-se por explicitar aquilo em que consiste este «sozinho» no contexto da obra. Neste caso, Hannah oferece-se para pintar as unhas de Ben, ao que ele responde que «It can't be that hard» (p.165), ou seja, Ben insinua que esta não é uma tarefa difícil. Neste sentido, já que Ben considera esta uma tarefa fácil, Hannah sugere que ele o faça «sozinho», ou seja, «sem ajuda de ninguém». Através desta estratégia mantém-se, assim, não só o significado do TP, como também a transmissão desta relação de picardia entre as duas personagens.

A modulação foi a estratégia base dos casos das páginas 60, 132, 195 e 265. No primeiro caso, a locutora da frase do TP, a Dra. Taylor, foca-se no papel de Ben enquanto paciente, ao passo que no TC a mesma passa a focar-se na sua própria profissão e função enquanto psicóloga de Ben. Ademais, para reforçar esta ideia, o TC apresenta uma construção mais elaborada visto que opta pela repetição desta afirmação «eu sou a tua psicóloga, e enquanto tua psicóloga», algo que acaba por amplificar o significado do TP. Desta forma, embora no TC se perca o detalhe de que a Dra. Taylor está a colocar Ben em primeiro lugar, o facto de, neste enunciado, a mesma estar a reforçar a ideia de que não irá, em momento algum, partilhar o conteúdo das sessões de Ben com outras pessoas, é elemento justificativo para que esta opte por esta estrutura. Com efeito, no TC há uma maior assertividade da Dra. Taylor enquanto psicóloga e profissional, mas tal justifica-se para assegurar Ben de que tudo o que irão discutir permanecerá na privacidade do consultório.

Uma situação semelhante acontece no caso da página 195, uma vez que a perspetiva deixa de recair sobre a designação de Ben enquanto «our child» e passa a recair sobre o papel e a identificação dos pais nesta relação. Não obstante a relação familiar que é estabelecida quer no TP quer no TC permanecer a mesma, o TC acaba por perder este elemento de uma tentativa de ligação entre Ben e os seus pais, sendo que o uso de «our child» pode ser interpretado como uma expressão de nostalgia, que remete Ben para a sua infância, ou seja,

¹²² <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/offend>.

quando ainda era criança, uma época em que a relação entre estas personagens não era complicada nem apresentava problemas.

Já no caso da página 132, usa-se um antónimo de modo a preservar o conteúdo semântico do TP, sendo este o facto de a pessoa locutora estar a comparar a sua altura com a altura de Ben e de esta reconhecer o seu tamanho em comparação com Ben. Neste exemplo, não se considera que esta mudança de perspetiva teça diferentes conotações e/ou interpretações no TC, sendo esta uma boa solução de manutenção de significado. Por fim, no caso da página 265, traduzir «a good tour guide» na tradução neutra apresentada retira a qualidade específica de Ben ser «ume boe guia turístique» e passa a focar a tenção na sua capacidade/ação de realizar uma boa visita guiada. A troca do verbo de estado «ser» para o verbo de ação «fazer» permite esta alteração de uma qualidade atribuída a Ben vs. a possibilidade de Ben praticar esta ação com sucesso.

A supressão regista-se no caso da página 63, sendo que ao remover-se o nome próprio de Ben, a solução do TC se torna menos específica. Contudo, para compensar este detalhe usa-se o adjetivo «próximas», pelo que a informação de que as «próximas consultas» são as consultas de Ben, passa a estar subentendida. Desta forma, há uma perda dos constituintes explícitos do TP, mas os mesmos permanecem no TC de forma implícita. Também no caso da página 246, suprime-se o sujeito composto de «Ben and I». Contudo, o mesmo permanece, uma vez que se encontra representado no TC através do pronome pessoal da primeira pessoa do plural «Nós». É de notar que este pronome não deixa de ser opcional no TC, pelo que se pode optar, assim, quer por uma supressão parcial, quer por uma supressão total. Tal como no último caso, perde-se a informação explícita de quem são as pessoas exatas que estão a ser discutidas, mas mediante o contexto em que as personagens estão inseridas essa mesma informação é clara.

A estratégia primária de recategorização reflete-se nos casos das páginas 174 e 268. Na primeira instância, o adjetivo «bitter» que significa alguém que «is angry and unhappy because they cannot forget bad things that happened in the past»¹²³ foi recategorizado para o nome «amargura» que num sentido figurado representa uma ideia e uma sensação de «tristeza; mágoa; aflição, angústia»¹²⁴. A adição da construção «que ainda sinto» reflete que esta é uma emoção que Ben está a sentir, pelo que ocorre uma manutenção do estado emocional de Ben na passagem do TP para o TC. Já no último caso, o adjetivo «brave», que

¹²³ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/bitter>.

¹²⁴ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/amargura>.

significa «showing no fear of dangerous or difficult things»¹²⁵, passou para a categoria de nome, com «coragem», que significa «bravura face a um perigo; força moral ante um sofrimento ou revés»¹²⁶. Não obstante o uso de a palavra coragem ter a possibilidade de transmitir uma ênfase mais explícita ao remeter para o ato de «ter coragem», considera-se que o significado da frase permanece o mesmo.

Nos casos das páginas 176 e 279 temos o uso de expressões idiomáticas de forma a evitar a marcação de género. De acordo com o *Cambridge Dictionary*, o adjetivo «spacey»¹²⁷ remete para a expressão «spaced out»¹²⁸ que no TP é usada na aceção de «not aware of or paying attention to what is happening around you». Desta forma, com o intuito de manter um registo informal no TC, considerou-se que a expressão idiomática «com a cabeça na lua» seria uma boa aposta visto que preserva o sentido semântico de «não se estar a prestar atenção» (a pessoa está distraída). Ademais, sendo que «spacey» remete para o termo «space», ou seja, «espaço», o uso de «cabeça na lua», que acaba por remeter para a ideia de «cabeça no espaço», permite a manutenção do campo lexical em que quer o TP quer o TC apresentam uma terminologia relacionada com o campo da astronomia/universo. Embora se suprima o detalhe de ser só «tonight», considera-se que o uso da forma verbal «estás» (segunda pessoa do singular do presente indicativo do verbo estar) preserva também esta ideia temporal imediata. Já no caso da página 279, a palavra «friends» que implica o uso do masculino plural no TC (uma vez que se presume que as duas personagens são dois rapazes), substitui-se pela expressão «unha com carne» que significa «ser íntimo de alguém»¹²⁹. Esta estratégia torna o TC mais doméstico e familiar para a sua comunidade leitora, para além de adicionar um novo nível de intimidade, visto que nem todas as amigas podem ser consideradas «unha com carne». Contudo, uma vez que a amizade em questão é entre Ben e a sua melhor amiga Mariam, considera-se que usar esta expressão não altera em demasia a informação fornecida no TC.

¹²⁵ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/brave>.

¹²⁶ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/coragem>.

¹²⁷ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/spacey>.

¹²⁸ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/spaced-out>.

¹²⁹ <https://dicionario.priberam.org/unha>.

5.1.3. Discurso Direto – Personagens Conhecedoras na presença de Personagens Não-Conhecedoras

A seguir, apresenta-se a situação comunicativa de discurso direto em que as personagens conhecedoras (incluindo o próprio Ben) se encontram na presença das personagens não-conhecedoras. Neste caso, há um condicionamento e uma limitação do uso da linguagem tanto para as personagens conhecedoras – no seu discurso – como para a figura tradutora – nas suas escolhas de tradução.

Texto de Partida	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Neutra
I promise, just tired . (p.8) *AMP	Prometo que sim, só estou cansado .	Prometo que sim, só estou cansade .	Prometo que sim, é só cansaço .
Hey, Nathan, just helping Ben with something. (p.32)	Olá, Nathan, estou só a ajudar o Ben com algumas coisas.	Olá, Nathan, estou só a ajudar ê Ben com algumas coisas.	Olá, Nathan, estou só a ajudar [-] com umas coisas.
Ben's a smart kid (p.33)	o Ben é um miúdo inteligente.	ê Ben é ume miúde inteligente.	Inteligência não lhe falta
You need a tutor ? (p.89)	Precisas de um tutor ?	Precisas de ume tutore ?	Precisas de alguém que te ajude ?
You're going to think I'm weird . (p.110)	Vais achar que sou esquisito .	Vais achar que sou esquisite .	Vais achar que eu tenho um parafuso a menos .
I wasn't invited ? (p.129)	Não fui convidado ?	Não fui convidade ?	Ninguém me convidou ?
I'm pretty much lost without wi-fi (p.180)	Fico praticamente perdido sem wi-fi	Fico praticamente perdide sem wi-fi	Quando não tenho wi-fi, parece que fico sem saber o que fazer .
So we get to sit here for an hour and wait? (p.182)	Então temos de ficar sentados aqui durante uma hora à espera?	Então temos de ficar sentades aqui durante uma hora à espera?	Então temos de ficar aqui durante uma hora à espera?
Are you a friend of	És um amigo do	És um amigo de	Vocês são colegas ?

Ben's? (p.213)	Ben?	Ben?	
Ben and my husband have talked about you quite a bit. (p.227)	O Ben e o meu marido têm falado muito de ti.	Ê Ben e o meu marido têm falado muito de ti.	Tenho ouvido falar muito de ti.
We thought that you'd be a little more understanding . (p.236)	Pensávamos que serias um pouco mais compreensivo .	Pensávamos que serias um pouco mais compreensive .	Pensávamos que ias compreender melhor .
I'm not that good at bowling. (p.260)	Não sou assim tão bom a jogar bowling.	Não sou assim tão boe a jogar bowling.	O bowling não é bem a minha cena .
the reason I was kicked out of my home (p.273)	a razão pela qual fui expulso de minha casa	a razão pela qual fui expulse de minha casa	a razão pela qual me expulsaram de minha casa

Tabela 3.

Atendendo à presente situação comunicativa – discurso entre personagens conhecedoras na presença de personagens não-conhecedoras – considera-se que uma abordagem de tradução neutra é a única solução viável. Tal justifica-se por ser a única abordagem que permite evitar uma linguagem binária (tradução auto) e uma linguagem não-binária (tradução queer). Por outras palavras, entende-se que o objetivo das personagens conhecedoras nesta situação comunicativa é o de simultaneamente evitar a marcação de género masculino e o de não tornar pública a identidade de género de Ben. É neste sentido que se pode afirmar que, ao adotarem este tipo de abordagem neutra na sua forma de pensar e discurso, as próprias personagens são também figuras tradutoras por estarem a praticar um processo de tradução intralinguística, mediante a tentativa de reformularem os seus enunciados.

Contudo, não obstante este objetivo, é preciso sublinhar o facto de que a maioria destas personagens conhecedoras (excetuando a Dra. Taylor e Mariam) estão a passar por um período de adaptação. Por este motivo, uma interpretação possível é de que as mesmas não tenham uma capacidade de adaptação linguística suficiente para conseguirem reconstruir todas as frases binárias da língua portuguesa, e/ou de não terem o tempo de resposta necessário para esta tarefa. Como consequência, as mesmas podem hesitar, gaguejar e/ou

interromper o seu discurso bruscamente, sendo que estas reações podem abrir caminho para a eventual criação de enunciados com construções binárias, não obstante a intenção da figura interlocutora. Embora este cenário também seja passível de acontecer na situação comunicativa anterior (Tabela 2), na presente situação comunicativa, o mesmo acarreta consequências muito mais graves. A razão prende-se com o seguinte: na perspetiva das personagens não-conhecedoras, estes entraves súbitos, para além de confusos, podem suscitar diferentes questões no que respeita à identidade de género de Ben – nomeadamente que a mesma seja posta em causa, ou até exposta. Desta forma, apesar de este cenário não se verificar no TP, entende-se que esta ocorrência se poderá manifestar no TC, principalmente quando a figura tradutora não encontrar uma solução que permita uma manutenção satisfatória do significado do TP. Esta incompatibilidade entre as línguas regista-se em casos que envolvem pronomes da terceira pessoa de plural e palavras que indiquem coletivos plurais que se refletem na língua de chegada através de formas pronominais masculinas como ele/dele e do masculino plural. Contudo, como se irá verificar a partir dos casos tradutórios na Tabela 3, é possível encontrar algumas formas de contornar esse desafio linguístico – embora o significado do TP possa ser ligeiramente alterado. Para além disto, tendo em conta as diferentes reações negativas que Ben apresenta quando é maldenominado, tentar evitar o uso de construções binárias no TC é de importância acrescida. Esta é uma particularidade importante, pois além de evitar maldenominar a personagem quando tal não reflita as construções do TP, entende-se que evitar a marcação de género masculina sempre que possível permite que o impacto das reações de Ben na comunidade leitora do TC seja ilustrativo e representativo daquele que a comunidade leitora do TP teve a oportunidade de experienciar. Por este motivo, entende-se que as possíveis falhas de manutenção de significado resultantes de uma abordagem de tradução neutra são necessárias, atendendo a esta condição.

Nos casos das páginas 8 e 236 optou-se por uma estratégia de recategorização. Com efeito, o adjetivo «tired» que significa «in need of rest or sleep»¹³⁰ foi substituído pelo nome «cansaço» que aponta para uma sensação de «fadiga; esgotamento»¹³¹. Já o adjetivo «understanding» que significa «[a]n understanding person who has the ability to know how other people are feeling, and can forgive them if they do something wrong»¹³² alterou-se para

¹³⁰ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/tired>.

¹³¹ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cansa%C3%A7o>.

¹³² <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/understanding>.

a forma verbal «compreender» na aceção de «entender as atitudes de alguém»¹³³. No primeiro caso, enquanto o TP dá uso de um adjetivo para descrever o estado emocional de Ben, no TC perde-se esta qualidade descritiva e específica ao optar-se por uma perspetiva mais impessoal, em que «cansaço» surge apenas enquanto representativo do próprio estado. Contudo, ao considerar a frase no seu todo, «I promise, just tired», a promessa feita por Ben indica que é mesmo não quer preocupar a outra personagem com o seu cansaço, pelo que tornar esta frase mais impessoal reforça também esta ideia. Já no segundo caso, há uma ligeira perda semântica em que a descrição e qualidade de «understanding» dirigida a Ben no TP se limita apenas a indicar a ação que é esperada desta personagem, de «compreender» o que está a ser dito.

Nos casos das páginas 32 e 182 optou-se por uma supressão de elementos do TP. No primeiro caso, suprimiu-se o nome próprio de Ben, de modo a evitar a anteposição do artigo masculino. Esta supressão resulta numa perda de informação que acaba por tornar o TC mais genérico, visto que se apaga a informação específica de que é Ben que está a precisar de ajuda com alguma coisa. Porém, a decisão não afeta a comunidade leitora, visto que esta informação está clara mediante o contexto em que se insere, sendo apenas a personagem de Nathan que não aprende esta informação de uma forma explícita. No segundo caso, ao recorrer a uma tradução literal de significado, verifica-se que a concordância que se estabelece entre o pronome pessoal da primeira pessoa do plural «we» e o verbo «sit» no TP implica o uso direto do masculino plural no TC através da forma verbal «sentados». Contudo, considera-se que esta supressão não altera o TC de forma significativa, pois, quer se sentassem, quer ficassem de pé, a questão principal da frase recai sobre a quantidade de tempo que as personagens têm de ficar à espera. Ademais, para além de as personagens continuarem de pé após esta frase ser pronunciada, ao verificar-se que num momento anterior a esta frase as mesmas estão a tentar «to get the good seats» (p.182) – ou seja, o facto de estarem à procura de um sítio para se sentarem já está subentendido – considera-se que esta solução não prejudica a comunidade leitora, ao mesmo tempo que evita a marcação de género.

Nos casos das páginas 33, 110 e 260, recorre-se como estratégia primária ao uso de expressões fixas de um registo mais informal e familiar no TC. No primeiro caso, a abordagem de uma tradução auto implicaria o triplo das marcações de género masculinas no TC, pelo que uma reformulação completa da frase foi a única opção encontrada para uma

¹³³ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/compreender>.

abordagem de tradução neutra. Com efeito, a expressão fixa «inteligência não lhe falta» dá uso a uma expressão mais próxima e familiar da comunidade leitora do TC, para além de inserir uma nova estrutura de múltipla negação no TC – que é usada para afirmar a frase e não para a negar. Desta forma, embora sejam vários os elementos adicionais, o conteúdo semântico de «Ben ser inteligente», preserva-se no TC. Já no caso da página 110, o adjetivo «weird» que significa «very strange and unusual, unexpected, or not natural»¹³⁴ remete para o contexto de Ben ter desenhado Nathan sem o seu conhecimento e autorização. Por este motivo, Ben considera que há uma possibilidade de Nathan achar esta ação «weird». Ora, atendendo a este contexto, considera-se que a expressão «ter um parafuso a menos» que significa «ser ou parecer maluco, apresentar comportamentos completamente irracionais» (Almeida, 2023: 256), reforça ainda mais a ideia de Ben considerar a sua ação como algo esquisito, irracional. Desta forma, embora a estrutura frásica se altere, o conteúdo semântico do TP, para além de ser preservado, é reforçado no TC. Por fim, no último caso, o significado do adjetivo «good» na aceção de «successful, or able to do something well»¹³⁵, mas na sua conotação negativa, torna-se menos explícito com a abordagem da tradução neutra. Ao optar pela expressão «não é a minha cena» que significa «não faz parte dos meus hábitos / gostos»¹³⁶, o TC transmite uma diferente interpretação do TP, em que Ben pode simplesmente não praticar ou não gostar de bowling – algo que não estabelece se Ben é boe (ou não) neste desporto. A adição do advérbio «bem» na construção do TC é assim uma tentativa de replicar esta construção mais ambígua do TP, mas em que o foco passa a recair sobre o facto de o bowling ser algo que Ben pode gostar e/ou praticar ou não. É de notar ainda que no mesmo capítulo, Ben acaba por ter um bom desempenho no jogo, algo que resulta em que as personagens brinquem com esta situação. Com efeito, a comunidade leitora do TC não recebe esta comparação antonímica. Desta forma, embora esta proposta seja uma solução que vai ao encontro dos objetivos principais do presente trabalho, a mesma não permite uma manutenção dos elementos do TP quando inserida no contexto da obra.

No caso da página 89 ocorre uma explicitação, em que a função que é desempenhada por quem é «tutor» – «a person charged with the instruction and guidance of another»¹³⁷ – é explicitada no TC através da expressão «alguém que te ajude». Esta solução permite manter a forma interrogativa da frase e explicita aquilo em que consiste ser «tutor». Já no caso da

¹³⁴ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/weird>.

¹³⁵ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/good>.

¹³⁶ <https://natura.di.uminho.pt/svn/main/dpl/example/from-Bruno-Miranda>.

¹³⁷ <https://www.merriam-webster.com/dictionary/tutor>.

página 180 há uma amplificação e explicitação do enunciado do TP, em que o significado de «lost» na aceção de «not knowing what to do in a particular situation»¹³⁸ é explicitado no TC, através da expressão «parece que fico sem saber o que fazer». Ademais, através de uma reordenação frásica, também o segmento «quando não tenho internet» amplifica e reforça o significado do TP. Deste modo, esta solução de tradução encontrada através de uma abordagem da tradução neutra, embora alongue o conteúdo do TC, permite uma maior clarificação do significado e evita a marcação de género masculina.

A estratégia da modulação foi usada nos casos das páginas 129, 213, 227 e 273. Ora, nos casos das páginas 129 e 273, Ben é a figura locutora, pelo que as mudanças de perspetiva que se registam podem tornar as frases mais impessoais, por terem a possibilidade de distanciar Ben dos enunciados em questão no TC, através de uma mudança da forma ativa para a passiva. Desta forma, na primeira ocorrência, através da tradução do pronome pessoal «I» para o pronome indefinido «ninguém», a perspetiva desloca-se da figura locutora, para um coletivo indeterminado. Por outras palavras, enquanto no TP o facto de Ben não ter sido convidado é destacado, no TC o foco recai sobre quem não convidou Ben. É de notar que a construção do TP, pode transmitir, num momento inicial, uma conotação autodepreciativa pelo de facto de Ben só agora se aperceber que ninguém ê convidou. Contudo, esta contingência é remediada quando mais à frente se verifica que «[y]ou don't really have to be invited, you just show up» (p.129). Desta forma, para além de se preservar a forma interrogativa da frase do TP, também o significado essencial do enunciado permanece o mesmo, sendo esta a circunstância de Ben não ter tido um convite. Já no caso da página 273, a mudança de perspetiva não é tão vincada, uma vez que o pronome pessoal «I» é substituído por outro pronome pessoal (átomo) «me», sendo que ambos remetem para a primeira pessoa do singular. Não obstante, a estratégia justifica-se uma vez que o foco passa a recair sobre quem praticou a ação de expulsar Ben e não só sobre o facto de Ben ter sido expulso. É importante notar que no TP, se Ben foi expulso, supõe-se que alguém é responsável por essa mesma expulsão. No entanto, o facto de o foco passar a recair sobre esta nova entidade justifica o uso desta estratégia. Desta forma, é a «razão» pela qual Ben foi expulso que se constitui como o conteúdo semântico de maior destaque desta frase, sendo que o mesmo se mantém no TC.

¹³⁸ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/lost>.

No caso da página 213, a locutora é a mãe de Ben, portanto, ao considerar que a mesma está a tentar emendar a sua relação com Ben, de não ser familiar com a linguagem não-binária, bem como de estar na presença de uma personagem não-conhecedora, os motivos para que a mesma evite maldenominar ê Ben – e as repercussões que esta ação poderia suscitar, para relação entre mãe e filho – ganham uma dimensão muito maior do que aquelas averiguadas noutros casos. Desta forma, para além de se suprimir o nome de Ben – de modo a evitar a anteposição da contração masculino «do» – a estratégia de modulação altera a entidade à qual se está a fazer a pergunta. Ao invés de a pergunta ser direcionada somente a Nathan, a mesma passa a ser direcionada ao coletivo de Nathan (personagem não-conhecedora) e Ben (personagem conhecedora). Além disto, o uso do pronome pessoal de dois géneros «vocês», bem como do nome de dois géneros «colegas» é demonstrativo de soluções em que se evita o masculino plural. Com esta abordagem de tradução neutra, o conteúdo central do enunciado – tentar estabelecer qual o tipo de relação que existe entre Ben e Nathan – é preservado. Apesar de esta solução ter a consequência de tornar o enunciado mais impessoal, bem como de poder permitir uma leitura em que a mãe de Ben se ache superior a Nathan – por esta não assumir, de imediato, que Nathan é um amigo de Ben e não apenas um mero colega – considera-se que esta eventual interpretação não acarreta grandes consequências, no que respeita à opinião que a comunidade leitora do TC já detém acerca desta personagem. Não obstante, importa estar consciente desta eventualidade, pelo que é essencial uma verificação contínua da informação presente no TP.

Já no caso da página 227, Hannah é a figura locutora e neste caso, para além de se suprimir o sujeito composto («Ben and my husband»), a perspectiva passa a recair sobre o facto de Hannah estar no lado recetor da informação e não em Ben e Thomas enquanto responsáveis por falarem muito sobre a personagem em questão (Nathan). Como consequência, o TC passa a ser menos explícito do que o TP, sendo que a informação de quem pratica a ação de falar de Nathan a Hannah, passa a estar subentendida. Deste modo, do ponto de vista da narrativa, esta situação pode levar a que Nathan pense que Ben seja ê único responsável por esta ação, bem como que este considere que Hannah está a tentar embaraçar Ben. Isto, porque Nathan pode interpretar este enunciado de diferentes maneiras: seria só uma picardia entre irmanes, ou estaria Hannah a insinuar que Ben tem um fraquinho por Nathan? O facto de as personagens estarem na exposição de arte de Ben em que uma das obras principais é um quadro que estu pintou de Nathan pode reforçar ainda mais esta suposição. Além disto a comunidade leitora tem a informação de que Ben tem realmente uma paixoneta

por Nathan. Deste modo, embora a comunidade leitora saiba que Thomas também seja responsável por falar de Nathan, a solução encontrada através de uma abordagem de tradução neutra não permite que Nathan aprenda esta informação, para além de amplificar esta conotação de índole amorosa no TC. Ademais, importa referir que Nathan responde a este enunciado com «“All good things, I hope [...] “I only hope I can live up to their glowing recommendation”» (p.227). Deste modo, ao optar-se pela estratégia apresentada, uma simples solução para este enunciado seria «Só coisas boas, espero». Não obstante, como o tópico da conversa avança rapidamente, entende-se que esta eventual suposição de Nathan não se constitui como uma grande preocupação, pelo que se consegue preservar o significado do TP – o facto de Hannah ter ouvido falar de Nathan.

5.1.4. Discurso Direto – Personagens Não-Conhecedoras

Por fim, ocorrem os casos representativos do discurso direto das personagens não-conhecedoras. Este estatuto não impõe quaisquer restrições às personagens, pelo que compete apenas à figura tradutora decidir a abordagem a seguir no que respeita às palavras neutras no TP que têm uma marcação de género no TC.

Texto de Partida	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Neutra
Are you new ? (p.31)	És nov o?	És nov e?	Primeiro dia ?
but it looks like Ben is North Wake’s newest student . (p.34)	mas parece que o Ben é o mais recente aluno de North Wake.	mas parece que ê Ben é ê mais recente alune* de North Wake.	mas parece que a população estudantil de North Wake aumentou .
so you’ll pretty much be by yourself . (p.46)	por isso estarás praticamente sozinho	por isso estarás praticamente sozinhe	por isso estarás praticamente por tua conta .
Impressed ? (p.47)	Impressionado ?	Impressionade ?	Ficaste de boca aberta ? É impressionante, não é?
It’s the sort of experience you only	É o tipo de experiência que só se	É o tipo de experiência que só se	É o tipo de experiência que só se

get in high school, my friend. (p.83)	vive no secundário, meu amigo.	vive no secundário, meu amigue.	vive no secundário [-].
Come on, don't be shy. (p.106)	Vá lá, não sejas tímido.	Vá lá, não sejas tímide.	Vá lá, não tenhas vergonha.
and you were so focused on that thing (p.109)	e estavas tão concentrado nisso	e estavas tão concentrade nisso	e estavas a concentrar-te tanto nisso
You're one of my best students. (p.126)	És um dos meus melhores alunos.	És ume des minhes melhores alunes.	Não são todos os dias que estudantes como tu me batem à porta.
<i>Hey are you busy this weekend?</i> (p.128)	Olá, estás ocupado este fim-de-semana?	Olá, estás ocupade este fim-de-semana?	Olá, vais fazer alguma coisa este fim de semana?
so count yourself lucky. (p.129)	por isso considera-te sortudo.	por isso considera-te sortude.	por isso considera-te com sorte.
And in case you're vegetarian , there's a veggie one. (p.183)	E caso sejas vegetariano , tem um vegetariano.	E caso sejas vegetariane , tem um vegetariano.	E caso não comas carne , tem um vegetariano.
I can't imagine what that feels like, to just be left behind like that. (p.193)	Não consigo imaginar qual é a sensação de ser deixado para trás dessa maneira.	Não consigo imaginar qual é a sensação de ser deixade para trás dessa maneira.	Não consigo imaginar como te deves ter sentido.
It's tough to go through high school alone. (p.221)	É difícil enfrentar o secundário sozinho.	É difícil enfrentar o secundário sozinhe.	É difícil enfrentar o secundário sem mais ninguém.

Tabela 4.

Tendo em conta a presente situação comunicativa – discurso das personagens não-conhecedoras – a figura tradutora pode optar por duas vias: manter as construções do TP e a sua forma binária (tradução auto), ou trabalhar o texto de forma a evitar o uso de uma marcação de género (tradução neutra). Contudo, não obstante uma abordagem de tradução

auto ser uma prática tradutória menos exaustiva em comparação com uma abordagem de tradução neutra, atendendo ao objetivo do presente estudo – respeitar os desejos de Ben e evitar uma linguagem marcada por género quando necessário – considera-se que esta última é a solução mais indicada.

Importa ainda notar que uma abordagem de tradução queer é completamente inviável no que respeita a este tipo de situação comunicativa. Aliás, ao optar por esta via, para além de se criar um TC muito mais queer do que o próprio TP, a mesma poderia causar vários constrangimentos na comunidade leitora do TC. Contudo, esta preocupação não recai sobre o possível estranhamento resultante do uso dos elementos linguísticos queer (neolinguagem), mas sim da incoerência das personagens, bem como da própria narrativa. Ben escolhe manter a sua identidade de género em segredo – algo que é referido ao longo da obra – revelando-a de forma gradual e apenas a um grupo restrito de personagens. Por este motivo, caso o TC apresente personagens não-conhecedoras a usar uma linguagem não-binária – quando as mesmas não possuem este conhecimento – tal situação iria romper com aquilo que é esperado não só das personagens, como da própria narrativa. Este cenário seria assim inadequado não só no que respeita aos próprios valores e objetivos de Mason Deaver e do TP, mas também aos objetivos do ato tradutório como defendidos pelo presente trabalho.

No primeiro exemplo (p.31), ao suprimir-se o adjetivo «new» de modo a evitar a marcação de género com a tradução literal «novo» a abordagem de tradução neutra encontrada baseia-se nas informações presentes na obra. Dado que esta pergunta é feita por Nathan na sua primeira interação com Ben – enquanto este está à espera de começar o seu processo de transferência para a escola de Nathan – o facto de ele nunca ter visto antes, permite-lhe interpretar que Ben é um novo aluno da sua escola. Do mesmo modo, julga-se que a partir desta pergunta possa-se interpretar que Nathan também contemplasse a possibilidade de este ser o primeiro dia de aulas de Ben na sua escola. Desta forma, ao perguntar «are you new?» pode estar subentendida a dedução de que este é o primeiro dia de aulas de Ben. Esta informação permite, assim, uma mudança de perspetiva (modulação) bem como de uma ligeira explicitação, pelo facto de esta pressuposta pressuposição de Nathan inserir-se e tornar-se explícita no TC. Como resultado, sendo o conteúdo semântico chave do TP o facto de Nathan estar a tentar perceber se Ben é aluno da sua escola ou não, o mesmo é preservado no TC, embora passe a estar subentendido.

A modulação é a estratégia base usada nos casos das páginas 34 e 126. No primeiro caso, enquanto o foco do TP recai sobre Ben enquanto novo aluno de North Wake, a

abordagem de tradução neutra passa a focar-se no coletivo da «população estudantil» recorrendo também a uma ligeira explicitação de significado de modo a indicar a ideia de que esta população aumentou. Com efeito, e tendo em conta o contexto do TP, consegue-se preservar o conteúdo semântico central, sendo este o facto de Ben ser agora parte da escola North Wake. Já o caso da página 126 merece especial atenção por apresentar diferentes estratégias de tradução. Em primeiro lugar, há uma mudança de perspetiva, que leva a que se suprima a qualidade e designação explícita e individual de Ben enquanto «ume des melhores alunes» que a Professora Liu já teve, para uma perspetiva coletiva de «estudantes». Ademais, a amplificação que se regista com a introdução de uma frase negativa de modo a afirmar o conteúdo semântico da frase reforça ainda mais a ideia de que ume alune como é Ben é uma ocorrência excecional. Neste sentido, o contexto do TP é um fator de extrema importância, uma vez que o significado do enunciado encontrado para uma abordagem de tradução neutra pode ser interpretado quer com uma conotação negativa, quer com uma conotação positiva. Também o uso da expressão «bater à porta» torna o TC mais informal do que o TP, mas atendendo à relação que se construiu entre estas duas personagens, em que a própria Professora Liu partilha que Ben é ume des seus melhores alunes, entende-se que este tipo de linguagem aproxima não só as duas personagens, mas também a comunidade leitora ao TC. No entanto, esta estratégia não mantém o nível de especificidade que se regista no TP.

Nos casos das páginas 46 e 47 dá-se uso a expressões de um registo mais informal e familiar para a comunidade leitora do TC do que aquelas que se encontram no TP. No primeiro caso, a expressão «by yourself» que significa «alone or without help from anyone else»¹³⁹ foi traduzida com a expressão fixa da língua portuguesa «por tua conta». Atendendo ao facto de que esta frase é dita pela Professora Liu, o uso desta construção mais informal justifica-se, quer pela imagem que se tem das pessoas que ensinam arte como mais descontraídas, quer pelo facto de se indicar no texto que Ben será o único alune do seu ano que terá esta aula. Por este motivo, ao usar este tipo de linguagem pode-se interpretar que a Professora Liu estava a tentar estabelecer uma relação amigável e confortável com Ben, dado que terão de passar muito tempo a sós.

Já o caso da página 47, por serem apresentadas duas soluções de tradução, merece um aprofundamento do contexto em que as personagens se encontram. Para além de Nathan – locutor da frase – também Ben e a professora Liu estão presentes, sendo esta a primeira vez

¹³⁹ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/yourself?q=by+yourself>.

em que Ben entra na sala de artes do seu novo liceu. Ora, Nathan faz esta pergunta com várias considerações em mente: Ben adora arte, principalmente por desenhar e pintar; a sala de artes está repleta de quadros, pinturas e materiais artísticos; a interjeição «Wow» (p.47) feita por Ben quando estu vê a sala pela primeira vez. Neste sentido, o facto de Nathan usar apenas uma palavra para perguntar se Ben está «impressed» revela o seu respeito por este momento especial, permitindo que Ben assimile este novo espaço e a arte nele contida. É por estes motivos que se considerou apropriada a indicação de duas propostas, a partir de uma abordagem de tradução neutra de modo a demonstrar como diferentes contextos podem implicar diferentes estratégias de tradução. A primeira solução recorre à expressão «ficar de boca aberta» que significa «pasmado» (Almeida, 2023: 121), em particular na aceção de «muito admirado; espantado; boquiaberto»¹⁴⁰ – note-se que Ben refere que tem de «take it all in» (p.47). A segunda solução envolve uma estratégia de modulação através de uma mudança de perspetiva, ilustrativa da passagem de um estado passivo – em que Ben é o foco da ação – para um estado ativo – em que a qualidade de algo ser «impressionante» é que está destacada. Neste último caso, acresce-se ainda a pergunta, «não é?», de modo a amplificar o significado do segmento inicial da frase. Atendendo ao contexto da obra, considera-se que a segunda opção seja mais apropriada atendendo à sensibilidade do momento. Contudo, o uso da expressão «ficar de boca aberta» permite uma maior aproximação à comunidade leitora do TC.

Após esta breve análise, pode-se afirmar que o facto de se terem indicado e comparado estas duas soluções de tradução reflete a preocupação inerente ao facto de, ao se eleger o uso da neolinguagem, a presença e a introdução de construções mais familiares no TC permitirem um maior equilíbrio entre aquilo que se entende como estranho e como doméstico. Este equilíbrio pode, assim, tornar a comunidade mais suscetível ao TC.

Nos casos das páginas 83 e 193, recorreu-se à estratégia principal de supressão, mas com diferentes resultados. No primeiro caso, a simples supressão das palavras «my friend» no TC preserva o significado do enunciado e evita a dupla marcação masculina que se encontraria com uma tradução literal em «meu amigo». Desta forma, para além de tornar o TC mais formal e impessoal, perde-se também o tom de brincadeira que a expressão transmite no TP. Contudo, atendendo a este momento da obra na sua totalidade, considera-se que estas

¹⁴⁰ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pasmado>.

qualidades são preservadas através da paralinguagem¹⁴¹, visto que Nathan (locutor da frase) pisca o olho a Ben aquando da pronúncia desta fala. Já no caso da página 193 há, simultaneamente, uma supressão em que, embora a frase tenha uma diminuição substancial de tamanho, o significado da frase do TP se mantém. Tal verifica-se, pois a expressão «como te deves ter sentido» transmite o significado central do TP e amplifica/explicita o significado da expressão «left behind» que neste momento da obra tem a aceção de «to go away and not take something or someone with you»¹⁴².

A recaterogização é a estratégia usada nos casos das páginas 106, 109 e 129. Na primeira instância, o adjetivo «shy» que significa «nervous and uncomfortable with other people»¹⁴³ alterou-se para o nome «vergonha» na aceção de «timidez; acanhamento»¹⁴⁴. Já no caso da página 109, o adjetivo «focused» que significa «giving a lot of attention to one particular thing»¹⁴⁵, substituído pela forma verbal «concentrar-te». Por fim, no caso da página 129, o adjetivo «lucky» que significa «having good things happen to you by chance»¹⁴⁶ transformou-se na expressão «estar com sorte», que significa «correrem-lhe as coisas bem»¹⁴⁷. Desta forma, embora o TC não mantenha o facto de estes serem adjetivos que descrevem Ben diretamente como no TP, considera-se que os sentidos semânticos conseguem ser preservados, à exceção do caso da página 106, em que a mudança não é tão satisfatória. Isto, porque o uso de «shy» no TP carrega uma conotação namorisqueira, atendendo ao contexto da frase, que a solução encontrada pela abordagem de tradução neutra não consegue transmitir no TC. Contudo, esta qualidade é preservada no TC através de dois elementos. Em primeiro lugar, através da paralinguagem associada a esta situação comunicativa, quando Nathan «pats at the empty space next to him on the bed» (p.106) e em segundo lugar, pelo o facto de Nathan afirmar que «[t]his is where the magic happens» (p.106) – sendo que nenhuma destas frases apresenta conflitos no que respeita a identidade de género de Ben. Desta forma, embora esta conotação não se preserve através da palavra «shy» ou «tímide», a mesma mantém-se através destes elementos.

¹⁴¹ Entenda-se por paralinguagem: «[a] paralinguística é a parte da linguística que estuda os aspectos não verbais que acompanham a comunicação verbal. Estes aspectos incluem o tom de voz, o ritmo da fala, o volume de voz, as pausas utilizadas na pronúncia verbal, e demais características que transcendem a própria fala (Ribeiro, 2014).

¹⁴² <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/leave-behind?q=left+behind>.

¹⁴³ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/shy>.

¹⁴⁴ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vergonha>.

¹⁴⁵ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/focused>.

¹⁴⁶ <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/lucky>.

¹⁴⁷ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sorte>.

A estratégia da explicitação reflete-se nos casos das páginas 128, 183 e 221. Na página 128, o facto de «vais fazer alguma coisa» substituir o adjetivo «busy» explicita aquilo em que este adjetivo pode consistir, ou seja, «ocupado a fazer alguma coisa». Já no caso da página 183, explicita-se aquilo que se entende por «vegetarian», ou seja, uma pessoa que não come carne. Por fim, na instância da página 221, a expressão «sem mais ninguém» explicita o significado do adjetivo «sozinho» do TP.

5.2. A Utilidade dos Instrumentos Teóricos

Após esta apresentação e subsequente análise de diferentes momentos da obra *I Wish You All the Best* comprova-se que a tradução de uma linguagem tipicamente associada às identidades de género não-binárias da língua inglesa para a língua portuguesa constitui um leque de diferentes desafios e considerações a ter em conta aquando do seu processo tradutório. É no âmbito desta pluralidade que as diversas bases teóricas apresentadas ao longo deste trabalho foram instrumentos necessários para uma contemplação abrangente das decisões práticas e das implicações daí resultantes.

Em primeiro lugar, ao remeter para o conceito da viragem cultural como entendida por Bassnett e Lefevere, vê-se a forma como a questão ideológica pode influenciar um projeto tradutório que envolva aspetos referentes à identidade de género não-binária. Ademais, ao encarar a tradução enquanto um processo cultural e político torna-se claro que esta é também a base do presente estudo. É por este motivo que importa identificar as diferentes entidades que marcam presença no processo tradutório – figuras tradutoras, profissionais e patronagem – bem como as ideologias dominantes e subjacentes a cada uma destas entidades. Deste modo, se a figura tradutora for a única entidade responsável pelo ato tradutório – no caso de traduções amadoras e/ou traduções independentes (como traduções de produtos multimédia e/ou literários por fãs de diferentes produções)¹⁴⁸ – esta terá toda a liberdade criativa e de decisão para a produção de um ato tradutório. Ora, não obstante uma abordagem mais académica, o presente estudo é um produto ilustrativo desta vertente de uma tradução independente e livre. Deste modo, as ideologias dominantes da sociedade portuguesa foram

¹⁴⁸ Veja-se a propósito o conceito de *fanslation*: «Fan translation is a process through which fans and users of certain forms of entertainment provide unprofessional and untraditional translations into foreign languages. Also known as fanslation, fan translation is a way for fandoms (communities of enthusiasts of a series or art collection) to share the art they enjoy with other fans who don't speak the original language of the media. There are thriving communities based around translation of videogames, anime, comic books, novels, and other forms of media». (Olson, 2015).

fatores determinantes no presente ato tradutório enquanto forças a serem combatidas e desconstruídas – nomeadamente, o falocentrismo, a binariedade de género, a cisheteronormatividade, o patriarcado e o nacionalismo (linguístico)¹⁴⁹. Contudo, enquanto figura única e responsável por esta dissertação de mestrado, são as ideologias intrínsecas à minha própria individualidade que se refletem no ato tradutório, bem como na decisão de quais as abordagens de tradução mais adequadas. É o respeito pela diferença, o direito à liberdade individual, a visibilidade das minorias de género – em particular das pessoas não-binárias, mas também da comunidade LGBTI+ em geral – a igualdade de género e a procura de uma maior acessibilidade a informações verídicas, alguns dos diferentes valores e ideais que se procuraram transmitir através do presente trabalho. Ora, caso a patronagem fosse uma força presente neste processo, a mesma poderia impossibilitar não só esta posição, mas também a própria importação da obra para o mercado português.

Aquando da seleção de uma temática para a corrente dissertação, a obra *I Wish You All the Best* ainda não se encontrava traduzida para a língua portuguesa, embora a mesma tenha sido publicada já numa fase final desta redação. O facto de a história ser narrada e ter como personagem principal uma pessoa não-binária foi algo inédito no meu percurso enquanto leitora, pelo que tentar representar este texto na cultura e língua portuguesas foi algo que, embora desafiante, considerei como uma tarefa de importância acrescida. Após uma breve pesquisa, tornou-se claro que estes tipos de histórias não eram muito comuns, tanto na cultura de partida, como na cultura de chegada. Contudo, em Portugal não foram encontradas outras obras que abordassem a não-binariedade de género de uma forma tão complexa e inovadora, quer através de produtos nacionais, quer de importações/traduições – algo que se constituiu como um dos fatores determinantes para a seleção desta obra. Procurou-se ainda investigar a figura autoral, por se considerar imprescindível trabalhar com um produto que não só tivesse como tema principal a identidade não-binária, mas também que tivesse sido escrito por alguém que se identificasse como tal.

Aliás, tendo em conta a vertente ativista do corrente trabalho, procurar, abordar e divulgar os contributos de pessoas desta comunidade através da seleção das bases teóricas e para permitir a sua maior visibilidade, foi também indispensável. Deste modo, embora fosse impossível constituir um corpus exclusivamente de figuras autorais desta comunidade,

¹⁴⁹ Esta questão do nacionalismo linguístico – ou até, elitismo linguístico – remete para a forte oposição que a neolinguagem enfrenta por parte de vários grupos das comunidades falantes da língua portuguesa. Estes posicionamentos consideram que este tipo de linguagem é um ataque direto à língua portuguesa, para além de que na sua maioria revelam um posicionamento sexista e anti-LGBTI+.

destacam-se pessoas como Judith Butler, Riki Wilchins e Ophelia Cassiano. Esta foi uma decisão que se justifica pelas diferentes formas que a comunidade LGBTI+ e em particular a comunidade não-binária serem constantemente controladas, manipuladas e eliminadas da e pela sociedade em geral. Assim, após se verificar que *I Wish You All the Best* tinha sido escrita por uma pessoa não-binária, considerou-se que a mesma seria o objeto de estudo ideal para o corrente trabalho.

No seguimento desta procura de bases teóricas diversas, entende-se que não só o ato tradutório apresentado, como todo o estudo, procuram criar uma narrativa que permita que diferentes comunidades de pessoas se identifiquem com as mesmas ideologias e objetivos que o presente trabalho defende. Esta vertente permite destacar a forma como os conceitos de interseccionalidade (Crenshaw, 1989) e de cidadania cultural (Hartley, 2002) se encontram subjacentes a todo este projeto, para além de todas estas diferentes considerações permitirem estabelecer uma ponte de ligação com a perspetiva de Mona Baker, no respeitante ao conceito da narrativa. Ao desafiar as instituições dominantes que tentam suprimir a visibilidade daquilo que se entende por uma Consciência/Comunidade Queer (CQ) – como definida por Blackburn *et al.* – as contribuições de Baker permitem também refletir sobre as implicações morais associadas ao ato tradutório. Em concreto, o conceito de coerência permite uma análise mais aprofundada dos resultados encontrados no presente estudo e até de uma eventual continuação do mesmo. As coerências estruturais e caracterológicas refletem a importância de como a delimitação dos cenários/situações comunicativas encontrados nesta obra, bem como da preferência, eleição ou rejeição das diferentes abordagens de tradução, pode ser trabalhada e/ou manipulada. Um dos casos mais ilustrativos do resultado desta análise é já mencionado na análise da Tabela 4, sendo este o uso de uma linguagem não-binária por parte das personagens não-conhecedoras. Já a vertente da coerência material pode permitir uma futura análise comparativa entre as propostas aqui apresentadas com aquelas que a publicação da tradução oficial desta obra encontrou – sendo esta abordagem também elucidativa de objetivos da tradução feminista (Chamberlain) e da tradução queer (Démont). Desta forma, se Bassnett e Lefevere contribuíram para a interpretação do processo tradutório enquanto um processo cultural e ideológico, Baker permitiu a amplificação desta noção, através do conceito da narrativa e da sua aplicação analítica na tradução.

As contribuições feministas permitiram identificar a forma como a linguagem patriarcal está subjacente aos vários campos da sociedade, nomeadamente nas próprias línguas e no ato de tradução. Do mesmo modo, a invisibilidade linguística, cultural, social,

económica e política que as mulheres (e as pessoas AFAB) identificam é também ilustrativa daquela que as pessoas não-binárias sofrem no seu dia a dia. Aliás, este conceito de (in)visibilidade é ainda mais marcante para as pessoas não-binárias, por estas nem terem uma opção linguística viável e aceite na língua portuguesa para esses fins. Deste modo, questionar a fidelidade não só para com o TP, mas também com as próprias línguas de partida e de chegada – em particular quando se registre o caso de línguas cujas características se assemelham às usadas no presente estudo – é também fundamental. Este questionamento permite desconstruir padrões e significações dominantes, como as ideologias já supramencionadas e que marcam presença na sociedade portuguesa. Com efeito, são expostas as relações de poder presentes no ato tradutório não só no que respeita aos elementos internos do processo tradutório – figura autoral vs. figura tradutora; texto de partida vs. texto de chegada; língua de partida vs. língua de chegada – mas também aos elementos externos, como é o caso da patronagem.

Verificou-se também as vantagens das estratégias definidas por Luise von Flotow, principalmente no que respeita à estratégia das notas de rodapé – como no caso da proposta 3. Contudo, importa referir que o uso de um prefácio seria também uma boa aposta neste tipo de projeto de tradução. Embora esta não tenha sido uma vertente explorada no presente trabalho, entende-se que uma tradução oficial desta obra só teria a beneficiar do uso desta estratégia. Tal justifica-se não só no respeitante à própria narrativa e aos objetivos da mesma, mas também por permitir que a comunidade leitora do TC tenha uma maior compreensão e ganhe mais conhecimentos sobre este tipo de temáticas.

É ainda importante destacar as estratégias de Venuti, nomeadamente no âmbito do estranhamento e da domesticação. Enquanto Venuti apresenta esta estratégia tendo em vista a manutenção da diferença que já se regista no próprio TP, a situação que o corrente ato tradutório suscita ultrapassa os fundamentos deste conceito. Tal justifica-se porque, atendendo às diferenças que se registam entre a língua inglesa e a língua portuguesa, o resultado de se optar por uma abordagem de tradução queer acaba por inferir muitas mais qualidades queer no texto chegada do que aquelas que se encontram presentes no próprio texto de partida. Enquanto no TP esta vertente queer é maioritariamente transmitida através da própria narrativa, bem como dos pronomes preferidos por Ben, no TC a mesma é transmitida por todas as ocorrências em que as palavras neutras da língua de partida exigem uma marcação de género na língua de chegada. Por outras palavras, o resultado tradutório de uma abordagem de tradução queer como entendida no presente estudo acrescenta, amplia e eleva os elementos de

índole queer presentes do texto de partida, no texto de chegada. Quando a figura tradutora está a realizar uma tradução de uma língua que não é marcada pelo género para uma língua que é marcada pelo género – o caso do inglês para o português – uma das tendências mais evidentes é acabar por substituir «all the neutral pronouns of the source text with masculine ones, following the ‘Male-As-Norm Principle’» sendo que acabam por tornar «a non-sexist text into a sexist one» (Castro e Ergun, 2018: 18). É importante sublinhar que na língua portuguesa este cenário acontece não só com os pronomes, mas também com os substantivos, adjetivos, artigos, verbos, etc. Desta forma, a figura tradutora acabará por perpetuar as ideologias dominantes da língua e/ou da cultura de chegada, a menos que encare este tipo de tendências através de uma prática consciente, ativista e subversora. Estas são assim posições de destaque no campo da tradução feminista e queer, sendo que se pode afirmar que «interventions in linguistic gender practices help achieve social change» (Castro e Ergun, 2018: 18).

Com efeito, são as contribuições de Marc Démont que permitem refletir mais a fundo sobre esta forma de resistência, bem como sobre as estratégias de domesticação e estranhamento de Venuti. Em primeiro lugar, uma «misrecognizing translation¹⁵⁰» é exemplificativa dos casos de tradução encontrados a partir de uma abordagem de tradução auto(mática), ou seja, de uma tradução literal em que a marcação de género é inevitável. Deste modo, a mesma reflete-se no apagamento de todas as marcas linguísticas associadas à linguagem referente à personagem de Ben, no que respeita a sua identidade não-binária¹⁵¹ – nomeadamente, dos pronomes, bem como das marcas implícitas que a abordagem de tradução queer acaba por tornar explícitas – as palavras de índole neutra no TP. É de notar que este é um detalhe de extrema importância, pois embora não se saiba qual o tipo de linguagem que Mason Deaver poderia adotar caso escrevesse a obra na língua portuguesa, pelos vários motivos já mencionados ao longo do presente estudo, considera-se que Deaver evitaria por completo o uso de uma linguagem binária. Para além disto, importa reconhecer que este tipo de abordagem permite a manutenção completa do conteúdo semântico; contudo, é por não

¹⁵⁰ Por se considerar que o termo «misrecognizing» constituiu uma ambiguidade difícil de transmitir na língua portuguesa, decidiu-se manter a sua forma inglesa.

¹⁵¹ Note-se que embora se tenha focado a linguagem referente à personagem de Ben, a mesma situação aplica-se à personagem de Mariam por esta também ser uma pessoa não-binária e usar os pronomes *they* e *them*. Deste modo, o motivo por não se ter contemplado a linguagem referente a Mariam no presente estudo justifica-se pelo facto de ela não esconder a sua identidade de género. Tal justifica-se porque os diferentes cenários que se verificaram com a personagem de Ben não se aplicam. Ademais, é também este o motivo pelo qual se argumenta que, no caso da personagem de Mariam, a abordagem de tradução queer é a mais indicada e a única solução possível, quando o objetivo tradutório é o respeito e a visibilidade da identidade não-binária.

permitir uma leitura da força disruptiva do queer que só se indica o seu uso quando tal for exemplificativo do TP.

No caso das traduções minorizantes¹⁵² o presente estudo encontrou duas situações ilustrativas deste modo de tradução: o uso recorrente e exclusivo ou de uma abordagem de tradução queer, ou de uma abordagem de tradução neutra. No primeiro caso, reconhecer a abordagem de tradução queer enquanto um modo de tradução minorizante justifica-se porque a mesma requer que a linguagem referente a Ben seja sempre representada através desta vertente linguística explicitamente queer – ou seja, com o uso constante da neolinguagem. Por conseguinte, esta circunstância não permite a transferência da ambiguidade e das diferentes nuances que podem estar subjacentes a personagens que suscitem o mesmo tipo de características que Ben. Por outras palavras, este modo de tradução negligencia uma contemplação dos diferentes cenários, parâmetros e critérios – como aqueles que o presente estudo definiu – que refletem a complexidade deste tipo de personagens, histórias e, na sua totalidade, da própria realidade vivida das pessoas não-binárias.

Já a interpretação de uma abordagem de tradução neutra enquanto um modo de tradução minorizante baseia-se em dois motivos. Por um lado, este tipo de abordagem evita o uso de uma linguagem binária – neste caso, a língua marcada pelo género masculino. Por outro, a mesma não permite a visibilidade da diferença no que respeita à identidade de género não-binária de Ben. Por outras palavras, embora seja verdade que a marcação de género binária (masculina) seja evitada, a própria marcação de género não-binária é também impraticável a partir de uma abordagem de tradução neutra. É neste sentido que importa referir que interpretar este tipo de estratégia como uma «misrecognizing translation» é também uma possibilidade. Se, por um lado, a abordagem de tradução auto é «misrecognizing» por eliminar todos os elementos queer do TP, a tradução neutra também suprime estes mesmos elementos. Contudo, o facto de os objetivos subjacentes a estas abordagens serem opostos – pelo menos na sua aplicação no presente estudo – permite que esta distinção seja feita e que se reconheça uma abordagem de tradução neutra somente enquanto minorizante. Ademais, e como se pode constatar através dos diferentes casos já propostos e analisados, esta é a única abordagem que nem sempre consegue manter o significado do TP. Tal justifica-se tendo em conta que a mesma exige uma maior criatividade da parte da figura tradutora, algo que pode não ser sempre possível, por diferentes motivos,

¹⁵² Sublinha-se que no presente estudo o uso de «tradução minorizante» é trabalhada na aceção de Demónt e não na aceção de Venuti que também foi abordada no capítulo 3, *A (In)Visibilidade da Tradução e das Minorias*.

quer por uma pressão da editora mediante datas-limite de entrega do produto tradutório, quer por existir uma limitação de caracteres (como o caso da legendagem).

Contudo, importa sublinhar que este tipo de tradução tem a vantagem de poder ser adotada como forma de resistência à patronagem. Este cenário pode-se verificar quando as ideologias dominantes da cultura de chegada (ou de quem encomenda o trabalho de tradução) são impostas à figura tradutora. Com efeito, se a figura tradutora pretender desempenhar o seu papel, não obstante discordar com estas limitações e/ou mentalidades – caso as suas ideologias sejam opostas, em particular se a mesma se recusar a maldenominar as personagens não-binárias quando tal não seja representativo da linguagem do TP – a mesma pode recorrer a esta abordagem de tradução. Desta forma, verifica-se que este tipo de abordagem permite um meio-termo entre diferentes opções e um compromisso entre as entidades envolvidas neste processo.

Por fim, sendo o objetivo do ato tradutório não só tornar visível a identidade de género de Ben mas também respeitar as diferentes nuances e particularidades que a mesma acarreta, uma abordagem de tradução queer na aceção de Marc Démont enquanto «queering/queer translation» só é possível através de uma abordagem de tradução tripla, consoante a solução mais indicada para os diferentes cenários delineados. Por outras palavras, é apenas a partir de um misto de uma abordagem de tradução queer, de uma abordagem de tradução neutra e de uma abordagem de tradução auto (apenas quando esta reflete as estruturas masculinas do TP ou quando a marcação de género seja de todo inevitável no TC) – que a manutenção destes objetivos, mas também do próprio significado do TC, é possível.

Através destas diferentes ponderações pode-se afirmar que o campo dos estudos de tradução se torna muito mais rico e completo a partir de uma abordagem de índole interseccional. Os contributos de diferentes áreas, nomeadamente da tradução ativista, da tradução feminista e da tradução queer proporcionam diferentes ferramentas, estratégias e perspetivas que enriquecem não só o processo tradutório, mas também o produto final da tradução. A partir da viragem cultural, esta é uma área fértil e em constante evolução e que acabou por se tornar muito mais recetiva à abertura, bem como à transferência de novas realidades culturais, sociais e linguísticas. É por este motivo que a tradução se constitui como uma ferramenta de responsabilidade acrescida, quer por permitir a submissão e/ou a domesticação do seu objeto de estudo, quer por procurar usá-lo como um método de resistência e/ou de estranhamento às diferentes forças dominantes e ideológicas presentes na sociedade. No âmbito da tradução da linguagem associada às identidades de género não-

binárias, pode-se verificar que estas diferentes bases teóricas permitiram uma abordagem muito mais completa e fundamentada do presente trabalho. Dado que esta questão específica de índole tradutória se encontra ainda numa fase prematura, a mesma constitui-se como um processo extremamente desafiante e que exige um nível de atenção e criatividade acrescido. Desta forma, este processo só se torna possível através de uma abordagem interseccional, não só no que respeita às bases teóricas das diferentes áreas do saber, mas também tendo em vista os parâmetros, critérios e cenários que lhe estão subjacentes.

Conclusão

A presente dissertação de mestrado tinha como um dos objetivos principais evidenciar as dificuldades que a linguagem tipicamente associada às pessoas não-binárias pode suscitar aquando do processo de transferência entre línguas que apresentem características gramaticais opostas no que respeita à marcação de género. Neste caso em específico, trabalhou-se a passagem da língua inglesa – uma língua não marcada por género – para a língua portuguesa – uma língua marcada por género –, tendo por base os casos ilustrativos desta problemática retirados da obra *I Wish You All the Best*, de Mason Deaver. Do mesmo modo, encontrar soluções e/ou alternativas que se considerassem satisfatórias para combater e/ou ultrapassar este obstáculo linguístico foi também uma das finalidades centrais deste estudo. A partir das diferentes bases teóricas, da análise prática dos casos de tradução propostos e das pontes que se estabeleceram entre estes elementos, chegou-se a várias conclusões.

No respeitante às dificuldades específicas da tradução da linguagem tipicamente associada às pessoas não-binárias verificou-se que uma abordagem de tradução universal e uniforme não é sempre possível, dados os diferentes contextos e cenários em que as personagens interagem, e a variedade de circunstâncias linguísticas e literárias que estas narrativas podem apresentar. Tendo em conta a instabilidade do queer, bem como da própria literatura queer e as suas características de rompimento e perturbação das normas, a presença ou ausência das características inerentes a estas categorias são assim transpostas para o processo tradutório. Deste modo, os diferentes métodos de identificar e analisar a forma como estes elementos se apresentam e relacionam no texto de partida, bem como a forma através da qual se podem refletir no texto de chegada – de modo a transmitir os mesmos valores e conteúdos – constituem-se como tarefas fundamentais neste tipo de projeto.

No caso particular da obra *I Wish You All the Best*, são vários os desafios que a figura tradutora vai encontrar no processo de tradução, não só no que respeita à vertente linguística, mas também à própria vertente narrativa. É por este motivo que um processo de leitura, seguido de várias releituras da obra tendo em vista uma correta compreensão e interpretação dos seus elementos é uma das etapas mais úteis, para que se consiga praticar uma tradução ativa e consciente. Uma primeira leitura deu a conhecer o mundo, a história e as personagens da obra, para além de estabelecer uma primeira impressão sobre a mesma. Com efeito, esta fase inicial pode ser decisiva para a escolha de qualquer produto enquanto projeto tradutório –

embora possa apenas refletir um consumo banal de entretenimento. A figura tradutora tem assim a hipótese de pesquisar a obra mais a fundo, de modo a avaliar se uma eventual tradução é uma aposta necessária e à qual deva dedicar o seu tempo. O próximo passo foi verificar se a obra já havia sido traduzida para a(s) língua(s) de trabalho da figura tradutora, sendo esta uma questão essencial e para a qual se podem encontrar dois cenários. Por um lado, se este processo ainda não tenha sido praticado, a figura tradutora poderá ter uma maior predisposição para tomar esta iniciativa, de modo a transferir este conteúdo para uma nova realidade linguística e cultural – tendo sido este o cenário que se registou aquando da escolha do tema deste projeto. Caso este processo já tenha sido efetuado, o mesmo pode suscitar também algum interesse mediante uma perspetiva comparativa. Estes são processos ilustrativos das ideias de Marc Démont (2018) e Mona Baker (2010), no respeitante a um processo de tradução não só inclusivo, mas também consciente das possíveis implicações do seu produto final. Neste sentido, independentemente do cenário observado, se a figura tradutora considerar que o produto de partida pode beneficiar das suas perspetivas, ideologias e conhecimentos pessoais, bem como enriquecer a língua e/ou o campo literário – ou as demais áreas em que a tradução pode marcar presença – da cultura de chegada, a tradução será a trajetória lógica a seguir. Do mesmo modo, é assim que a figura tradutora poderá contribuir para a criação, eliminação e/ou mudança das ideologias e/ou narrativas que se refletem na realidade social, cultural, política, económica e até linguística da cultura de chegada.

Apesar de este ser um percurso subjacente e esperado de todo e qualquer tipo de ato tradutório, a verdade é que trabalhar com temáticas queer, principalmente no que respeita à linguagem tipicamente associada às pessoas não-binárias – em particular na sua passagem específica da língua inglesa para a língua portuguesa – implica não só diferentes deliberações tradutórias, linguísticas e narrativas, mas também sociais, ativistas, políticas, éticas e morais. Desta forma, sendo igualmente inquestionável que estas considerações não sejam circunscritas apenas a este tipo de projeto de tradução, a verdade é que nem todas as traduções demandam esta última vertente. Tal justifica-se por estes serem fatores que dependem não só de quem pratica o ato tradutório, mas também de quem o encomenda e divulga, bem como de qual seja o seu objetivo e a comunidade leitora esperada.

Um dos primeiros pontos de interesse para o processo tradutório desta obra foi o facto de a identidade de género de Ben não ser do conhecimento comum de todas as personagens – visto que ê mesmo tenciona salvaguardar a sua segurança e privacidade. Com

efeito, esta particularidade permitiu a identificação de um dos parâmetros mais instáveis e influentes na escolha das decisões práticas: o estatuto de personagens enquanto conhecedoras e não-conhecedoras. Ademais, a transição entre estes estatutos, o processo de adaptação linguística e social que o mesmo acarreta e as reações daí resultantes foram de igual modo essenciais para as diferentes decisões tradutórias. Também o facto de Ben desempenhar o papel de única figura narradora mediante o uso da primeira pessoa do singular permitiu um maior escopo de análise no referente aos impactos da questão linguística, ao demonstrar a magnitude do seu uso e do seu impacto. Por outras palavras, esta vertente destaca a forma como a aplicação da linguagem tem a capacidade de impactar as pessoas desta comunidade, quer de uma forma negativa – quando são maldenominadas – quer de uma forma positiva – quando a sua identidade de género é afirmada e respeitada mediante o uso consciente e cuidado da linguagem.

A partir destes critérios foi possível delinear situações comunicativas que, ao apresentarem diferentes características, permitiram sublinhar a importância da aplicação e o nível de adequação das diferentes abordagens de tradução: **(A)** a narração de Ben; **(B)** o discurso direto das personagens conhecedoras; **(C)** o discurso direto das personagens conhecedoras na presença de personagens não-conhecedoras; **(D)** o discurso direto das personagens não-conhecedoras. Por conseguinte, estes diferentes cenários levaram à identificação de três tipos distintos de abordagens de tradução: tradução auto; tradução queer; tradução neutra. Através destes métodos e tendo em conta os objetivos do presente trabalho foi possível organizar a seguinte hierarquia no respeitante à escolha das diferentes abordagens de tradução: (+) satisfatória; (-) aceitável; (×) inadequada. A título de exemplo, veja-se o seguinte quadro síntese:

	Cenário A	Cenário B	Cenário C	Cenário B
+	Tradução Queer	Tradução Neutra	Tradução Neutra	Tradução Neutra
-	Tradução Neutra	Tradução Queer	Tradução Auto	Tradução Auto
×	Tradução Auto	Tradução Auto	Tradução Queer	Tradução Queer

Quadro nº 8

Este quadro é ilustrativo daquilo que se entende pela hierarquia das abordagens de tradução mais indicadas aquando de um projeto tradutório que partilhe os mesmos objetivos deste projeto. Como já mencionado no capítulo cinco, estas abordagens são relativas aos

possíveis fatores subjacentes a um ato de tradução que inclua identidades de género não-binárias e a linguagem tipicamente associada às mesmas, que tenha como objetivo a visibilidade adequada e a manutenção desta comunidade, nomeadamente: a figura tradutora tem liberdade/controlo total do ato tradutório; a ideologia da figura tradutora é alinhada à noção de Consciência/Comunidade Queer (CQ); a figura tradutora procura estabelecer um equilíbrio entre o estranhamento e a domesticação, tendo em conta as diferentes particularidades e características da comunidade leitora de chegada.

A partir desta marca visual torna-se claro que, não obstante a dificuldade acrescida e a criatividade necessária para a concretização de uma abordagem de tradução neutra, entendeu-se que a mesma é a mais indicada na maioria dos cenários encontrados – Cenário (B), Cenário (C) e Cenário (D) – de forma a estabelecer o equilíbrio mais producente entre as diferentes condições supramencionadas. Para este efeito, constatou-se que as estratégias de tradução não-sexistas como indicadas por Julie Tarif (2015) foram uma boa aposta para atender a estes diferentes fatores. Em particular, foram as estratégias de amplificação, explicitação, modulação, recategorização e supressão que se mostraram as mais viáveis para uma abordagem de tradução neutra. É importante reconhecer que através do uso destas estratégias, o conteúdo semântico do texto de partida tem a possibilidade de sofrer algumas alterações. Contudo, tendo em conta o contexto em que as construções de índole problemática se inserem, foi possível constatar que na maioria dos casos, o mesmo consegue ou ser mantido, ou não apresentar perdas significativas para a comunidade leitora do texto de chegada.

O uso da estratégia de neologismos como proposta por Tarif – estratégia que promove o estranhamento do texto de chegada – merece o seu próprio destaque ao ter-se demonstrado como uma das estratégias mais significativas no respeitante à linguagem tipicamente associada às pessoas não-binárias, quando o objetivo é a sua visibilidade linguística. Se a identidade de género de Ben fosse uma informação de conhecimento geral, esta abordagem seria possível em todos os cenários encontrados¹⁵³ – excetuando os casos em que o próprio texto de partida contenha construções binárias, como ilustrativa de situações propositadas ou acidentais de maldenominação. No entanto, atendendo às características de *I Wish You All the Best*, tal situação só seria pertinente no Epílogo, por ser o único momento da obra em que todas as personagens têm o estatuto de conhecedoras. Ademais, importa

¹⁵³ Note-se que, caso esta fosse uma informação de conhecimento geral, as considerações indicadas sobre o Cenário (C) e o Cenário (D) não seriam aplicáveis, pelo facto de a sua existência passar a ser nula.

sublinhar que esta estratégia não envolveu a criação propriamente dita de neologismos, mas sim uma pesquisa por propostas já desenvolvidas e usadas no âmbito da comunidade não-binária.

Tendo por base as contribuições de Ophelia Cassiano (2019) – pessoa não-binária – no respeitante à criação, divulgação e atualização de uma linguagem tipicamente associada às pessoas não-binárias (como a neolinguagem) na variedade brasileira da língua portuguesa, foi a análise e a consequente aplicação dos neologismos e as regras gramaticais desenvolvidas por Cassiano que permitiram a concretização da estratégia de Tarif. É de reconhecer que esta é uma área em constante evolução e inerentemente permeável, pelo que novas propostas podem surgir e até demonstrar serem mais adequadas para servir os propósitos da comunidade não-binária. Não obstante esta possível e/ou eventual ocorrência, as propostas de Cassiano merecem o devido reconhecimento enquanto contributos pioneiros nesta área tão pouco trabalhada no escopo da língua portuguesa, bem como tão pouco aceite pelas próprias comunidades lusófonas – em particular na sociedade portuguesa. É por este motivo que a adoção destas propostas se constituiu não só como uma estratégia adequada aos desafios linguísticos que o presente trabalho se propôs a enfrentar, mas também como uma posição ideológica em que o seu uso é representativo dos valores éticos associados à vertente ativista dos Estudos de Tradução, nomeadamente no que respeita à visibilidade, à partilha de informações verídicas, e ao absoluto respeito e reconhecimento dos direitos das pessoas não-binárias à sua existência linguística, social e política.

É de notar ainda que, mediante as diferentes observações resultantes de toda a pesquisa que o presente trabalho exigiu, bem como da sua aplicação prática, foram os três modos de tradução propostos por Marc Démont (2018) que permitiram uma leitura muito mais esclarecedora e elucidativa da forma como as diferentes abordagens de tradução que tenham por base as temáticas tipicamente associadas às pessoas não-binárias podem reger o ato tradutório.

Numa fase inicial deste trabalho, considerava-se que uma abordagem de tradução queer era exclusivamente representativa e responsável por uma tradução consciente e fidedigna deste tipo de temáticas. Em oposição, uma abordagem de tradução auto considerava-se como um tipo de abordagem que implicaria sempre uma rejeição, manipulação e/ou eliminação dessas mesmas temáticas. Contudo, a partir dos contributos de Démont verificou-se que uma abordagem de tradução queer pode, inadvertidamente, negligenciar a magnitude dos elementos queer do texto de partida (tradução minorizante) e que uma

abordagem de tradução auto pode revelar-se representativa de uma prática intencional e inclusiva, tendo a possibilidade de ser um verdadeiro modo de *queering/queer translation*. É atendendo às supracitadas diferentes situações comunicativas, que a personagem e a narrativa envolvente à história de Ben apresentam, que foi possível tomar decisões diferenciadas para cada caso.

Deste modo, a marcação de género binária (neste caso, masculina) inerente a uma abordagem de tradução auto pode realmente ter a possibilidade de refletir uma consciência ativa e responsável por parte da figura tradutora. Não obstante esta abordagem exija um nível de atenção e preocupação acrescido, a mesma pode permitir salvaguardar e respeitar os desejos da própria personagem não-binária. É por este motivo que, embora uma abordagem de tradução neutra continue a ser preferível no Cenário (C) e (D), quando se constate que esta abordagem poderá prejudicar em demasia o conteúdo semântico – e por efeito, a comunidade leitora – do texto de chegada, é aconselhável uma abordagem de tradução auto.

Já no caso de uma abordagem de tradução queer, o facto de esta conferir primazia exclusiva a uma marcação de género não-binária – mediante o uso de neologismos – uma aplicação descuidada desta abordagem pode causar situações constrangedoras, contraditórias e inadequadas. Tal justifica-se porque, quer de forma consciente, quer de forma inconsciente, ao não respeitar os desejos da personagem não-binária e/ou ao não prestar atenção aos diferentes cenários possíveis, a figura tradutora pode acabar por maldenominar esta personagem. Desta forma, o uso desta abordagem ou no Cenário (C), ou no Cenário (D), acabará por prejudicar a comunidade leitora do texto de chegada – principalmente se esta não tiver acesso ao texto de partida – para além de contrariar os próprios objetivos deste tipo de projeto tradutório.

Assim, não só considerações de índole tradutória, mas também linguística, literária, social, cultural, política e ideológica foram necessárias e imprescindíveis para a realização deste projeto. As contribuições na área do género e da linguagem permitiram uma desconstrução das categorias binárias presentes não só nestas áreas, mas também na tradução. As características da literatura queer foram elucidativas para uma melhor compreensão desta área tão emergente e a forma como esta pode ajudar a promover uma sociedade mais diversa e inclusiva, através da manutenção e da visibilidade da diferença. Já o uso das diferentes contribuições da tradução ativista, feminista e queer permitiram uma abordagem plural e consciente, atendendo às diferentes preocupações que um ato tradutório desta natureza tem a possibilidade de suscitar. No seu todo, as mesmas permitiram verificar que para além das

diferentes considerações que a obra possa apresentar – como a presença simultânea de personagens conhecedoras e não-conhecedoras – também a própria figura tradutora tem de ser responsável por uma pesquisa interseccional, consciente e inclusiva de conhecimentos, de modo a tratar estas questões com a devida sensibilidade, perícia e minuciosidade. Tendo em conta um processo tradutório consciente e ativo, comprova-se que este tipo de tradução nunca poderá ser praticado num vácuo, mas sim em comunidade. É neste sentido que se considera que a metodologia adotada permitiu um aprofundamento fundamentado das diferentes soluções e conclusões encontradas.

O presente estudo é assim ilustrativo da forma como uma abordagem de índole interseccional, ativista e ideológica aquando do processo tradutório pode influenciar, enriquecer e melhorar o produto final deste processo. Se a viragem cultural nos anos 90 abriu caminho para se refletir sobre o ato tradutório mediante uma lente cultural e política, as contribuições que se registaram desde este primeiro momento e as que continuam a ser desenvolvidas em plena década de 2020 – na qual se inclui o presente trabalho – corroboram não só a veracidade, mas também a importância do impacto desta mesma abordagem.

Nos tempos que correm, as comunidades minoritárias, nomeadamente as minorias sexuais e de género são ainda alvo de ataques físicos, sociais e políticos por parte de diferentes entidades – não só instituições públicas, mas também por figuras individuais e anónimas, razão por que a visibilidade e a divulgação verídica de matérias resultantes e/ou associadas a estas comunidades são práticas de importância acrescida. Pode-se, portanto, afirmar que todo e qualquer tipo de ato tradutório que aborde estas realidades será sempre entendido como um objeto de índole ideológica e política. É neste sentido que não só a linguagem, mas a própria tradução enquanto ferramenta de opressão/libertação se manifesta, visto que as consequências resultantes quer da eliminação, quer da manutenção destas temáticas têm a possibilidade de influenciar e controlar as narrativas que resultam num impacto direto na vida destas comunidades.

Bibliografia

Bibliografia Primária

DEAVER, Mason (2019), *I wish you all the best*. New York, NY: Push.

DEAVER, Mason (2020), *I Wish You All the Best*. S.L.: Push.

Bibliografia Secundária

AUXLAND, Morrigan (2020), “Para Todes: A Case Study on Portuguese and Gender-Neutrality”. *Journal of Languages, Texts, and Society*, Vol. 4, pp. 60-83.

AZEREDO, Olga, PINTO, Isabel e LOPES, Carmo (2011), *Da Comunicação à Expressão – Gramática Prática de Português*. Lisboa: Lisboa Editora S.A.

BAKER, Mona (2010), “Translation and Activism: Emerging Patterns of Narrative Community”. Maria Tymoczko (ed.) *Translation, Resistance, Activism*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 23-41.

Bishop, Rudine Sims (2015), Mirrors, Windows, and Sliding Glass Doors. *Reading is Fundamental. Theory into Practice* 38 (3): 118–19. Disponível em: <https://scenicregional.org/wp-content/uploads/2017/08/Mirrors-Windows-and-Sliding-Glass-Doors.pdf>.

BLACKBURN, Mollie V., CLARK, Caroline T. e NEMETH, Emily A. (2015), “Examining Queer Elements and Ideologies in LGBT-Themed Literature.” *Journal of Literacy Research* 47 (1): 11–48. <https://doi.org/10.1177/1086296x15568930>.

BREVILHERI, Ursula Boreal Lopes, LANZA, Fabio e SARTORELLI, May Romeiro (2022), “Neolinguagem E ‘Linguagem Neutra’: Potencialidades Inclusivas E/Ou Reações Conservadoras.” *Research, Society and Development* 11 (11): e523111133741. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33741>.

BAKER, Mona (2010), *Narratives of terrorism and security: ‘accurate’ translations, suspicious frames*, *Critical Studies on Terrorism*, 3:3, 347-364, DOI: 10.1080/17539153.2010.521639. Último acesso: 29-10-2023.

BUTLER, Judith (1990), *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. London Taylor And Francis Ann Arbor, Michigan Proquest.

BUTLER, Judith (1993), *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of “Sex.”* New York & London: Routledge.

- BUTLER, Judith (2004). *Undoing Gender*. New York and London: Routledge.
- BUTLER, Judith (2017) *Problemas de Género: Feminismo e Subversão da Identidade*. (Tradução de Nuno Quintas). Orfeu Negro.
- CASTRO, Olga e ERGUN, Emek (2018), “Translation and Feminism” in Jon Evans and Fruela Fernandez (eds.), *The Routledge Handbook of Translation and Politics*. London: Routledge, 125-143.
- CHAMBERLAIN, Lori (1988), “Gender and the Metaphorics of Translations.” *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. The University of Chicago Press, 13(3), 454-472.
- CORDOBA, Sebastian (2020), *Exploring Non-Binary Genders: Language and Identity*. Dissertação de Mestrado, De Montfort University.
- Cronin, Michael (2013), *Translation and Globalization*. London & New York: Routledge.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley Cintra (2017), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon.
- DÉMONT, Marc (2018), “On Three Modes of Translating Queer Literary Texts”. Brian James Baer e Klaus Kaindl (ed.) *Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism*. New York & London: Routledge. 157-171.
- EPSTEIN, B. J. e GILLET, Robert (2017), *Queer in Translation*. New York: Routledge.
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2000), “The position of translated literature within the literary polysystem”. Lawrence Venuti (ed.). *The Translation Studies Reader*. London, New York: Routledge.
- FLOTOW, Luise von (1991), “Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories.” *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*, 4(2), 69-84.
- FOUCAULT, Michel (1977), *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. New York: Vintage Books.
- GOMBÁR, Zsófia (2018), “Literary Censorship and Homosexuality in Kádár-Regime Hungary and Estado Novo Portugal”. Brian James Baer e Klaus Kaindl (ed.) *Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism*. New York & London: Routledge. 144-158.
- HARTLEY, John (2002), *Communication, Cultural and Media Studies: The Key Concepts*. New York: Routledge

JOSEPH, Brian (2006), *Becoming Two-Spirit: Gay Identity and Social Acceptance in Indian Country*. Lincoln: University Of Nebraska Press.

KEEGAN, C  el M. (2016), "History, Disrupted: The aesthetic gentrification of queer and trans cinema". *Social Alternatives* Vol. 35 No. 3, 2016. 50-56. Disponível em: https://www.academia.edu/30786151/History_Disrupted_The_aesthetic_gentrification_of_queer_and_trans_cinema.

KLOBUCKA, Anna M. (2007), "Was Cam  es Gay? Queering the Portuguese Literary Canon" (Paper presented at the annual convention of the Modern Language Association, Chicago, 28 December 2007) [Www.academia.edu](https://www.academia.edu/5165187/Was_Cam%C3%B5es_Gay_Queering_the_Portuguese_Literary_Canon), January. Disponível em: https://www.academia.edu/5165187/Was_Cam%C3%B5es_Gay_Queering_the_Portuguese_Literary_Canon.

KRYLOVA, Anna (2016), "Gender Binary and the Limits of Poststructuralist Method". *Gender & History*, Vol.28 No.2 August 2016, pp. 307–323.

LEFEVERE, André (2017), *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. New York: Routledge

M  DER, Guilherme e MOURA, Heronides (2015), O masculino genérico sob uma perspectiva cognitivo-funcionalista. *Revista do GELNE*, [S. l.], v. 17, n. 1/2, p. 33–54 Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/10173>.

MARINUCCI, Mimi (2010), *Feminism Is Queer*. New York: Bloomsbury Publishing.

MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês e FARIA, Isabel Hub (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

MORGENROTH, Thekla, e RYAN, Michelle K. (2020), "The Effects of Gender Trouble: An Integrative Theoretical Framework of the Perpetuation and Disruption of the Gender/Sex Binary." *Perspectives on Psychological Science* 16 (6): 174569162090244. <https://doi.org/10.1177/1745691620902442>.

PEREIRA, Zoe de Miranda (2022), "Um Aprofundamento no Uso do Singular *They* e da Neolinguagem Não Binária: Implica  es e Preconceitos". *Revista Philologus*, Ano 28, n. 82, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./mai.2022. 251-262.

PILCHER, Jane e WHELEHAN, Imelda (2004), *Fifty Key Concepts in Gender Studies*. London: Sage Publications.

PINTO, José, PARREIRA, Manuela e LOPES, Maria do Céu Vieira (1994), *Gramática do Português Moderno*. Lisboa: Plátano Editora S.A.

RICHARDS, Christina e BARKER, Meg John (2015), *The Palgrave Handbook of the Psychology of Sexuality and Gender*. London: Palgrave Macmillan.

RINE, Abigail (2010), "Phallus/Phallocentrism". *Faculty Publications - Department of English*. 76. Disponível em: https://digitalcommons.georgefox.edu/eng_fac/76.

SBICCA, Joshua (2012), "Eco-queer movement(s): Challenging heteronormative space through (re)imagining nature and food". *European Journal of Ecopsychology* 3: 33–52. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271527827_Eco-queer_movements_Challenging_heteronormative_space_through_reimagining_nature_and_food#:~:text=This%20article%20contends%20that%20the,and%20sexuality%2C%20while%20simultaneously%20transforming.

SCHNABEL, Landon, ABDELHADI, Eman, ZASLAVSKY, Katherine A. A., HO, Jacqueline e TORRES-BELTRAN, Angie (2022), "Gender, Sexuality, and Religion: A Critical Integrative Review and Agenda for Future Research." *SocArXiv*. January 7. doi:10.31235/osf.io/gn8sp.

SIMON, Sherry (1996), *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. London & New York: Routledge.

SMITH, Nat e STANLEY, Eric A. (2011), *Captive Genders: Trans Embodiment and the Prison Industrial Complex*. Oakland: AK Press.

STRYKER, Susan (2008), *Transgender History*. Berkeley, Ca: Seal Press.

TARIF, Julie (2015), "“Hey Guys, Once upon a Time Was Sexist Language ...”" *Transcultural: A Journal of Translation and Cultural Studies* 7 (1): 35-62. Disponível em: <https://doi.org/10.21992/t9zp7h>.

TATONETTI, Lisa (2021), *Written by the Body: Gender Expansiveness and Indigenous Non-Cis Masculinities*. Minneapolis | London: University of Minnesota Press.

THOMAS, Victoria E. (2019), "Gazing at 'It': An Intersectional Analysis of Transnormativity and Black Womanhood in Orange Is the New Black." *Communication, Culture and Critique* 13 (4). <https://doi.org/10.1093/ccc/tcz030>.

TYMOCZKO, Maria (2010), *Translation, Resistance, Activism*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press.

VAID-MENON, Alok (2020), *Beyond the Gender Binary*. New York: Penguin Workshop.

VENUTI, Lawrence (1995), *The Translator's Invisibility*. London, New York: Routledge.

VENUTI, Lawrence (1998), *The scandals of translation. Towards an ethics of difference*. London and New York: Routledge.

VENUTI, Lawrence (2000), *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge.

VICENTE, Lúcia (2023), *No Meu Bairro*. Lisboa: Nuvem de Letras.

VILELA, Mário (1973), Considerações sobre o género. *Revista da Faculdade de Letras – Filologia*. Porto: Universidade do Porto.

WILCHINS, Riki (2004), *Queer Theory, Gender Theory: An Instant Primer*. Los Angeles: Alyson Books.

Webgrafia

ALMEIDA, José (2023), "ficar de boca aberta" *Dicionário Aberto de Calão e Expressões Idiomáticas*. Projeto Natura. Uminho. Disponível em: <https://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf>. Último acesso: 27-10-2023.

ALMEIDA, José (2023), "ter um parafuso a menos" *Dicionário Aberto de Calão e Expressões Idiomáticas*. Projeto Natura. Uminho. Disponível em: <https://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf>. Último acesso: 27-10-2023.

ALVES, Jorge (2009), "Narrador" *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <https://edtl.fcs.unl.pt/encyclopedia/narrador>. Último acesso: 27-10-2023.

APF (2022), "Identidade E Orientação Sexual." APF. 2022. <https://apf.pt/informacao-tematica/sexualidade/identidade-e-orientacao-sexual/>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. "Bitter". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/bitter>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. "Brave". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/brave>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. "Focused". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/focused>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. "Good". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/good>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. "Leave Behind". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/leave-behind?q=left+behind>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. "Lost". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/lost>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. "Lucky". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/lucky>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. "Offend". Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/offend>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. “Queer”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/queer>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. “Shy”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/shy>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. “Spaced Out”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/spaced-out>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. “Spacey”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/spacey>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. “Tired”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/tired>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. “Understanding”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/understanding>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. “Upset”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/upset>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. “Weird”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/weird>. Último acesso: 27-10-2023.

Cambridge Dictionary. “Yourself”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/yourself?q=by+yourself>. Último acesso: 27-10-2023.

CARBAJAL, Mariana (2022), “How Latin American Populists Are ‘Weaponising’ Trans Rights.” *OpenDemocracy*. <https://www.opendemocracy.net/en/5050/trans-rights-lgbt-latin-america-brazil-bolsonaro/>. Último acesso: 27-10-2023.

CARLICK, Stephen (2023), “A History of LGBTQ+ Literature.” *Www.penguin.co.uk*. June 1, 2023. <https://www.penguin.co.uk/articles/2023/06/fiction-lgbtq-history-novels>. Último acesso: 27-10-2023.

CASSIANO, Ophelia (2019), “Guia Para ‘Linguagem Neutra’ (PT-BR).” “Linguagem Neutra” (PT-BR). *Medium*. <https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>. Último acesso: 27-10-2023.

CIG, (2023), “Glossário.” Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género <https://www.cig.gov.pt/bases-de-dados/glossario/>. Último acesso: 27-10-2023.

CRENSHAW, Kimberlé (1989), “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist

Politics.” *University of Chicago Legal Forum* 1989 (1): 139–67. <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Último acesso: 27-10-2023.

DEAVER, Mason (2018) “FAQ.” MASON DEAVER. 2018. <https://www.masondeaverwrites.com/sgfd>. Último acesso: 27-10-2023.

DEAVER, Mason (2023), https://www.instagram.com/p/Cx_EKj0xZZT/?hl=en. Último acesso: 27-10-2023.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. “Queer”. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/queer>. Último acesso: 27-10-2023.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. “Unha”. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/unha>. Último acesso: 27-10-2023.

DONAHUE, Allison (2016) “On Reading and Translating Queer Literature” *The American Literary Translators Association*. <https://www.literarytranslators.org/blog/reading-and-translating-queer-literature>. Último acesso: 27-10-2023.

Harry Ransom Center (2013) <https://www.hrc.utexas.edu/about/>. Último acesso: 27-10-2023.

Harry Ransom Center (2022) <https://www.hrc.utexas.edu/teaching/radclyffe-hall-una-vincenzo-lady-troubridge/publishing/>. Último acesso: 27-10-2023.

ILGA Europe (2023), “Rainbow Europe Map and Index 2023” *ILGA Europe*. <https://www.ilga-europe.org/report/rainbow-europe-2023/>. Último acesso: 27-10-2023.

LAFRANCE, Samantha (2023), IT’S NOT JUST FLORIDA: 4 NEW ‘DON’T SAY GAY’ LAWS PASSED IN 2023. Retirado de: <https://pen.org/4-new-dont-say-gay-laws-passed-in-2023/>. Último acesso: 27-10-2023.

LAYTON, Amy (2023), Banned Books Blog: August 2023. Boston Public Library. <https://www.bpl.org/blogs/post/banned-books-blog-august-2023/> Último acesso: 27-10-2023.

Lusa e P3 (2022) “Livraria Aberta Celebra Um Ano a Resgatar a História ‘Queer’ em Portugal.” PÚBLICO. June 27, 2022. <https://www.publico.pt/2022/06/27/p3/noticia/livraria-aberta-celebra-ano-resgatar-historia-queer-portugal-2011490>. Último acesso: 27-10-2023.

MALATO, José Carlos (2022), <https://www.instagram.com/p/Ch8VvC3t1Xo/>. Último acesso: 27-10-2023.

MAURICE, Emma Powys (2020) “Award-Winning Non-Binary Author Was Told Their Trans Teen Romance ‘Would Never Sell’. They Proved All Their Doubters Wrong.” PinkNews | Latest Lesbian, Gay, Bi and Trans News | LGBTQ+ News. December 15, 2020.

<https://www.thepinknews.com/2020/12/15/pinknews-young-adult-book-year-mason-deaver-i-wish-you-all-the-best-non-binary-trans-teen-romance/>. Último acesso: 27-10-2023.

Merriam-Webster Dictionary. “Tutor”. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/tutor>. Último acesso: 27-10-2023.

NHM (2020), “Beyond Gender: Indigenous Perspectives, Fa’afafine and Fa’afatama | Nhm.” Nhm.org. <https://nhm.org/stories/beyond-gender-indigenous-perspectives-faafafine-and-faafatama>. Último acesso: 27-10-2023.

OLSON, Eve (2015), "What is Fan Translation or Fanslation?" Translation Excellence. Disponível em: <https://translationexcellence.com/what-is-fan-translation-or-fanslation/>

OLSON, Eve 2015, “What Is Fan Translation or Fanslation?” *Translation Excellence*. <https://translationexcellence.com/what-is-fan-translation-or-fanslation/>. Último acesso: 27-10-2023.

Orientando (2017), “O Que é Intersexo?” *Orientando – Um Espaço de Aprendizagem*. 2017. <https://orientando.org/o-que-e-intersexo/>. *Texto em grande parte traduzido e adaptado da Sociedade Intersexo da América do Norte (<http://www.isna.org>). Fontes: What is intersex?, What’s the history behind the intersex rights movement?* Último acesso: 27-10-2023.

Orientando, (2018) “Lista de Identidades Não-Binárias.” *Orientando*. <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>. Último acesso: 27-10-2023.

Orientando, (2019) “Testador de Conjuntos: Modo Avançado.” *Orientando*. <https://orientando.org/conjuntos/avancado/>. Último acesso: 27-10-2023.

Orientando, (2019), “O Que é Neolinguagem?” *Orientando*. <https://orientando.org/o-que-e-neolinguagem/>. Último acesso: 27-10-2023.

PETERS, Torrey (2021), “Tommy Dorfman Would like to Clarify.” *Time*. <https://time.com/6081874/tommy-dorfman-interview/#:~:text=Dorfman%3A%20It>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “amargura” no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/amargura>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “cansaço” no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cansaço>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “chateado” no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/chateado>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “compreender” no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/compreender>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “coragem” no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/coragem>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “focalização (narrativa)” na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$focalizacao-\(narrativa\)](https://www.infopedia.pt/$focalizacao-(narrativa)). Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “mentira” no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mentira>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “mentiroso” no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mentiroso>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “pansexual” no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pansexual>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “pasmado” no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pasmado>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “queer” no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/queer>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “sorte” no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sorte>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “tokenismo” no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tokenismo>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “vergonha” no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/vergonha>. Último acesso: 27-10-2023.

Porto Editora – “xiismo” no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/xiismo>. Último acesso: 27-10-2023.

Projeto Natura (2023), “Não é a minha cena” Disponível em: <https://natura.di.uminho.pt/svn/main/dpl/example/from-Bruno-Miranda>. Último acesso: 27-10-2023. Último acesso: 27-10-2023.

REA. n.d. “Glossário Lgbti • Rede Ex Aequo – Associação de Jovens Lgbti E Apoiantes.” Rea.pt. <https://rea.pt/apoio/questoes/glossario-lgbt>. Último acesso: 27-10-2023.

RHUDE, Kristofer (2018), “The Third Gender and Hijras.” Rpl.hds.harvard.edu. Harvard Divinity School. <https://rpl.hds.harvard.edu/religion-context/case-studies/gender/third-gender-and-hijras>. Último acesso: 27-10-2023.

RIBEIRO, Maria João (2014) A paralinguagem não é “paranormal”. *corporalmente falando*. <https://blogs.sapo.pt/profile?blog=corporalmentefalando>. Último acesso: 27-10-2023.

RITA, Annabela (2009), “Focalização” *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/narrador>. Último acesso: 27-10-2023.

ROSS, Lori (2018), “Researching for LGBTQ Health.” Lgbtqhealth.ca. <https://lgbtqhealth.ca/community/two-spirit.php>. Último acesso: 27-10-2023.

Trans Legislation Tracker. 2023. “2023 Anti-Trans Bills: Trans Legislation Tracker.” Translegislation.com. 2023. <https://translegislation.com/>. Último acesso: 27-10-2023.

TV Tropes (2009a.) “Bury Your Gays” *TV Tropes*. <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BuryYourGays>. Último acesso: 27-10-2023.

TV Tropes (2009b.), “Token Minority.” *TV Tropes*. <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/TokenMinority>. Último acesso: 27-10-2023.

TV Tropes. 2016. “Scary Minority Suspect.” *TV Tropes*. 2016. <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ScaryMinoritySuspect>. Último acesso: 27-10-2023.

UCMERCED, (2023), “Gender Inclusive Language & Pronouns | LGBTQ+ Pride Center.” <https://lgbtqpridecenter.ucmerced.edu/education-workshops/education/gender->

[inclusive-language-pronouns#:~:text=What%20is%20the%20difference%20between](#). Último acesso: 27-10-2023.

VALENTE, Pedro (2020), “O ‘X’ E O ‘@’ Não São a Solução: Sistema Elu | Linguagem Neutra Em Género.”. *Medium*. <https://pedroattv.medium.com/sistema-elu-linguagem-neutra-em-g%C3%A9nero-pt-pt-9529ed3885cf>. Último acesso: 27-10-2023.

WRATTEN, Marcus (2023), “10 TV Shows with Non-Binary Characters That Are Doing Representation Right.” *PinkNews | Latest Lesbian, Gay, Bi and Trans News | LGBTQ+ News*. March 31, 2023. <https://www.thepinknews.com/2023/03/31/best-non-binary-characters-tv/>. Último acesso: 27-10-2023.

YANG, Maya (2023), Florida board approves expansion of ‘don’t say gay’ ban to all school grades. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/us-news/2023/apr/19/florida-education-board-approves-expansion-dont-say-gay-bill>. Último acesso: 27-10-2023.

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

**Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas**

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal